

Marília de Andrade • Êsio Macedo Ribeiro

ORGANIZADORES

MARIA ANTONIETA D'ALKMIN E
OSWALD DE ANDRADE:
MARCO ZERO



edusp

MARIA ANTONIETA D'ALKMIN E OSWALD DE ANDRADE: MARCO ZERO

HOMENAGEM AOS 60 ANOS DE *MARCO ZERO*



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Adolpho José Melfi
Vice-reitor Hélio Nogueira da Cruz



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Plínio Martins Filho

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente José Mindlin
Vice-presidente Oswaldo Paulo Forattini
Brasílio João Sallum Júnior
Carlos Alberto Barbosa Dantas
Guilherme Leite da Silva Dias
Laura de Mello e Souza
Murillo Marx
Plínio Martins Filho

Diretora Editorial Silvana Biral
Diretora Comercial Eliana Urabayashi
Diretora Administrativa Angela Maria Conceição Torres
Editora-assistente Marilena Vizentin



OFICINA DO LIVRO RUBENS BORBA DE MORAES

Editor Cláudio Giordano

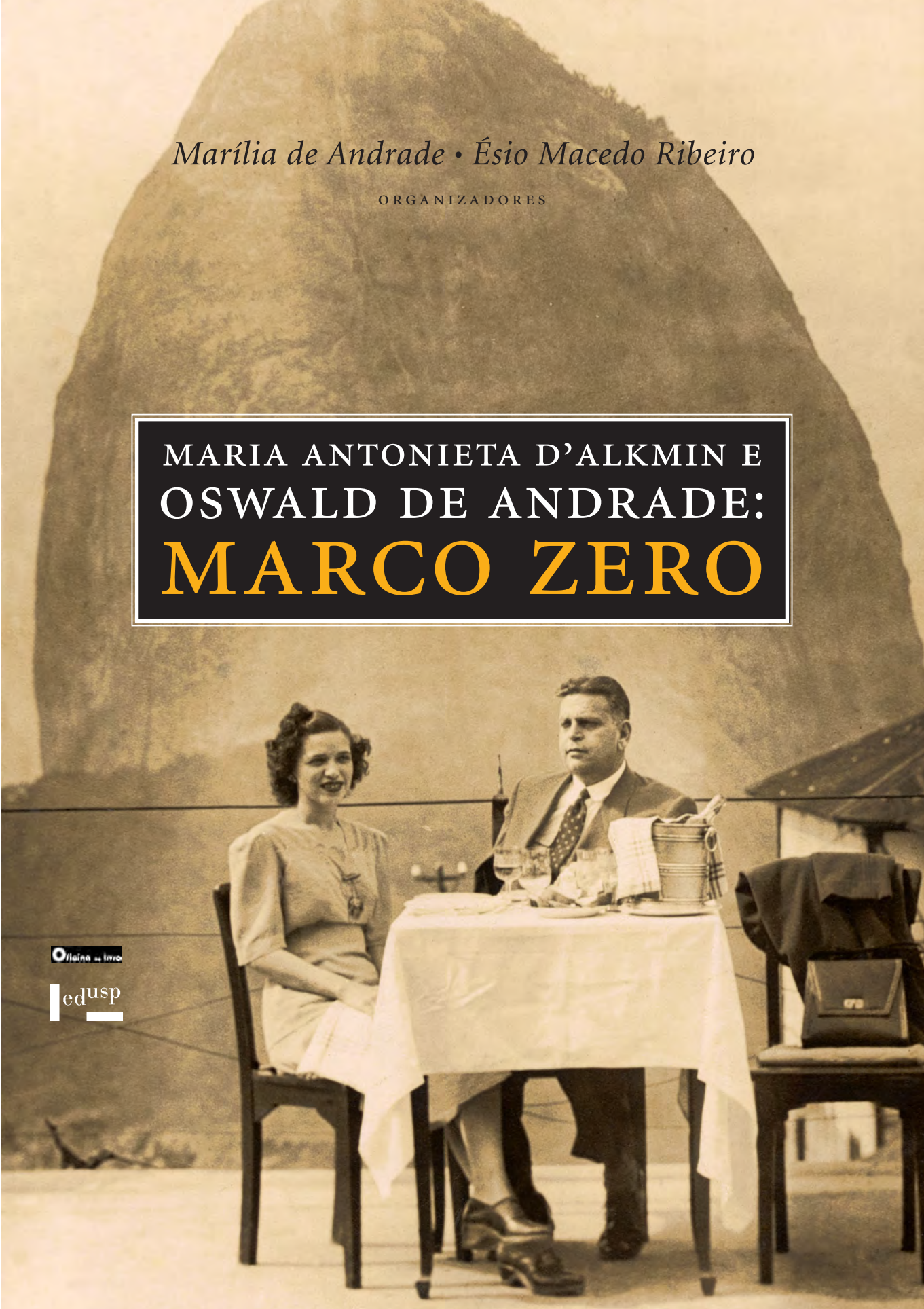
Marília de Andrade • Ézio Macedo Ribeiro

ORGANIZADORES

MARIA ANTONIETA D'ALKMIN E
OSWALD DE ANDRADE:
MARCO ZERO

 Oficina de livro

 edusp



Copyright © 2003 by Marília de Andrade

APOIO CULTURAL



Esta edição está disponível no portal de livros abertos da Edusp (www.livrosabertos.edusp.usp.br). É uma versão eletrônica da obra impressa. É permitida sua reprodução parcial ou total, desde que citadas a fonte e a autoria. É proibido qualquer uso para fins comerciais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Maria Antonieta d'Alkmin e Oswald de Andrade: Marco Zero / projeto e organização Marília de Andrade, Êsio Macedo Ribeiro. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

Bibliografia.

ISBN 85-314-0753-2 (Edusp)

1. D'Alkmin, Maria Antonieta, 1919-1969 2. Andrade, Oswald de, 1890-1954 3. Cartas brasileiras 4. Modernismo (Literatura) – Brasil
I. Andrade, Marília de. II. Ribeiro, Êsio Macedo.

02-6451

CDD-869.96

Índices para catálogo sistemático:

1. Correspondência: Literatura brasileira 869.96

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Av. Prof. Luciano Gualberto, Travessa J, 374
6º andar – Ed. da Antiga Reitoria – Cidade Universitária
05508-900 – São Paulo – SP – Brasil Fax (11) 3091-4151
Tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Edição impressa em coedição com a Oficina do Livro
Rubens Borba de Moraes e Imprensa Oficial do Estado de SP.

Printed in Brazil 2003

Foi feito o depósito legal

Sumário

APRESENTAÇÃO	9
<i>Ésio Macedo Ribeiro</i>	
CRONOLOGIA	15
<i>Ésio Macedo Ribeiro e Marília de Andrade</i>	
CIRANDAS DE AMOR E ARTE	21
<i>Maria Augusta Fonseca</i>	
EVOCAÇÕES (OSWALD DE ANDRADE EM MINHA VIDA)... ..	29
<i>Maria Antonieta d'Alkmin</i>	
CORRESPONDÊNCIA (1942-1954)	95
<i>Maria Antonieta d'Alkmin e Oswald de Andrade</i>	
1942	97
1943	111
1945	112
1949	117
1954	118
CARTA AOS FILHOS ANTONIETA MARÍLIA E PAULO MARCOS	123
<i>Oswald de Andrade</i>	

DEDICATÓRIAS (1943-1954)	127
<i>Oswald de Andrade</i>	
TRÊS POEMAS E UMA REDAÇÃO	151
<i>Paulo Marcos de Andrade</i>	
OSWALD E MARIA ANTONIETA: FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS E FANTASIAS	159
<i>Marília de Andrade</i>	
<i>Apêndices</i>	
SERENIM À JANELA FECHADA DE OSWALD DE ANDRADE	183
<i>Edgard Braga</i>	
O “ROMANCE EPISTOLAR” DE OSWALD E ANTONIETA	187
<i>Vera M. Chalmers</i>	
ACERVOS	195
ÍNDICE ONOMÁSTICO	197

Apresentação

ÉSIO MACEDO RIBEIRO

ESTE LIVRO SE ABRE COM O TEXTO INÉDITO DE MARIA ANTONIETA D'ALKMIN, “Evocações (Oswald de Andrade em Minha Vida)”, que foi, infelizmente, deixado inacabado. Mesmo incompleto, é um documento importantíssimo para compor a biografia de Oswald de Andrade no tocante ao capítulo de sua vida ao lado de Maria Antonieta, aos bastidores da confecção do romance *Marco Zero – A Revolução Melancólica* e às formas embrionárias do poema “Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão”.

“Evocações”, por ter ficado inconcluso, preenche em parte esta lacuna. O texto tem um frescor, uma elegância e uma paixão que emocionam. Nele encontramos o Oswald-criador, o Oswald-pai, o Oswald-marido, o Oswald-amigo, seu processo criativo, suas viagens e contatos ao lado de uma Maria Antonieta mulher, mãe, amante, companheira, amiga, cúmplice.

Não se espere, entretanto, verossimilhança, concatenações precisas e rigores históricos. Escrito sete anos após a morte de Oswald e sucinto, o texto revela-nos facetas não divulgadas até agora do grande homem Oswald e de sua última mulher.

Maria Antonieta considerou 24 títulos para o seu texto, até se definir pelo que ficou valendo. Dos títulos considerados por ela alguns aparecem suprimidos:

- (1) *Evocações*,
- (2) *Evocações de Oswald*,
- (3) *Oswald de Andrade Visto por Mim*,
- (4) *Retrato de Oswald de Andrade*,
- (5) *O Poeta Visto pela Musa*,

- (6) ~~A Musa Casou com o Poeta,~~
- (7) ~~Fui Musa de um Escritor,~~
- (8) O Poeta Casou com a Musa,
- (9) Minha Vida com Oswald de Andrade,
- (10) Minha Vida com o Poeta,
- (11) Minha Vida com o Escritor,
- (12) Oswald de Andrade em Minha Vida,
- (13) ~~Um Poeta em Minha Vida,~~
- (14) ~~Um Escritor em Minha Vida,~~
- (15) ~~Um Poeta Entregou-me a Vida,~~
- (16) ~~Casei-me com um Poeta,~~
- (17) ~~Casei-me com um Escritor,~~
- (18) ~~O Poeta Morreu em Meus Braços,~~
- (19) O Céu, a Terra, o Mar e o Oswald,
- (20) Céu, Terra, Mar e Oswald,
- (21) Oswald, como Eu o Vi,
- (22) ~~Vida Vivida com Oswald,~~
- (23) ~~Vida Vivida ao Lado de Oswald e~~
- (24) **Evocações (Oswald de Andrade em Minha Vida).**

Os manuscritos de “Evocações” estão em um caderno ESPIRAL “RACY” (16 x 23 cm) com capa marmorizada, de cor verde, com 189 folhas, numeradas no alto, à direita, apenas na frente da folha, autógrafo a lápis preto.

Centralizado, no alto da capa do caderno, aparece escrito a lápis preto o título: “Evocações”. No centro, em uma etiqueta original da fábrica de cadernos E. Racy Cia., também a lápis preto, o subtítulo, o nome da autora e a data de início do texto: “(Oswald de Andrade em Minha Vida) – Maria Antonieta d’Alkmin – Em 26-9-961” e, sob este texto, outro, autógrafo a tinta azul, suprimido: “~~Antonieta Marília nº 2 – 1º CB – Química Teórica~~”. No canto inferior direito, autógrafo a lápis preto: “Nº 1”, início de que a autora, provavelmente, pretendia dar continuidade ao seu relato.

As folhas do caderno foram numeradas manualmente no alto à direita, sendo que as primeiras cinco não estão numeradas, as seguintes numeradas de 1 a 193. Da página 194 só restou um fragmento da parte inferior, a parte superior fora rasgada. Das folhas não numeradas foram utilizadas as de números 1 (frente e verso), 2 (frente) e 3 (frente e verso). Das numeradas, foram utilizadas de 1 a 2 (frente e verso), 3 (frente) e 4 (frente), nesta última só está escrita no alto a palavra: “Dedico”. Da 5 a 29 foram utilizadas todas as folhas frente e verso e a página 30, somente a frente. As

páginas de 31 a 193 estão em branco e a 194 (pela metade) foi utilizada frente e verso. Há um salto na numeração das folhas do caderno, da página 166 para a 177. Daí em diante haverá continuidade até a 194.

Além deste caderno, Maria Antonieta deixou versões manuscritas de “Evocações” em papéis avulsos: “(Trecho de ‘Evocações’, em preparo)”, autógrafo a lápis preto, três folhas de papel para desenho “Rotary”. As folhas 1 e 3, medindo 22 x 28,5 cm e a folha 2, rasgada pela metade, 22 x 15 cm. A folha 1 anotada frente e verso, a 2 (numerada no alto: “2”) e a 3 apenas frente; e “[Anotações de Evocações]”, autógrafo a lápis preto, folha de papel de seda recortada (10,2 x 13,2 cm), anotada apenas na frente.

Era intenção de Maria Antonieta transcrever em determinados trechos de seu depoimento alguns textos de Oswald publicados anteriormente. Respeitando este seu projeto inicial e para elucidar alguns de seus comentários fiz as inserções de acordo com notas da própria autora. São três textos:

1. “Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão” – poema feito para ela.
2. “Branca de Neve” – crônica sobre a pianista Anna Stella Schik.
3. “O Caminho Percorrido (Conferência Pronunciada em Belo Horizonte)”.

A idéia inicial era publicar “Evocações” separadamente, mas após o estabelecimento do texto percebi que ele poderia ser ainda enriquecido por haver material inédito escrito por Oswald e Maria Antonieta e, por sugestão de Marília de Andrade, ampliei o projeto acrescentando a correspondência trocada entre eles e as dedicatórias de Oswald em livros ofertados a Maria Antonieta*.

É apresentada toda a correspondência entre Oswald e Maria Antonieta que resistiu ao tempo. São 23 documentos distribuídos entre cartas, bilhetes, cartão-postal e telegramas: dezenove de Oswald, dos quais dezoito (seis cartas, um cartão-postal, um telegrama e dez bilhetes) destinados a Maria Antonieta e uma carta aos filhos do casal (Antonieta Marília e Paulo Marcos) e mais quatro (três cartas e um telegrama) de Maria Antonieta a Oswald. São 21 as dedicatórias.

Inseri, ainda, fotos da família, da coleção de Marília de Andrade. Tanto o texto “Evocações (Oswald de Andrade em Minha Vida)” como a correspondência (cartas, telegramas, bilhetes e cartão-postal) e as dedicatórias são inéditos. Quanto às fotos, algumas já foram publicadas.

* Em 1999, esta correspondência e parte da biblioteca de Oswald foram adquiridas pelo Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio” (Cedae), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Complementando o volume, três poemas (“O Louco”, “As 7 Pernas do Mar” e “Ideal”) e uma redação (“Meu Pai”), de Paulo Marcos de Andrade, e o texto “Oswald e Maria Antonieta: Fragmentos de Memórias e Fantasias”, de Marília de Andrade. Os dois primeiros poemas de Paulo Marcos foram publicados na efêmera (cinco números apenas) *Invenção – Revista de Arte de Vanguarda* (1962), o poema “Ideal” no *Diário de S. Paulo* (10.02.1963), a redação é inédita. O texto de Marília foi publicado no número especial da revista *Remate de Males* (Unicamp, 1986) dedicado a Oswald de Andrade.

Por se tratar de publicações voltadas para um público muito restrito e por já estarem esgotadas, torna-se importante republicar esses textos, principalmente o de Marília de Andrade, que elucida alguns pontos pouco explorados por Maria Antonieta nas suas “Evocações”. Este texto foi revisto para publicação no livro *Obra Incompleta* de Oswald de Andrade, sob a coordenação de Jorge Schwartz, a ser publicado pela Coleção Archivos. Para esta nossa publicação foi acrescentada uma foto inédita de Marília dançando à Isadora Duncan e, das sete incluídas anteriormente, uma fora suprimida.

Visando facilitar a leitura, apresentei a correspondência trocada entre Oswald e Maria Antonieta por ordem cronológica e numerada sequencialmente de 1 a 22. A carta de Oswald aos filhos (Antonieta Marília e Paulo Marcos) vem em capítulo separado e sem numeração. Ao final de cada um desses documentos, inseri a sua descrição técnica e alguns deles vêm representados em fac-símile.

As dedicatórias também foram ordenadas cronologicamente. Ao lado dos fac-símiles de todas as páginas com dedicatórias, suas transcrições. Posposta cada uma delas a referência bibliográfica, seguida, algumas vezes, de notas.

Alguns lapsos evidentes de redação e de pontuação, tanto no texto de Maria Antonieta quanto na correspondência trocada entre ela e Oswald, foram corrigidos de acordo com a ortografia oficial atualmente vigente.

No apêndice, um desenho (“Retrato de Oswald de Andrade”) e um poema de Edgard Braga, grande amigo do casal: “Serenim à Janela Fechada de Oswald de Andrade”, que se divide em três partes: “O Rei e a Vela”, “Solo Surdina” e “Adeus em Andante”. O poema, uma homenagem póstuma a Oswald, é inédito em livro. Foi publicado no Suplemento Literário de *O Tempo* (ano I, n. 16, São Paulo, outubro de 1954).

Encerrando o livro, um estudo sobre a correspondência trocada entre Oswald e Maria Antonieta, realizado por Vera M. Chalmers. O texto foi publicado anteriormente no livro *Prezado Senhor, Prezada Senhora – Estudos sobre Cartas*, organizado por Walnice Nogueira Galvão e Nádia Batella Gotlib (Companhia das Letras, 2000).

Finalmente, não posso deixar de agradecer a algumas pessoas e instituições que tiveram, direta ou indiretamente, alguma participação neste projeto. A começar por

Marília de Andrade, que me confiou este trabalho, a quem agradeço pela ajuda inestimável durante todo o processo de organização do livro, pelos dias agradáveis em sua chácara próxima a Campinas, pelo carinho e amizade. A Antonio Augusto Arantes e Kika Graciano, pela ajuda incondicional. A Rudá de Andrade. Às amigas Gênese Andrade da Silva e Maria Augusta Fonseca, primeiras leitoras, pelas observações, sugestões e críticas. A Cláudio Giordano, que acreditou no projeto desde o primeiro instante. A Vera M. Chalmers. A Jorge Schwartz. A José Mindlin. A George Finkelstein. Ao Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulalio” (Cedae), Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e à sua equipe de funcionárias: Ana Carmem Barca, Carmem Lúcia Antonio, Flávia Carneiro Leão e Sílvia Ferraresso Augusto, que muito prontamente me auxiliaram na localização de documentos do Fundo Oswald de Andrade. À Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Ao Serviço de Biblioteca e Documentação, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP). Ao Memorial do Ensino Municipal, Memória Técnica Documental do Município de São Paulo. À Biblioteca Pedagógica Professora Alaíde Bueno Rodrigues. À Escola Municipal de Ensino Fundamental “Professora Maria Antonieta d’Alkmin Basto”. Ao apoio da empresa Andrade e Arantes – Consultoria e Projetos Culturais.

Cronologia

ÉSIO MACEDO RIBEIRO
MARÍLIA DE ANDRADE

1890

11 de janeiro – Nasce, em São Paulo, José Oswald Sousa Andrade, filho de José Nogueira de Andrade e Inês Inglês e Sousa de Andrade. Oswald era filho único.

1919

1º de junho – Nasce em Piracicaba, Estado de São Paulo, Maria Antonieta d’Alkmin, filha de José Lino d’Alkmin e de Maria Marques d’Alkmin. O casal teve sete filhos, quatro homens e três mulheres.

1940

25 de janeiro – Maria Antonieta conhece Oswald em Piracicaba, SP.
Oswald candidata-se, pela segunda vez, à Academia Brasileira de Letras, enviando uma carta aberta aos imortais.

1941

Maria Antonieta é contratada como secretária de Oswald, para auxiliá-lo na pesquisa de material para a elaboração do romance *Marco Zero*.

1942

Oswald separa-se, oficialmente, de Julieta Bárbara Guerrini.
Expõe trabalhos de pintura na Sala dos Intelectuais, no VII Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo.
14 de dezembro – Maria Antonieta forma-se normalista, em São Paulo.

1943

19 de junho – Casam-se, por procuração em Chihuahua, México. Realizam cerimônia religiosa, com um pastor protestante, no apartamento da rua Aurora, que havia sido alugado por Oswald para o casal.

Oswald publica o primeiro volume de *Marco Zero: A Revolução Melancólica*.

Maria Antonieta ingressa na Escola de Sociologia e Política, em São Paulo.

1944

Oswald é convidado por Juscelino Kubitschek para ir a Minas Gerais. Viaja a Belo Horizonte com um grupo de artistas, entre os quais Volpi e Mário Schenberg, e faz uma conferência na Exposição de Arte Moderna.

Oswald começa em fevereiro no *Correio da Manhã* a coluna “Telefonema” (até outubro de 1954).

Em junho, passa a colaborar no *Diário de S. Paulo*, com a coluna “Feira das Sextas” (até junho de 1954).

Publica o poema “Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão”, opúsculo encartado na *Revista Acadêmica*, n. 64, ano X, junho de 1944.

1945

Oswald participa do I Congresso Brasileiro de Escritores.

Presta concurso para a cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, com a tese *A Arcádia e a Inconfidência*.

Rompe com o Partido Comunista do Brasil e com Luís Carlos Prestes, seu secretário geral. Continua sendo da esquerda.

Publica o segundo volume de *Marco Zero: Chão*, o poema “Canto do Pracinha Só” (*Revista Acadêmica*, n. 66, ano XI, Rio de Janeiro, novembro de 1945), *Poesias Reunidas de O. Andrade* e reúne no volume *Ponta de Lança* artigos esparsos.

Faz a saudação a Pablo Neruda em visita ao Brasil.

15 de novembro – Nasce, em São Paulo, a filha do casal Antonieta Marília de Oswald de Andrade.

1947

Oswald publica “O Escaravelho de Ouro” na *Revista Acadêmica*, n. 68, ano XII, Rio de Janeiro, julho de 1947.

Em outubro, candidata-se a delegado regional da Associação Brasileira de Escritores, mas não se elege. Protesta e desliga-se da associação em bilhete-aberto ao

escritor Sérgio Buarque de Holanda, então presidente da Seção Estadual da entidade.

1948

Oswald combate, no Congresso Paulista de Poesia, os poetas da “Geração de 45”.

Pronuncia em Bauru, SP, a conferência “O Sentido do Interior”.

28 de abril – Nasce, em São Paulo, o filho do casal Paulo Marcos d’Alkmin de Andrade.

1949

Oswald escreve na *Folha de S. Paulo* a coluna “3 Linhas e 4 Verdades”, até 1950.

Maria Antonieta colabora continuamente com o trabalho de Oswald, além de escrever seus próprios textos para crianças, os quais lê, diariamente, para Oswald e os filhos. Os textos permanecem, até hoje, inéditos.

Oswald faz excursão a Iguape, com Albert Camus, para assistir às tradicionais festas do Divino. É encarregado de apresentar e saudar o escritor francês de passagem por São Paulo para fazer conferências.

25 de janeiro – Pronuncia a conferência “Civilização e Dinheiro”, no Centro de Debates Casper Líbero.

19 de maio – Pronuncia a conferência “Novas Dimensões da Poesia”, no Museu de Arte de São Paulo.

5 de novembro – Faz conferência na Faculdade de Direito em homenagem a Rui Barbosa.

1950

Oswald apresenta a tese *A Crise da Filosofia Messiânica* para a cadeira de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Não presta concurso por razões de ordem formal.

É candidato a deputado federal pelo PRT (Partido Republicano Trabalhista) em São Paulo. Seu *slogan*: “Pão / Teto / Roupas / Saúde / Instrução / Liberdade”.

Termina “O Santeiro do Manguê” (poesia, publicada postumamente).

Escreve “O Antropófago”.

É homenageado com um banquete no seu 60º aniversário, no Automóvel Clube, saudado por Sérgio Milliet.

1951

20 de fevereiro – Oswald entrega a Cassiano Ricardo o projeto de organização do Departamento Nacional de Cultura.

1953

Oswald publica, em *O Estado de S. Paulo*, a série “A Marcha das Utopias”. Artigos editados postumamente em *Os Cadernos de Cultura*.

1954

Oswald publica o primeiro volume de suas memórias: *Um Homem sem Profissão: Sobre as Ordens de Mamãe*.

Publica o texto “O Modernismo” na revista *Anhembi*.

Volta a ser sócio da Associação Brasileira de Escritores.

22 de outubro – Oswald falece em São Paulo.

1956

Apesar das dificuldades financeiras e muito abalada emocionalmente, Maria Antonieta refaz sua vida profissional, passa a escrever em jornais, entre os quais, *Diário de S. Paulo* e *Correio Paulistano* e a atuar como professora e orientadora pedagógica.

17 de outubro – Maria Antonieta ocupa cargo de chefia da terceira e quarta Região Escolar, em São Paulo.

1959

07 de abril – Maria Antonieta foi designada para exercer o cargo de orientadora pedagógica no Departamento de Ensino Municipal, órgão da Secretaria de Educação e Cultura, de São Paulo.

1960

Maria Antonieta é efetivada como Orientadora Pedagógica nas Escolas Agrupadas de Vila Olímpia, em São Paulo. Ocupa este cargo até a data de seu falecimento.

Maria Antonieta continua escrevendo textos em prosa e teatrais para o público infantil. Deixou inéditos os seguintes textos: *A Cidade das Bonecas*, *Herói Toniquinho*, *O Grilinho Papai Noel*, *O Papagaio Garçom*, *O Burrinho Serafim*, *O Naufrágio do Espada de Prata* (teatro), *A Cidade das Bonecas* (teatro). As peças teatrais foram encenadas nas escolas da rede pública da cidade de São Paulo.

1961

03 de março – Maria Antonieta casa-se com Hélio Basto, solteiro, administrador de empresas.

26 de setembro – Maria Antonieta inicia a redação de “Evocações (Oswald de Andrade em Minha Vida)”.

1967

Maria Antonieta separa-se de Hélio Basto.

1968

1º de maio – Falece Paulo Marcos, em um acidente de carro.

1969

13 de janeiro – Maria Antonieta suicida-se, no Rio de Janeiro.

Cirandas de Amor e Arte

MARIA AUGUSTA FONSECA

*Colhi meu favo de mel,
Bebi meu vinho e meu leite.*

Cântico dos Cânticos 5,1.

UMA CIRANDA DE TEXTOS E CÂNTICOS MOVE ESTE LIVRO DE MUITAS HOMENAGENS e gestos de afeto familiar. Este projeto de Marília de Andrade, partilhado com Êsio Macedo Ribeiro, tem como objetivo prestar um tributo ao casal Oswald de Andrade e Maria Antonieta d’Alkmin, num recorte que perfaz os últimos catorze anos da vida do escritor, com ênfase na produção artística e no encontro amoroso, assim resumido:

*Cais de minha vida errada
Certeza do corsário
Porto esperado.*

Neste livro reúnem-se evocações da vida adulta, e muitas viagens pela infância e adolescência. De diferentes perspectivas, tempos e lugares, o olhar se volta para Oswald de Andrade. Várias de suas histórias são contadas pela mulher, Maria Antonieta, e pelos dois filhos do casal, Paulo Marcos e Marília. A eles também se agregará Edgard Braga, médico e fiel amigo da família, autor do poema “Serenim à Janela Fechada de Oswald de Andrade”, preito de despedida, publicado nove dias após a morte do escritor, ocorrida em 22 de outubro de 1954. Nesse canto e pranto, para o qual convergem múltiplos Oswalds, o poeta quer lançar seu apelo, ou melhor, um imperativo ao amigo morto, antevendo tempos de escuridão:

Rei,
apague a vela,
traze a estrela
que a noite é Ela,
– Maria Antonieta d’Alkmin.

A obra em questão – *Maria Antonieta d’Alkmin e Oswald de Andrade: Marco Zero* – traz histórias da vida particular de Oswald imbricadas na sua vida literária e na de um tempo do Brasil – a era de Vargas. Nessa tarefa Marília e Êsio foram cuidadosos desde o título, remetendo o leitor a um novo momento que se abria para Oswald: “Casado em últimas núpcias” com Antonieta. Esse tempo envolve a produção ficcional do autor, particularmente, o conjunto de romances por ele designado *Marco Zero*. Projetado para cinco volumes, este ciclo inacabado da saga cafeeira paulista focaliza em muitos planos e quadros problemas ocorridos no Estado de São Paulo depois da *debâcle* econômica de 1929, abrangendo a ordem política e social do país.

Marília de Andrade faz saber como *Marco Zero* ajudou a contar a vida em comum de seus pais, desde o primeiro encontro, quando a jovem Maria Antonieta, ainda uma estudante normalista, foi contratada pelo escritor para secretariá-lo, auxiliando na pesquisa, na transcrição de textos e na datilografia do primeiro volume em andamento, *A Revolução Melancólica*, que Oswald publicou em 1943, seguido depois por *Chão*, de 1945. Os demais volumes, já alinhavados, não foram concluídos. São eles: *Beco do Escarro*; *Os Caminhos de Hollywood*; *A Presença do Mar*. Esse projeto ambicioso inscreve o escritor num momento significativo de renovação, reorientando caminhos percorridos.

Com faces muito distintas, todas as partes deste “marco zero” se fundem. Maria Antonieta d’Alkmin tem sua voz assegurada com “Evocações (Oswald de Andrade em Minha Vida)”, texto de redação não definitiva. Diga-se, porém, que foi interrompido na etapa final do trabalho. Conforme descrição de Êsio M. Ribeiro, na “Apresentação”, foram mantidos todos os registros do processo da escrita, justificando assim as interrogações postas entre parênteses e outras sinalizações do autógrafo, com o intuito de preservar seu caráter de redação em andamento. Apesar dessas arestas, inevitáveis, o depoimento de Maria Antonieta é bem armado e denso, relato que corre em águas profundas para que ela, num esforço admirável, possa reavivar a lembrança de Oswald de Andrade, anos depois de sua morte.

Em seu trabalho de sínteses, combinando sentimento e razão, Antonieta quer resgatar para o público o artista Oswald de Andrade, que entendia estar esquecido e com a obra sem o devido reconhecimento. Suas “Evocações” procuram assim ilu-

minar diferentes faces daquele que foi a ponta de lança do modernismo brasileiro. Abrindo portas da biblioteca do escritor, por exemplo, fala de suas leituras e pesquisas, registra rotinas de trabalho. Quer contar segredos de bastidores da oficina do poeta, como testemunha que foi do incansável fazer e desfazer de seus escritos, na busca da forma definitiva, aperfeiçoando expressão e modos de construir. Sublinha então um Oswald confiante, aquele que registrou em “Autobiografia” – “gosto de todos os meus livros publicados e não me arrependo de os ter escrito” –, ao lado do artista amargurado que, no mesmo espaço, considerou sua “obra literária acima da compreensão brasileira”.

Nas suas “Evocações” Maria Antonieta alterna problemas e traz alentos, como “Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão”, poema a ela consagrado, e que Oswald lhe ofertara como pedido de casamento. Nele o tema do encontro amoroso e as relações poéticas estão dadas desde o título, com a referência bíblica e literária. E, desde a abertura, Oswald criva o poema com subtextos e insubordinações formais, por exemplo, conferindo estatuto poético à linguagem cartorial posta no primeiro verso, como declaração pública de seu amor. Subverte e sela a união:

*Saibam quantos este meu verso virem
Que te amo
Do amor maior
Que possível for.*

Esse poema de formas volitivas – “farei”, “defenderei”, “A teu lado / Terei o mapa-múndi” –, entrecortado por súplicas – “Toma conta de mim / Maria Antonieta d’Alkmin” –, metaforiza e situa a mulher amada num espaço cósmico – “Estrela de abas abertas”. Na esteira da mais requintada tradição bíblica, que é este hino de amor, Oswald apresenta seu cântico dos cânticos de tempos modernos “para flauta e violão”, dando asas aos desejos mais impossíveis:

*Quando morrer
E te deixar
Eu quero nunca te deixar
Quero ficar
Preso ao teu amanhecer.*

Como bem testemunham cartas e bilhetes trocados ao longo dos anos, com respeito à vida amorosa, as declarações do poema permanecerão atuais até o final da

vida de Oswald. A propósito, vale lembrar que poucos meses antes de morrer Oswald escreveu uma carta aos filhos, Antonieta Marília e Paulo Marcos, estabelecendo um elo entre o poema e o que foi sua trajetória com Maria Antonieta, referindo-se a ela como “aparição miraculosa em minha vida”, reiterando: “mal sabia que ela ia se tornar o ar que respiro”.

Essa mulher, que foi tão especial para Oswald de Andrade, perfilou o marido e o poeta de modo sensível e incisivo. Apresentou-o como um homem aguerrido, forte, irreverente, sonhador, mesmo diante das dificuldades – que não foram poucas – enquanto esteve ao lado dele. Também, permitiu que aflorasse nesse relato o homem apaixonado, autoritário, intempestivo, e o desiludido. Diga-se, porém, que a face melancólica do escritor, para Antonieta, sempre se retraiu diante do tecedor de mundos, mesmo quando a vida caminhava em sentido contrário. E é esse lado que Maria Antonieta quer manter aceso e partilhar com Oswald. Por certo, ao acalantar suas esperanças até o último instante, Antonieta nutria-lhe os sonhos como um modo de mantê-lo cativo à vida. Prova disso é o estímulo a um projeto acadêmico do marido (já com problemas sérios de saúde), o de lecionar na Universidade de Upsala (Suécia).

No sentido de argumentar em favor do artista e com apoio na trajetória do casal, Maria Antonieta selecionou e inscreveu, em passagens diferentes de suas “Evocações”, dois outros textos significativos, além do poema citado. Assim operando, procedeu a uma colagem de fragmentos em que destacou sua militância como escritor. Faz parte dessa escolha, “O Caminho Percorrido”, escrito vinte e dois anos depois da Semana de Arte Moderna. Trata-se da conferência proferida por Oswald de Andrade em Belo Horizonte, no ano de 1944, que marcou o encerramento de uma série de eventos artísticos na capital mineira, orquestrados por Juscelino Kubitschek de Oliveira, então o prefeito da cidade.

Na casa anfitriã, Oswald fez questão de sublinhar o papel político e artístico de Minas Gerais na trajetória econômica, política, cultural e artística da vida brasileira, lembrando Tiradentes e Aleijadinho como lições do passado que permitiam fazer do presente uma esperança. De sua fala vale destacar, ainda, a referência a Euclides da Cunha e Machado de Assis, distinguidos por ele como “coordenadas mestras de nossa existência literária”. E Oswald prossegue vislumbrando frestas, estimulando a fraternidade e a luta, para assegurar o papel da arte como uma força propulsora na vida do homem. O conferencista evocará, então, as mudanças importantes ocorridas no campo artístico no Brasil de seu tempo, referindo-se particularmente ao movimento modernista, responsável por transformações profundas em modos de ver e agir. Quer com isso louvar os que resistiram e os que continuam resistindo.

Esse evento artístico de 1944 levou a Minas uma nova “caravana paulista” (evo-

cando a que capitaneou em 1924), agora com Portinari, Volpi, Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Mário Schenberg, Julieta Bárbara, Geraldo Ferraz, e outros mais. Na presença de muitos deles, naquele ato de encerramento, Oswald reconheceu o momento como estágio de maturidade da arte brasileira, um “marco da primeira etapa vencida”, o que significava para ele a consolidação dos anseios de 22. Não é demais lembrar que pronunciou essa conferência em tempos melancólicos, quando estavam em curso o Estado Novo, a censura, a perseguição e a repressão política no Brasil. Não bastasse, seguia a Guerra na Europa, com o Brasil já enviando seus soldados para campos de combate.

Com “O Caminho Percorrido” estampado numa parte estratégica de seu relato, Antonieta quer também que todos saibam, todos leiam, todos ouçam Oswald, reconheçam a envergadura do artista, o pensamento aberto e crítico, o arrojo das idéias, a compreensão em perspectiva do Brasil. Precisa do documento para acreditar suas palavras e dar visibilidade às “metamorfoses” de Oswald de Andrade, como já escreveu Mário da Silva Brito. A escritora de “Evocações”, investida de coragem, cerra assim suas fileiras para defendê-lo, apontar injustiças.

Maria Antonieta morreu antes de ver Oswald de Andrade consagrado pelo público e reconhecido pela crítica. Quem sabe, porém, com a encenação de *O Rei da Vela*, por José Celso Martinez Corrêa, e com o sucesso alcançado à época, tenha podido vislumbrar o lugar de destaque que o escritor finalmente ocuparia em nossa história literária e cultural.

“A semente frutifica sem aviso”, lembra Oswald neste verso destacado de *O Escaravelho de Ouro* (1946).

A tarefa de juntar fragmentos para contar a história de Oswald e Maria Antonieta não termina nessas “Evocações”. Marília dará continuidade às homenagens abrindo outras veredas, desta vez convocando o irmão mais novo, Paulo Marcos (que morreu tragicamente, em 1968, aos 20 anos de idade), por uma seleção de poemas e uma redação escolar. Como jovem poeta, Paulo Marcos publicou pela primeira vez nas páginas da revista *Invenção*. Era o primeiro passo importante para ele que enveredava pelos caminhos da literatura, caminhos de Oswald. Alguns anos antes, quando ainda menino, Paulo Marcos também ensaiou um perfil do pai, que já havia morrido, numa redação proposta como trabalho escolar. Fez um exercício de sínteses. Nele procurou enfeixar comportamentos familiares, sonhos, e cenas do cotidiano. Começou seu texto pela descrição física do pai, caracterizado como um homem gordo, e carrou o desfecho para uma leitura dupla em que misturou sensibilidade – “Na sua morte eu chorei muito” – com certo conformismo que, impresso na palavra de um menino, beirou também a um final de conto de fada: “Mas a vida é assim”.

Nesses clarões, referiu-se a histórias paternas que lhe foram contadas, histórias dos tempos fartos em que Oswald podia esbanjar fortunas. Em seu traçado, Paulo Marcos não esqueceu de juntar as *boutades* do pai, os amigos de casa, as festas. Depois, para caracterizar o Oswald cintilante, extrovertido, carregou tintas nas formas superlativas e aumentativas para afirmar: “era inteligentíssimo”, “era um fanfarrão e um comilão”.

A ciranda de cânticos se completará com “Oswald e Maria Antonieta: Fragmentos de Memórias e Fantasias”, depoimento de Marília, agudo e intenso, numa tentativa de soldar pedaços, recompor lembranças do convívio familiar, destacar o papel da mãe, evocar o pai e o escritor, por um resgate da memória afetiva. Centralizando Oswald em sua figura pública, Marília reiterou temas, com ênfase nas injustiças sofridas, em concordância com Maria Antonieta.

Na apreensão do universo familiar, Marília deixou aflorar a menina perplexa diante da perda paterna e os enigmas da infância que carregou pela vida. Só muitos anos passados, resgatou a voz de “Bayla” para escrever no tempo presente sua “Carta ao Babo”. Ao recuperar histórias passadas, com memórias do mundo da criança invadindo a vida adulta, Marília explorou também seus pendores literários, bem armando o texto, com estilo próprio e sem pieguismos. Abriu seu relato com uma imagem do pai antecipadora do fim “Oswald definhava aceleradamente”. Tinha o “corpo magro, pele sem brilho”. E completou-o com uma imagem tocante: “Meu pai morrendo aos poucos”. Cheio de dor, como não poderia deixar de ser, o texto de Marília também é entrecortado de graça e leveza, de humor. Por isso mesmo, não deixou de mostrar aquele Oswald da melhor verve, a convocar sua “família da goiabada”.



MARÍLIA vai contrapondo assim olhares sombrios e a face solar daquele Oswald que viveu tempos de euforia e sobreviveu a outros de muita dificuldade. Segue mesclando o sensível e o objetivo nesse resgate do passado, da vida ao lado dos pais, das alegrias, das festas, e do gosto pela dança que partilhava com Oswald. De outro lado, descreve as dificuldades da casa, a situação econômica precária, seguidas de acontecimentos mais graves e trágicos: ainda menina, a morte do pai; depois, a do irmão; em seguida, a de sua mãe, Maria Antonieta, aos 50 anos.

Nessa roda-viva de homenagens, Marília sublinha a personalidade discreta de Maria Antonieta e o papel importante que teve na vida de Oswald. Mas não apenas. Apresenta outras qualidades, destacando, no trato com os filhos, o talento para contar e inventar histórias. Caberia ressaltar que disso resultou a produção de alguns livros

de literatura infantil como *O Papagaio Garçom*, *Herói Toniquinho*, *O Burrinho Serafim*, *A Cidade das Bonecas* (peça e narrativa), *O Naufrágio do Espada de Prata* (peça) e *O Grilinho Papai Noel*, de Maria Antonieta, ainda inéditos.

Com a morte de Oswald, porém, um sentimento de abandono e de perplexidade apoderou-se de Maria Antonieta. Não obstante, também procurou arranjar forças para se recuperar, reinventar caminhos e construir uma trajetória profissional. Com o resgate da antiga formação (normalista), voltou-se para o ensino de 1º Grau, destacando-se como educadora. Construiu uma carreira de sucesso como orientadora pedagógica nas Escolas Agrupadas de Vila Olímpia, em São Paulo. Nada disso, porém foi suficiente para fechar feridas: em 1969, o desfecho trágico.

Nesse ano de sua morte, a EMPG, em que trabalhava, passou a se chamar Escola Municipal de Ensino Fundamental “Professora Maria Antonieta d’Alkmin Basto”, homenagem justificada por mérito educacional, por sua “atuação pioneira na renovação dos métodos de ensino”.

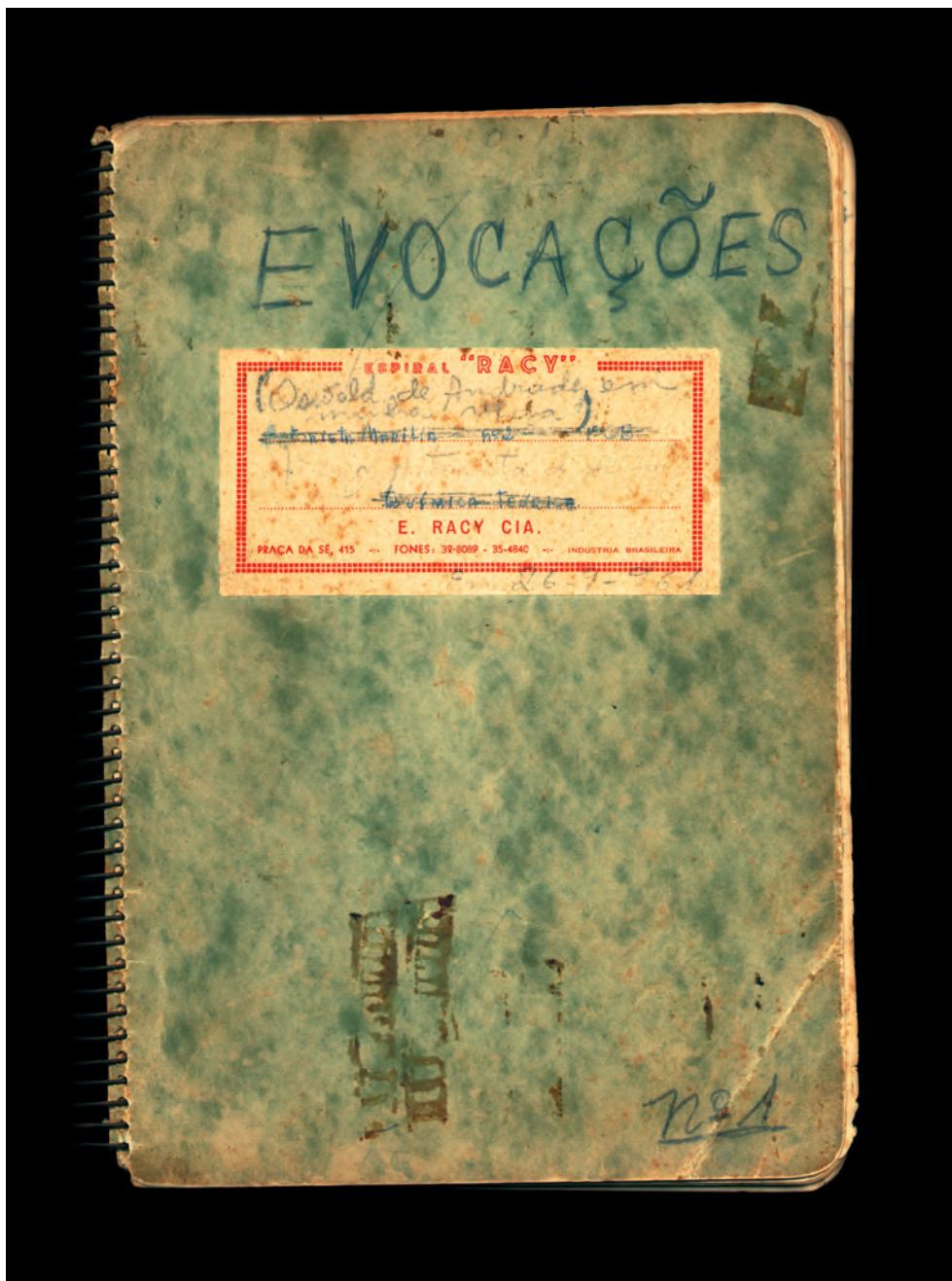
Maria Antonieta d'Alkmin



(OSWALD DE ANDRADE EM MINHA VIDA)

ESTABELECIMENTO DE TEXTO E NOTAS

Êsio Macedo Ribeiro



1. (P. ANTERIOR): MARIA ANTONIETA E OSWALD, COM OS FILHOS PAULO MARCOS E MARÍLIA, c. 1950.
2. CAPA DO CADERNO "EVOCAÇÕES (OSWALD DE ANDRADE EM MINHA VIDA)".
3. (P. SEGUINTE): PÁGINA DE ROSTO DO CADERNO "EVOCAÇÕES (OSWALD DE ANDRADE EM MINHA VIDA)".

Maria Antonieta d'Alkmim

EVOCAÇÕES

(Oswald de
Andrade em
minha vida)



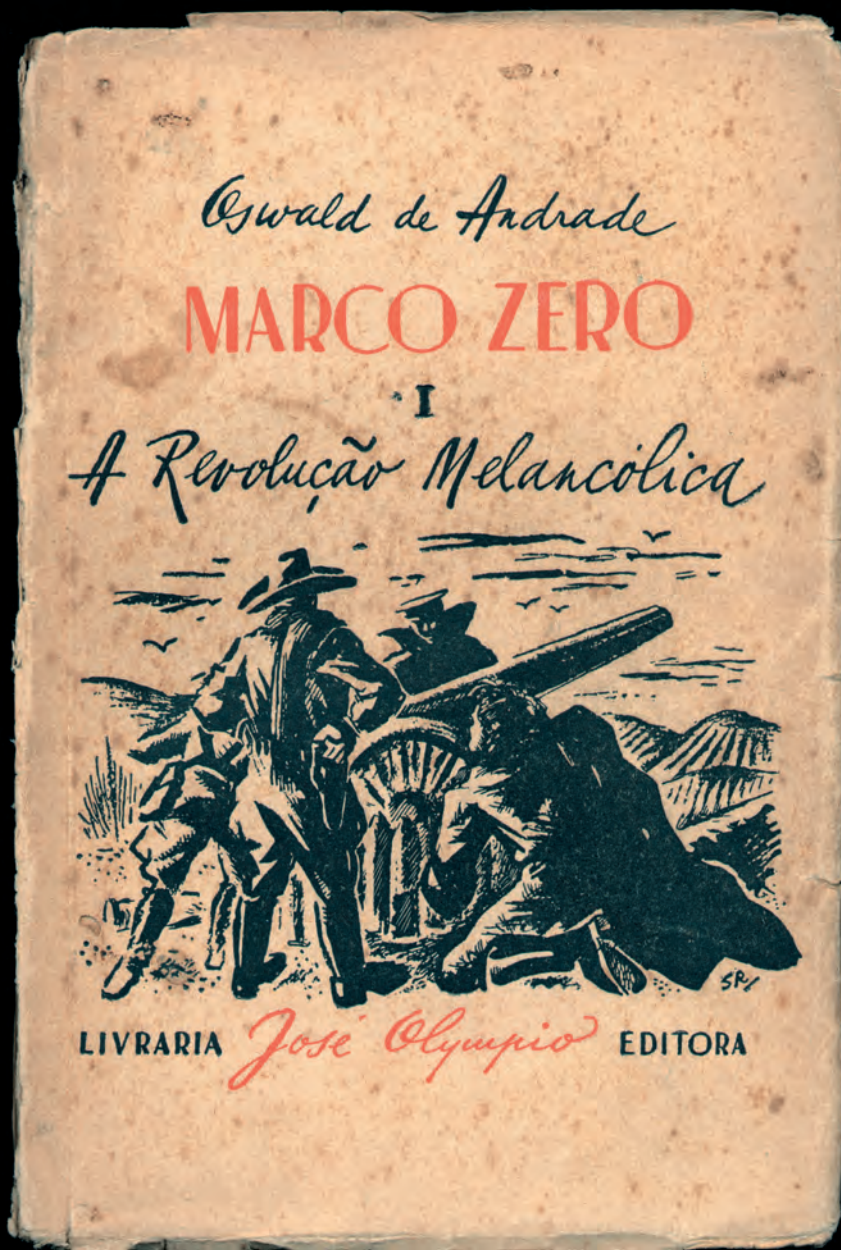
4. MARIA ANTONIETA, 1930. PHOTO BECKER – PIRASSUNUNGA.

Assim cantou o poeta
aos meus ouvidos:

Toma conta do céu
Toma conta da terra
Toma conta do mar
Toma conta de mim
*Maria Antonieta d'Alkmin*¹

e eu o atendi.

1. (Do “Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão”). [Nota da Autora].



5. CAPA DA 1ª EDIÇÃO DE MARCO ZERO I – A REVOLUÇÃO MELANCÓLICA, 1943, FEITA POR SANTA ROSA.

PREFÁCIO

Amigo leitor:

DESDE A MORTE DE OSWALD, OCORRIDA EM 22 DE OUTUBRO DE 1954, UMA DAS maiores preocupações que eu tive foi a de um dia contar a você o pedaço de minha vida com ele, pelo espaço de doze anos e quatro meses.

Embora tivesse conhecido o escritor alguns anos antes, foi em junho de 1942 que surgiu a grande chance de conversar com ele pela primeira vez e de saída ser convidada para secretariá-lo no “parto” do primeiro volume do *Marco Zero – A Revolução Melancólica*². No ano seguinte, no mesmo mês e quase mesmo dia e hora, “juntamos os nossos cacos” para uma vida de amor.

Leitor amigo, somente agora, quase sete anos da separação física de Oswald é que me sinto, acredito, com segurança emocional suficiente para evocar esse passado gostosamente vivido.

Desejo tornar claro que não alimento outra pretensão senão a de me referir ao Oswald como os meus olhos o viram e minha emoção o sentiu.

Talvez a ânsia de iniciar hoje essas evocações possa modestamente contribuir um dia, oxalá não muito distante, como mínima parcela, para uma análise acurada e fiel do homem e de sua obra, por parte dos biógrafos e críticos.

2. Publicado em 1943 pela editora José Olympio. O livro contém a seguinte dedicatória: “Para meus filhos Oswald e Rudá Para minha neta Inez [sic] Adelaide Para Maria Antonieta d’Alkmin”. Oswald escreve no “Auto Retrato” (*Leitura*, maio de 1943, p. 13.): “Estou atualmente trabalhando no meu romance cíclico ‘Marco Zero’, em cinco volumes. O primeiro intitulado ‘A Revolução Melancólica’, fixa o começo da nova era que se abriu para o Brasil abrangendo episódios do movimento armado de 32. Foi entregue ao editor José Olímpio [sic]”.

Portanto, amigo leitor, entrego a você este depoimento³, escrito tão-somente por um imperativo íntimo que de longa data me vem torturando. Mostro-lhe o homem Oswald durante o tempo que o tive em meus braços e chamo a atenção para sua obra que está aí viva para demonstrar o notável criador que ele foi.

M. Antonieta d'Alkmin

26 de set. de 1961

3. Sem a intervenção de Oswald em minha vida este livro não teria razão de ser – quero apenas testemunhar o que Oswald representou durante catorze anos em minha vida. O meu maior esforço será no sentido de dar um depoimento fiel do lado pessoal e doméstico de Oswald de Andrade para que você complete seu retrato (observar ao leitor não os possíveis enganos de detalhes mas a verdade do conjunto). [Nota da autora].

Se amanhã meu dia for, em depois d'amanhã não me vejo.

JOÃO GUIMARÃES ROSA

Toda verdade pode interessar e servir.

SIMONE DE BEAUVOIR

LÁ PELOS FINS DE 1933, OUVI PELA PRIMEIRA VEZ ALGUÉM PRONUNCIAR O NOME de Oswald de Andrade ligando-o a vários casamentos, ao romance *Os Condenados*⁴ e ao comunismo.

Essas referências foram feitas por Julieta Bárbara Guerrini⁵ em minha casa, que ela freqüentava desde há muitos anos por ser conterrânea e amiga diletta de minha irmã Idinha⁶.

Eu havia completado catorze anos e como todo adolescente, vivia em desarvorada ansiedade tateando o mundo exterior. Ouvira falar no comunismo e passara a temê-lo tanto quanto a “Mula sem cabeça” que me fora desvendada na primeira infância.

Possivelmente, devido à associação e entrelaçamento das palavras polígamo⁷ e comunismo com o nome de Oswald passei a repeli-lo (sem saber ainda que era antropófago) e a fugir de sua obra. Vi muitas vezes *Os Condenados* rodando pelo quarto de minha irmã enquanto o estava lendo e apesar da curiosidade em conhecer romances novos, que sempre alimentei, não tive vontade de lê-lo.

Lembro-me, por coincidência, que naquela ocasião estava vivendo uma terrível angústia por haver lido alguns capítulos do livro *Estudante, Amor, Tcheca e Morte*, de autoria de Alia Rachmanowa⁸.

As poucas páginas dessa obra, que li com espanto, foram suficientes para encaixar em mim uma tenebrosa dimensão do comunismo e esse horror perdurou por muitos anos, bem alicerçado que estava, é óbvio, no envolvimento da formação cristã pela família, a escola e a sociedade burguesa que me guiavam.



O TEMPO foi rolando e o nome de Oswald se tornou cada vez mais corriqueiro em minha casa, principalmente quando Julieta Bárbara a ele se ligou por casamento.

Minha mãe⁹ e Idinha conversavam freqüentemente sobre eles e eu ouvia tudo em completa indiferença.



4. Primeiro volume da *Trilogia do Exílio*, de Oswald, publicado em 1922.

5. Julieta Bárbara [Guerrini], poetisa bissexta. Foi a penúltima mulher de Oswald.

6. Ida d'Alkmin, irmã de Maria Antonieta.

7. Antes de conhecer Maria Antonieta, Oswald já havia se casado com Kamiá, Dasy, Tarsila, Pagu e Julieta Bárbara.

8. Alia Rachmanowa (1898-1991), escritora russa.

9. Maria Marques d'Alkmin.

UM DIA, já bem distante do casamento de Julieta com Oswald, a irmã caçula da poetisa, Adelaide¹⁰ e que foi minha contemporânea de colégio, foi passar uns dias conosco numa fazenda onde morávamos, nos arredores de Piracicaba e me falou das relações de amizade que travara com Nonê (Oswald de Andrade Filho, primogênito de Oswald), do Rudá¹¹ que estudava interno no Colégio Piracicabano e ainda, no excelente trato conjugal dado por Oswald à sua irmã Julieta. Fiquei então com certo sentimento de culpa e um pouco mais tranqüila em relação ao comunismo, sabendo que ele era um bom marido (apesar de ter se casado mais de meia dúzia de vezes). Mas, assim mesmo, continuei me esquivando dele, que se quisesse, poderia ter conhecido em casa da família Guerrini, onde Julieta e Oswald se hospedavam quando iam a Piracicaba.

Finalmente, em 25 de janeiro de 1940, em Piracicaba, dia do casamento de Adelaide com Nonê, fiquei conhecendo o escritor pessoalmente, apresentado que me foi pelo jornalista Antonio Osvaldo Ferraz, cunhado da noiva. A nossa apresentação foi feita na sala de jantar do velho casarão dos Guerrini, em torno a enorme mesa de doces, apinhada de gente. Oswald mal notou minha presença, pois ocupado como estava em encher e esvaziar em dois ou três goles taças e mais taças de champanha, que bebia misturada com docinhos secos, não me disse “bolacha”¹². A figura dele também não me impressionou, a não ser pela quantidade de champanha e de doce que engolia bem à minha frente.



AFINAL, nos princípios de 1942 viemos de mudança para São Paulo. Instalamo-nos numa modesta casa da vila Clementino¹³ e eu me matriculei no último ano da Escola Normal anexa do Ginásio Ipiranga, na vila Mariana.

Continuamos de vez em quando recebendo visitas de Adelaide e Julieta Bárbara. Numa dessas ocasiões ouvi Julieta contar à minha mãe que já não se sentia muito feliz com o Oswald, preferindo viver no Rio, onde arrumara um emprego no Ministério do Trabalho, no tempo do ministro Alexandre Marcondes Filho, e se agradado mais da vida por lá.

No dia 24 de junho de 1942, data do aniversário de Adelaide, fui pela primeira vez, com minha mãe e com muita insistência dela, fazer uma visita à Adelaide, na

10. Adelaide Guerrini de Andrade, casada com Nonê (Oswald de Andrade Filho).

11. Rudá de Andrade, filho de Oswald de Andrade com Pagu (Patrícia Galvão).

12. Gíria da época: “não me disse nada”.

13. A família d’Alkmin residia na época na rua dos Ottonis, 430 – São Paulo, SP.

sua casa da rua Martiniano de Carvalho, onde ela e Nonê residiam, juntamente com o Oswald.

Quando à tardinha lá chegamos, só encontramos as criadas e a pequenina Inês¹⁴, filha de Adelaide, no colo da pajem alemã. Foi-nos informado que Adelaide e Julieta Bárbara, que ali se encontrava naquele dia, deveriam regressar logo. Resolvemos esperá-las.

Dito e feito, meia hora depois ambas retornaram juntamente com o Dr. Oswald.

Assim que me viu, o escritor foi logo perguntando: – Você gosta de literatura? Ao responder-lhe afirmativamente, ouvi: – Eu preciso urgentemente de uma secretária para me ajudar a concluir *A Revolução Melancólica*, primeiro volume de *Marco Zero*. Este livro deverá concorrer ao Concurso Interamericano de Romances, no fim do ano. Quer colaborar comigo?

Fiquei perplexa. O escritor não me conhecia e “de cara” pediu a minha colaboração. De repente, também, a resposta afirmativa pulou de minha boca. Dr. Oswald referiu-se então às duas filhas de Maurício de Medeiros e à escritora Lygia Fagundes Telles¹⁵ que foram convidadas para trabalhar com ele em *Marco Zero* e que sem que ele soubesse por que, deixaram-no na mão. No caminho de volta para casa, minha mãe me informou que essa mesma proposta já fora feita a mim por intermédio da Idinha e que não me fora transmitida apenas pelo temor de não ser aceita, tal era o pavor que eu manifestara pelas idéias de Oswald.

Ficou então combinado que nos primeiros dias do mês seguinte, quando ele regressasse duma rápida viagem ao Rio, eu lhe telefonasse para confirmar a data do início do trabalho. Não se tocou em ordenado e nem pela minha cabeça passou essa lembrança! Eu, que nunca havia trabalhado, corri matricular-me numa escola de dactilografia do bairro onde morava, para treinar um pouco. Só sei que o tempo para mim tornou-se escassíssimo pois, além das aulas teóricas da Escola Normal, tinha de preparar e dar aulas práticas também.

Afinal, nos primeiros dias de julho comecei a trabalhar com o Dr. Oswald, como eu o chamava. Na primeira hora em que me apresentei como sua secretária, ele me mostrou o capítulo do romance que estava refazendo no momento e eu me entusiasmei bastante com o livro (a primeira página do livro *Marco Zero* que leu para mim). Eu bebi em taça de ouro esse primeiro gole de sua literatura.

Nos dias subseqüentes, eu saía da Escola Normal ao meio-dia e me dirigia correndo para a casa da rua Martiniano de Carvalho, onde em nossa mesa de trabalho

14. Inês Adelaide Guerrini de Andrade, neta de Oswald, filha de Oswald de Andrade Filho (Nonê) e de Adelaide Guerrini de Andrade.

15. Lygia Fagundes Telles (1923), escritora, advogada. Procuradora do Estado de São Paulo e Membro da Academia Brasileira de Letras.

encontrava sempre bilhetes com determinações de serviço. Cheia de sorte eu fui me desincumbindo das tarefas que ele me incumbia e quando chegava para o almoço (pois, todas as manhãs, Dr. Oswald costumava sair para ir a seu escritório, instalado na esquina da rua Marconi com Barão de Itapetininga, tratar de assuntos financeiros etc.) eu já havia dado bom andamento ao serviço que era a pesquisa de material para o enriquecimento das personagens e das paisagens.

Aos poucos tomei contato com os outros capítulos e finalmente ele me apresentou o esboço geral do *Marco Zero* e me apaixonei por ele. Diariamente recebia minha incumbência que seria mexer e revirar uma porção de cadernos de material e retirar cenas, frases, paisagens para o enriquecimento do romance.

Geralmente, às treze horas, quando chegava para iniciar o trabalho, encontrava o Dr. Oswald debruçado sobre os originais, riscando trechos, quando não páginas inteiras, ou então escrevendo desordenadamente novas cenas. Me lembro que quando batia os olhos nas frases ou páginas inutilizadas e que considerava definitivas, sentia um gelinho tímido subir pelas pernas. Temia que o Dr. Oswald não conseguisse refazê-las tão bem como as que estavam escritas, mas me calava. Depois, fui adquirindo confiança no seu talento criador e não me alterava mais.

Sempre que o Dr. Oswald saía, deixava, na nossa mesa de trabalho, bilhetinhos como estes: “Antonieta: Veja se acha nos cadernos de material a história da onça, ‘a gata’, e as raivas do fazendeiro depois da revolução”; “Se você chegar antes, prepare a página de Jango e os banqueiros. Grato o Oswald”; ou “Reúna material, não se aflija com a ‘fazendinha’. Quando eu chegar, acharemos. Temos grandes trabalhos. Muito grato Oswald”¹⁶.

Depois de reunir uma boa porção de material, o Dr. Oswald ditava para mim páginas e páginas dos capítulos finais do livro ou trechos que deveriam ser encaixados em capítulos já terminados. Eu só escrevia à mão e acabei me esquecendo o primeiro teclado da máquina de escrever. O tempo foi passando.



O PAPEL de secretária improvisada que passei a encarnar consistia em escrever à mão em cadernos o que Dr. Oswald ia ditando com relativa pressa, depois, ler devagar as cenas manuscritas enquanto ele ia procedendo as modificações de frases e encaixes de detalhes. Assim, passávamos muitas horas seguidas. Quando Dr. Oswald se ausentava, eu fazia pesquisa nos cadernos e separava o material de que ele necessitava.

16. Ver estes e outros bilhetes no capítulo “Correspondência (1942-1954)”.

Vez por outra, ao ouvir a cena que havia ditado, Dr. Oswald me dizia: “Passe um XI!” Nessa hora eu me sentia inquieta. Havia achado uma maravilha e ele a inutilizava! Só depois de refeita a cena é que eu me tranquilizava. É óbvio, ela saía muito melhor.

Assim, de repente, percebi que me havia integrado ao livro e me apaixonado pelo autor.

Passei, de repente, a me interessar pelo seu passado, cheio de mulheres e experiências. Geralmente ele me contava passagens como as que seguem: “Um dia, em Lisboa, manifestei vontade de conhecer Fernando Pessoa¹⁷ aos intelectuais que me cercavam e eles me responderam simplesmente que o poeta por ser esquisitão, vivia sempre ausente da capital. Outras vezes que lá estive, não tive chance de conhecer o maior poeta português moderno!”

Sobre um pintor brasileiro que pintava no mesmo ateliê, junto com Modigliani¹⁸, o Dr. Oswald me contou: “Soube na Itália que esse sujeito (Campiglia?) de vez em quando pintava sobre as telas de Modigliani somente porque as achava feias...”

Como nada ficasse combinado a respeito do meu salário de secretária, confiava receber no fim do mês o salário qualquer pelo meu trabalho, pois não era capaz de avaliá-lo.

Em minha casa o dinheiro era curto, eu havia comigo assumido o compromisso de ajudar no orçamento doméstico com parte do salário. Como já estávamos em meados de agosto e Dr. Oswald não havia dito palavra alguma a respeito do assunto, fiquei meio angustiada. Tinha mais medo de receber o “bilhete azul” que de trabalhar de graça em *Marco Zero*, que já havia se aboletado em minha emoção.

E, um mês depois de estar trabalhando, numa tarde de garoa fria, descendo com Dr. Oswald a Av. Brigadeiro Luís Antônio parei repentinamente numa vitrina de casa de modas para espiar no manequim um *tailleur* “Príncipe de Gales”¹⁹. Vendo o meu interesse pela roupa, Dr. Oswald disse: “Vamos comprá-lo para você!” Eu retruquei dizendo que não estava precisando de roupa de inverno etc., etc. Ele insistiu: “É com seu ordenado!” Então, quase caí dura. Estava contando com meu salário para pagar uns cortes de vestido que havia comprado à prestação e mais a costureira que os estava fazendo. Antes de eu articular qualquer palavra, Dr. Oswald já havia embocado na loja. Não tive outro jeito senão experimentar o *tailleur* e dar à vendedora o endereço de minha residência.

No outro dia, ele me pagou um salário régio e ao falar-lhe do desconto do preço do *tailleur*, respondeu: “Foi um presente pelo seu esforço!”

17. Fernando [Antônio Nogueira] Pessoa (1888-1935). Poeta modernista português.

18. [Amadeo Clemente] Modigliani (1884-1920). Escultor, artista gráfico, pintor.

19. Tecido xadrez muito utilizado na Grã-Bretanha.

Corte A (Encaixar pàg 10)

Confiava que Dr. Oswald pagaria o justo preço pelo meu trabalho, pois não era capaz de avalia-lo.

Como nada ficou combinado a respeito do meu salário de secretária

Em um momento de ^{transição} de guarda fria, des-
cendo com o Sr. Brig. Luís Antonio,
parei repentinamente ~~dante~~^{frente} a uma vitrina
de casa de modas para espiar
^{no interior} um tailleur "Príncipe de Gales".

Veio o meu interesse pela roupa,
Dr. Oswald ~~me~~ disse: "Vamos comprá-
lo para você!" Eu getruquei di-
zendo que não estava precisando
~~de~~ de roupa de inverno, etc, etc.

Ele insistiu: "É com o seu or-
denado!" Então, quase caiu

dura. Estava contando receber
dinheiro porante ^{de meu salário} para pagar
meus cortes de vestido e a prestadora
e mais a costureira que os es-
tava fazendo. Antes de enar-
ticular qualquer palavra, o Dr.
Lawald já havia embocado na
loja. Não tive outro jeito senão
explicar-lhe o tallem e dar à
vendedora o endereço de minha
residência. (continua atrás)

Dr. Oswald havia colecionado em quase uma centena de cadernos, caderninhos e cadernetas, inclusive também em muitas pastas de papéis avulsos, todo o material que deveria ser utilizado para os cinco romances que compreenderiam a sua obra *Marco Zero*. Era, portanto, um trabalho paciente e cuidadoso esse de percorrer página por página escrita, às vezes até em rabiscos imperceptíveis a ponto de eu precisar adquirir uma lente para destrinchar frase que o próprio Dr. Oswald havia escrito e que nem sempre conseguia descobrir o significado.

Freqüentemente, recorria à associação de idéias para traduzir suas próprias anotações.

Muitas vezes, no final do exaustivo expediente de trabalho, Dr. Oswald me fazia perguntas sobre namoros que eu tivera e sobre o meu desajuste dentro da família, principalmente com minha mãe, e eu aos poucos fui me abrindo com ele até deixá-lo a par de minha vida, se bem que algumas de suas insignificantes passagens ele já conhecesse através de comentários ouvidos no seio da família Guerrini.

Enquanto terminava *Marco Zero I – A Revolução Melancólica*, Dr. Oswald contratou a adorável Moema Seljan²⁰, irmã da Zora Seljan²¹ que se encontrava em São Paulo naquela ocasião para fazer o trabalho de datilografia dos capítulos já terminados do livro, trabalho que eu não estava apta a empreender devido à pouca intimidade que tinha com o teclado da máquina de escrever. O trabalho datilográfico tinha de ser perfeito, é claro.

Terminado o romance, foram enviadas cópias para os EUA onde o concurso foi julgado. Lembro-me que Jorge Amado concorreu também com o seu magnífico *Terras do Sem-fim*. Meses depois veio a notícia de que o romance *Canapé Verde*, do[s] escritor[es] [Philippe Thoby-Marcelin e Pierre Marcelin], de [Porto Príncipe, Haiti] levantou[aram] o 1º prêmio²².

Dr. Oswald havia entregado uma cópia do livro ao José Olympio²³ que o editou e enquanto esperávamos as primeiras cópias para revisão, ele emprestou-me vários livros para ler, inclusive o seu *Os Condenados*, que li sob grande emoção.

Aconteceu numa tarde de outubro de repentina e violenta tempestade, em que Oswald e eu trabalhávamos tranqüilamente em *Marco Zero*, outras que rebentaram em cheio sobre minha cabeça.

20. Moema Seljan, filha do etnógrafo croata Stevo Seljan.

21. Zora Seljan, teatróloga, foi crítica teatral de *O Globo*.

22. Na verdade são dois os autores deste livro, os irmãos Philippe Thoby-Marcelin e Pierre Marcelin, haitianos nascidos em Port-au-Prince (Porto Príncipe). O livro (*Canapé-vert*) foi publicado em 1944 pela editora Farrar & Rinehart. O prêmio foi o “Second Latin American Literature Contest”, patrocinado por aquela editora nova-iorquina.

23. José Olympio foi um dos mais prestigiados editores do país. Proprietário da Livraria José Olympio Editora S.A., sediada no Rio de Janeiro.

De repente, Oswald, sem que eu suspeitasse, deu-me um beijo na testa, proclamando: “Eu te amo”. No momento de um raio, caí num choro desmantelado. Indaguei de Oswald a razão de sua surpreendente atitude e ele confirmou o que me havia dito: “Eu te amo”. Minutos depois, ao contrário do primeiro impacto, uma risada brotou de mim e eu me senti feliz naquela inesperada situação. Nesse momento, o Oswald mostrou-me numa folha de papel dobrado os primeiros versos do “Cântico dos Cânticos”²⁴ escritos a lápis:

*Saibam quantos este meu verso virem
Que te amo
Do amor maior
que possível for.*

E contou-me: “Esses versos são o início de um poema que você me inspirou!”

A segunda tempestade de emoção que se desabou sobre mim no final daquela tarde tempestuosa foi a maior que havia sofrido na vida até então.

Em casa, na minha cama e no silêncio do quarto, por causa dela, soluzei muito tempo até adormecer, não revelando aos meus familiares a secreta razão daquelas lágrimas.

Acordei no outro dia bem mais aliviada, embora suspirando ainda, e fui para a escola como se nada de anormal houvesse acontecido. Apenas, durante o percurso diário que fazia de bonde, comecei a perguntar a mim mesma se eu também amava o Oswald e por quê!

Recordo-me que logo à tarde me encontrei a sós com ele no quarto de trabalho, Oswald foi logo perguntando: “Você acredita que eu a amo?” Sem hesitar respondi-lhe afirmativamente. Oswald indagou-me então se sentia alguma coisa por ele e eu lhe disse que o amava também. E aqui o nosso romance se iniciou.



SOMENTE alguns dias após a completa descarga daquelas emoções é que pude encontrar dentro de mim as respostas às indagações que haviam brotado no meu cérebro durante o percurso de bonde para a escola, na manhã que sucedeu à tarde das tempestades.

24. Oswald, no seu “Auto Retrato” (*Leitura*, maio de 1943, p. 13) fala sobre este poema: “[...] Também estou voltando à poesia. Tenho o primeiro poema de um livro, poema que dediquei à Maria Antonieta d’Alkmin, com quem vou me casar”.

Cheguei à conclusão de que já estava amando o Oswald em silêncio desde o nosso primeiro contato, conservando apenas um medo terrível de que ele ou alguém suspeitasse do meu sentimento, pois, para os outros aquele amor platônico que vinha alimentando parecia horroroso dada a enorme diferença de idade existente entre nós e o fato dele estar ainda oficialmente ligado à Julieta Bárbara, embora ela estivesse morando no Rio e ele sozinho, em companhia apenas dos filhos, da nora e da linda netinha.

O porquê de meu amor pelo Oswald envolveu uma porção de respostas e dentre elas as seguintes: porque ele merece toda a minha confiança; porque é um homem incompreendido e eu sou capaz de entendê-lo; porque é boníssimo; porque é um gênio; porque me respeita muito e ainda, porque me compreendia. E de fato, os problemas que me afligiam e que lhe contava durante intervalos de trabalho, Oswald carinhosamente ajudava-me a resolvê-los e essa sua paternal atitude me deixava comovida.

Conheci em casa de Oswald, logo nos primeiros dias de trabalho, uma adorável criatura que se chama Aldina Albergaria²⁵ e que se tornou depois senhora do comandante João Milton Prattes. Ela foi secretária do Oswald e Nonê no escritório da rua Marconi e se tornou, com o decorrer do tempo, minha grande amiga e confidente. O que me causou bastante espanto, mas em compensação trouxe enorme alegria foi o fato dela me contar no dia em que anunciei o meu romance com o Oswald, que já o conhecia há meses e estava absolutamente convicta de que o Oswald me amava com sinceridade, pois lhe havia dito.

Fiquei gostando ainda mais de Aldina por causa dessa revelação.

Só sei que passado mais um mês, Oswald falou-me em casamento e eu não hesitei em afirmar-lhe que apesar de ter de travar com a família um duelo de morte, me uniria a ele. E esse duelo se iniciou justamente na noite em que chegando em casa para o jantar mostrei à minha mãe e à Carmen²⁶, minha outra irmã, o “Cântico dos Cânticos” em folhas de papel datilografadas por Moema²⁷. Engasguei durante a leitura do poema e ao terminar de lê-lo, em soluços e lágrimas, estava trêmula como galhos de arbusto em tardes de viração.

Nesse instante mamãe me perguntou: “Minha filha, você vai atrás de versos?” Nada lhe respondi, mas também essa demonstração cabal de insensibilidade por esse poema, além do espanto, em nada alterou o profundo sentimento que eu nutria pelo Oswald.

Carmen, ao contrário, ficou emocionada e solidária comigo²⁸.

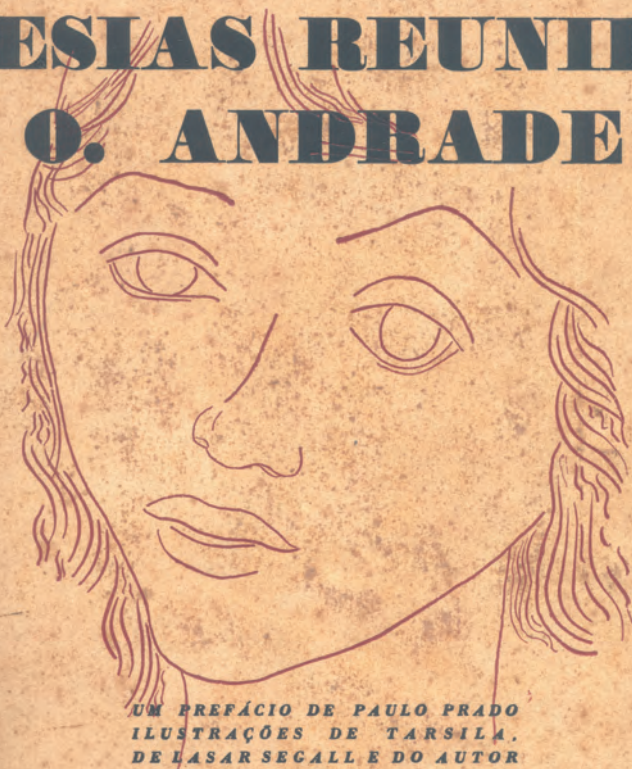
25. Amiga de Oswald e Maria Antonieta.

26. Carmen d’Alkmin, irmã de Maria Antonieta.

27. Moema Seljan.

28. Neste ponto há uma determinação anotada por Maria Antonieta: “(Transcrever ‘Cântico dos Cânticos’)”.

POESIAS REUNIDAS O. ANDRADE



UM PREFÁCIO DE PAULO PRADO
ILUSTRAÇÕES DE TARSILA,
DE LASAR SEGALL E DO AUTOR

EDIÇÕES GAVETA
SÃO PAULO
1945

7. CAPA DA 1ª EDIÇÃO DAS *POESIAS REUNIDAS O. ANDRADE*, 1945, FEITA POR LASAR SEGALL.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS PARA FLAUTA E VIOLÃO²⁹

Oswald de Andrade

oferta

*Saibam quantos este meu verso virem
Que te amo
Do amor maior
Que possível for*

canção e calendário

*Sol de montanha
Sol esquivo de montanha
Felicidade
Teu nome é
Maria Antonieta d'Alkmin*

*No fundo do poço
No cimo do monte
No poço sem fundo
Na ponte quebrada
No rego da fonte
Na ponta da lança
No monte profundo
Nevada
Entre os crimes contra mim
Maria Antonieta d'Alkmin*

*Felicidade forjada nas trevas
Entre os crimes contra mim
Sol de montanha
Maria Antonieta d'Alkmin*

29. Optei pelo texto da versão revista e cotejada diretamente das cinco versões deixadas por Oswald, estabelecido por Gênese Andrade da Silva para a edição crítica da *Obra Incompleta* de Oswald de Andrade. O poema foi publicado pela primeira vez na *Revista Acadêmica* (número especial em homenagem a Lasar Segall), n. 64, ano X, Rio de Janeiro, junho de 1944, pp. 9-20, ilustrado por Lasar Segall: dois retratos de Maria Antonieta.

*Não quero mais as moreninhas de Macedo
Não quero mais as namoradas
Do senhor poeta
Alberto d'Oliveira
Quero você
Não quero mais
Crucificadas em meus cabelos
Quero você*

*Não quero mais
A inglesa Elena
Não quero mais
A irmã da Nena
Não quero mais
A bela Elena
Anabela
Ana Bolena
Quero você*

*Toma conta do céu
Toma conta da terra
Toma conta do mar
Toma conta de mim
Maria Antonieta d'Alkmin*

*E se ele vier
Defenderei
E se ela vier
Defenderei
E se eles vierem
Defenderei
E se elas vierem todas
Numa guirlanda de flechas
Defenderei
Defenderei
Defenderei*

*Cais de minha vida
Partida sete vezes
Cais de minha vida quebrada
Nas prisões
Suada nas ruas
Modelada
Na aurora indecisa dos hospitais*

Bonançosa bonança

convite

*Escuta este verso
Qu'eu fiz pra você
Pra que todos saibam
Qu'eu quero você*

imemorial

*Gesto de pudor de minha mãe
Estrela de abas abertas
Não sei quando começaste em mim
Em que idade
Em que eternidade
Em que revolução solar
Do claustro materno
Eu te trazia no colo
Maria Antonieta d'Alkmin*

*Te levei solitário
Nos ergástulos vigilantes da ordem intraduzível
Nos trens de subúrbio
Nas casas alugadas
Nos quartos pobres
E nas fugas*

CANTICO DOS CANTICOS
PARA FLAUTA E VIOLÃO

OSWALD DE ANDRADE

(Ilustrações de Lasar Segall)

8. CAPA DA 1ª EDIÇÃO DE *CÂNTICO DOS CÂNTICOS PARA FLAUTA E VIOLÃO*, 1944.

*Cais de minha vida errada
Certeza do corsário
Porto esperado
Coral caído
Do oceano
Nas mãos vazias
Das plantas fumegantes*

*Mulher vinda da China
Para mim
Vestida de suplicios
Nos duros dorsos da amargura
Para mim
Maria Antonieta d'Alkmin*

*Teus gestos saíam dos borrinhos incompreendidos
Que tua boca ansiosa
De criança repetia
Sem saber
Teus passos subiam
Das barrocas desesperadas
Do desamor
Trazias nas mãos
Alguns livros de estudante
E os olhos finais de minha mãe*

alerta

*Lá vem o lança-chamas
Pega a garrafa de gasolina
Atira
Eles querem matar todo amor
Corromper o pólo
Estancar a sede que eu tenho d'outro ser
Vem de flanco, de lado,
Por cima, por trás
Atira
Atira*

*Resiste
Defende
De pé
De pé
De pé
O futuro será de toda a humanidade*

fabulário familiar

*Se eu perdesse a vida
No mar
Não podia hoje
T'a ofertar
Os nevoeiros, as forjas, os Baependis*

acalanto

*Acuado pelos moços de forçado
Flibusteiro
Te descobri*

*Muitas vezes pensei que a felicidade sentasse à minha mesa
Que me fosse dada no locutório dos confessionários
Na hipnose das bestas-feras
No salto mortal das rodas-gigantes
Ela vinha intacta, silenciosa
Nas bandas de música
Que te anunciavam para mim
Maria Antonieta d'Alkmin*

*Quando a luta sangrava
Nas feridas que sangrei
C'o alfinete na cabeça te deixei
Adormecida
No bosque
T'embalei
Agora te acordei*

relógio

*As coisas são
As coisas vêm
As coisas vão
As coisas
Vão e vêm
Não em vão
As horas
Vão e vêm
Não em vão*

compromisso

*Comprarei
O pincel
Do Douanier
Pra te pintar
Levo
Pro nosso lar
O piano periquito
E o Reader's Digest
Pra não tremer
Quando morrer
E te deixar
Eu quero nunca te deixar
Quero ficar
Preso ao teu amanhecer*

dote

*T'ensinarei
O segredo onomatopaico do mundo
Te apresentarei
Thomas Morus
Federico García Lorca
A sombra dos enforcados
O sangue dos fuzilados
Na calçada das cidades inacessíveis*



9. LASAR SEGALL. *RETRATO DE MARIA ANTONIETA*. REPRODUZIDO DA 1ª EDIÇÃO DE *CÂNTICO DOS CÂNTICOS PARA FLAUTA E VIOLÃO*, 1944, P. 10.

*Te mostrarei meus cartões postais
O velho e a criança dos Jardins Públicos
O tou-tou³⁰ de dançarina sobre um táxi
Escapados ambos da batalha do Marne
O jacaré andarilho
A amadora de suicídios
A noiva mascarada
A tonta do teatro antigo
A metade da Sulamita
A que o palhaço carregou no carnaval
Enfim, as dezessete luas mecânicas
Que precederam teu uno arrebol*

marcha

*Todos virão para o teu cortejo nupcial
A princesa Patoreba
Coroadas de foguetes
A Senhora Dona Sancha
Que todos querem ver
O tangolomango
E seus mortos mastigados
Nas laboriosas noites processionais*

*Todos comparecerão
O camarada barbudo
O bobo-alegre
O salvado de diversos pavorosos incêndios
O frade mau
O corretor de cemitérios
E onde estiver
O Pinta-Brava
Meu irmão
Tatá, Dudu, Popó, Sici, Lelé*

30. Haroldo de Campos diz, em nota à edição do poema publicado em *O Santeiro do Mangue e outros Poemas* (São Paulo, Globo, Secretaria de Estado da Cultura, 1991, p. 60), que “No original está, por engano, *tou-tou*. A grafia francesa correta é *tutu* (traje de dançarina)”.

*Não quero sombra de cera
Nem noite branca de reza
Quero o velório pretoriano
De Sócrates
Não o bestiário
De Casanova
Não quero tochas
Não quero vê-las
Tatá, Dudu, Popó, Sici, Lelé
O tio da América
A igreja da Aparecida
O duomo de Milão
O trem, a canoa, o avião
Tudo darei às mesas anatômicas
Do mastigador d'entranhas*

himeneu

*Para teu corpo
Construirei o dossel
Abrirei a porta submissa
Ligarei o rádio
Amassarei o pão*

black-out

*Girafas tripulantes
Em pára-quedas
A mão do jaburu
Roda a mulher que chora
O leão dá trezentos mil rugidos
Por minuto
O tigre não é mais fera
Nem borboletas
Nem açucenas
A carne apenas
Das anêmonas*



10. LASAR SEGALL. RETRATO DE MARIA ANTONIETA. REPRODUZIDO DA 1ª EDIÇÃO DE
CÂNTICO DOS CÂNTICOS PARA FLAUTA E VIOLÃO, 1944, P. 15.

*Na espingarda
Do peixe espada
Transcontinental ictiossauro
Lambe o mar
Voa, revoa
A moça enastra
Enforca, empala
À espera eterna
Do Natal*

*Desventra o ventre donde nasceu
A neutra equipe
Dos sem luar
No fundo, fundo
Do fundo mar*

*Da podridão
As sereias
Anunciarão as searas*

mea culpa, lear

*Na hora do fantasma
Entre corujas
Jocasta soluçou
O palácio de fósforo
Múltiplas janelas
Desmaiou*

— *Por que calaste os sinos?
Meu filho, filho meu!*
— *Dei, dei, dei*
— *Onde puseste os reinos e as vitórias
Que minha estranha serenidade prometia?*
— *Era usurpação. Paguei*
— *Passaste fome?*
— *Muitas vezes comi as marés de meu cérebro*

encerramento e gran-finale

*Nada te sucederá
Porque inerte deste o teu afeto
No soco do coração
Te levarei
Nas quatro sacadas fechadas
Do coração*

*Deixei de ser o desmemoriado das idades de ouro
O mago anterior a toda cronologia
O refém de Deus
O poeta vestido de folhagem
De cocos e de crânios
Alba
Alfaia
Rosa dos Alkmin
Dia e noite do meu peito que farfalha*

*A teu lado
Terei o mapa-múndi*

*Em minhas mãos infantis
Quero colher
O fruto crédulo das sementeiras
Darei o mundo
A um velho de juba
A seu procurador mongol
E a um amigo meu
Com quem pretenderam
Encarcerar o sol*

*Viveremos
O corsário e o porto
Eu para você
Você para mim
Maria Antonieta d'Alkmin*

*Para lá da vida imediata
Das tripulações de trincheira
Que hoje comigo
Com meus amigos redivivos
Escutam os assombrados
Brados de vitória
De Stalingrado*

São Paulo – Dezembro de 1942



NO DIA SEGUINTE, pela manhã, minha mãe me falou: “Você não deve continuar trabalhando com o Oswald e nem arranjar encrenca com esse homem porque as mulheres que passaram pela vida dele foram todas pra ‘rua da amargura’”!

Retruquei afirmando que nenhuma delas o havia compreendido e que eu seria capaz de entendê-lo.

Minha mãe caiu em pânico, proferindo-me palavras desagradáveis. Saí para a escola e só retornei à noite.

Nessa ocasião, meu pai³¹ encontrava-se no interior, trabalhando como fiscal de rendas do Estado e quatro de meus irmãos também viviam ausentes de casa. Minha mãe comunicou a todos o que se passava comigo, marcando o toque de reunir para o dia 14 de dezembro, data de minha formatura. Na véspera de receber meu diploma de professora, papai e meus irmãos chegaram e eu fiz força para me desencontrar deles chegando mais tarde em casa do que de costume, a fim de evitar que o meu romance amoroso fosse resolvido. Deu certo, pois quando cheguei todos estavam dormindo. Logo que amanheceu fui perambular de bonde até a cidade só regressando ao meu bairro na hora em que o comércio se escancarou. Procurei um salão de beleza e só então pude relaxar os meus nervos bastante distendidos.

Fiz as unhas enquanto meus cabelos iam sendo engolidos numa *mise-en-plis*. No secador, afundei no monte de revistas velhas que me puseram no colo.

Dali fui ao encontro do Oswald e ele me avisou que iria à tarde à minha casa falar com meus pais, pois, na véspera falara com a Carmen sobre o assunto, incumbindo-a de uma prévia conversa com eles.

31. José Lino d’Alkmin.



11. MARIA ANTONIETA, FORMATURA, COM DEDICATÓRIA A OSWALD: “Ao meu padrinho, LEMBRANDO MARCO ZERO, O MEU CORAÇÃO AGRADECIDO. MARIA ANTONIETA S. P. 1-12-42”.



Sol de montanha
Sol esquivo de montanha
Teu nome é felicidade
Maria Antonieta d'Alkmin
São Paulo 21-12-42 Oswald

12. OSWALD, 1942. FRENTE: "PARA VOCÊ/ ANTONIETA/ EU/ OSWALD"; VERSO: "SOL DE MONTANHA/ SOL ESQUIVO DE MONTANHA/ TEU NOME É FELICIDADE/ MARIA ANTONIETA D'ALKMIN – SÃO PAULO 21-12-42 OSWALD".

Quando o Oswald rumou para a vila Clementino, desci até o largo S. Francisco, entrei na igreja e esperei sentada num dos últimos bancos o momento de ir reencontrá-lo palestrando com meus pais.

Lá pelas seis horas fui varando minha casa. O ambiente era de silêncio, prenunciando-me desajustes. Assim que apontei na sala, Oswald me disse: “Agora é você quem vai falar!”

Senti-me aliviada ao lado de meu pai e ele perguntou se eu queria casar com o Oswald. Respondi-lhe, rapidamente: “Quero!”

O assunto invadiu outras paragens. Foi servido o lanche preparado para a formatura e pouco depois todos nós embocávamos no salão nobre do Instituto de Educação “Caetano de Campos” onde se processou a entrega dos diplomas, única cerimônia da qual participei.



NO OUTRO DIA, o clima familiar amanheceu plúmbeo.

O primogênito dos irmãos homens³² não me dirigiu palavra, nem eu a ele. Os outros condenaram minha peremptória decisão de casar com Oswald e eu, rija como aço, simplesmente confirmei a resposta dada a meu pai na véspera.

Muitas alegações foram levantadas, inclusive a de que eu seria “amásia de Oswald”.

— “Amásia ou esposa no papel, a vida com ele quem vai viver sou eu!”

Oswald havia apresentado a meus pais a fórmula prática de solucionar a união conjugal entre os “largados”, os desquitados e solteiros ou desquitados de ambos os lados, simplesmente “juntar os trapos” ou um casamento pró-forma por procuração, no Uruguai ou México, “absolutamente válido” e comum na alta burguesia e entre os intelectuais e artistas tidos ainda hoje como marginais. O que importava é a vida e a vida junto da criatura que se amava e não as exigências do Direito Canônico que sempre interferira diretamente no Direito Civil importado e obsoleto que ainda regia o nosso país. Que adiantavam para esses ou outros direitos, dois defuntos amarrados juntos?



OSWALD comunicou a meus pais que casaríamos por procuração, no México, por intermédio do advogado Dr. Aristides Lara de Toledo, assim que encontrássemos um

32. José Lino d’Alkmin Filho, irmão de Maria Antonieta.

~~espaço~~
Oswald comunicou a meus pais que casaríamos por procuração, no México, por intermédio do ~~grande~~ advogado Dr. Justo de Lara de Toledo, assim que encontrássemos um apartamento para morar.

Nagda época, 1.942 para 43, em que a 2ª guerra mundial ^{amplamente} batida ^{em} ~~brava~~, a dificuldade de habitação aqui em L. Paulo tornou-se ^{um} caso.

De fato, ^{imediatamente} após a ~~se~~ ^{oficialização de} ~~noivado~~, Oswald pediu a corretores e amigos que nos indicassem moradia, o que aconteceu somente alguns meses depois.

~~Então~~ ^{mesmo} ~~que~~ a intenção de Oswald era casar no dia 11 de janeiro de 1943, dia de seu aniversário mas, eu estava ^{totalmente} preparando para prestar Exame Vestibular da Fac. de Filosofia, ~~Fac. de Ciências Sociais~~, em fevereiro, e ainda providenciar o meu enxoval, às ~~carreiras~~ ~~com~~ ~~ter~~ ~~diminuído~~ ~~passo~~ ~~travado~~.
(continua pág 20)

apartamento para morar. Naquela época, 1942 para 1943, em que a Segunda Guerra Mundial caminhava em batida brava, a dificuldade de habitação aqui em S. Paulo tornou-se um caos.

De fato, imediatamente após a oficialização do nosso noivado, Oswald pediu a corretores e amigos que nos indicassem moradia, o que aconteceu somente alguns meses depois.

A intenção do Oswald era casar no dia 11 de janeiro de 1943, dia de seu aniversário, mas eu estava também me preparando para prestar o exame vestibular da Faculdade de Filosofia, em fevereiro, e ainda providenciando o meu enxoval às carreiras.

Não foi possível casarmo-nos em janeiro e adiamos para junho.

Nesse ínterim, prestei o exame vestibular e afundei na prova oral de geografia física com o professor Pierre Mombeig³³. Matriculei-me então na Escola de Sociologia e Política que funcionava anexa à Escola de Comércio Álvares Penteado, no largo S. Francisco. Entre os professores cotados que tive nessa época lembro-me de Sérgio Milliet³⁴, Noemy Rudolfer³⁵, Donald Pierson³⁶, Alexandre Kafka³⁷. E minha classe estava apinhada de gente candidata ao estrelato tanto nas ciências como nas artes, como: Bazarian³⁸, Saulo Guimarães, Mary Apocalypse³⁹, Paulo Bonfim⁴⁰, Hélio Bichels, Moema Quadros e outros.

O nosso noivado foi correndo entre livros, flores e outros presentes que Oswald me oferecia.

Geralmente, ao meio-dia, Oswald ia me esperar à saída da Álvares Penteado e ali conheceu vários de meus colegas. Almoçávamos em sua casa e à tarde prosseguíamos no trabalho de revisão d'*A Revolução Melancólica*. Jantávamos freqüentemente no Freddy da Conselheiro Crispiniano e naquelas noites de experiência de blecaute vagávamos pela limbosa cidade como almas penadas, satisfeitos da vida. Tínhamos preferências pelas imediações da rua Marconi, onde freqüentemente encontramos um ex-padre excomungado da Igreja Católica e que já havia constituído um manancial

33. Pierre Mombeig, geógrafo, foi professor da USP.

34. Sérgio [da Costa e Silva] Milliet (1898-1966), escritor, crítico literário e de arte. Importante nome do modernismo brasileiro. Participou do grupo da revista *Klaxon*, foi um dos dirigentes da revista *Terra Roxa e Outras Terras*.

35. Noemy da Silveira Rudolfer, psicóloga, professora.

36. Donald Pierson (1900). Investigador do governo americano sobre condições de trabalho industrial. Vem ao Brasil em 1935 a fim de recolher material para um estudo sobre a situação racial na Bahia, permanece no país por quase dois anos. Este estudo lhe valeu o prêmio Anisfield de 1942. O livro foi publicado no Brasil em 1945 sob o título *Branços e Negros na Bahia*. Foi professor de sociologia e antropologia social em São Paulo, em 1939.

37. Alexandre Kafka, economista, professor. Veio para o Brasil a convite de Donald Pierson.

38. Jacob Bazarian, filósofo armênio radicado no Brasil.

39. Mary Apocalypse (1922), contista, cronista, teatróloga, jornalista.

40. Paulo Bonfim (1926), poeta. Membro da Academia Paulista de Letras.

de frases repetidas pelo “Padre Beato”, personagem de *Marco Zero*. O excomungado nos disse uma vez, apontando o negrume do viaduto do Chá: “Deus está conosco e com nossos inimigos!”

Oswald dava-lhe um dinheirinho. O rosto do ex-servo de Deus se iluminava num sorriso de criança.

Íamos muito pouco ao cinema. Para ver grandes filmes ou assistir a revistas americanas bestíssimas, dessas que servem para desopilar o fígado.

Acompanhávamos a guerra naquela mesma emoção que irmanou nosso país às nações aliadas. Acreditávamos na vitória do mundo livre, porque Winston Churchill⁴¹, Franklin Delano Roosevelt⁴² e Joseph Stalin⁴³, além de grandes estadistas, souberam disseminar a esperança pelos cantos do mundo.



OSWALD e Nonê possuíam quatro casas geminadas e velhas na rua Vitória, ao lado da praça Júlio Mesquita, alugadas por preço barato. Com essa renda, o ordenado que Nonê recebia como funcionário do Estado, e o jogo com os títulos que Oswald pretendia fazer quando não conseguisse vender alguma faixa de terreno da vila Cerqueira César, e enquanto não se fizesse no Brasil a revolução social, duas famílias poderiam viver relativamente bem, a de Nonê e a dele.

A revolução social, tão sonhada naquela época pela maioria dos artistas e intelectuais de esquerda que conheci, constituía em Oswald uma realidade. Acreditava que somente num Brasil marxista sua capacidade intelectual seria condignamente aproveitada. Clamava sempre contra o forçado “miserê” em que vivia a maioria dos artistas e intelectuais brasileiros que não sabendo fazer outra coisa senão criar, ficavam à margem, ou por serem temidos como o seu próprio caso ou por displicência dos senhores do poder que neste país, esporadicamente, dão bolas às artes e aos homens de espírito.

Um dia, Oswald encontrou-se com seu amigo Mino Gallo, irmão do famoso oftalmologista Armando Gallo, e foi por ele convidado a colaborar na Coordenação da Mobilização Econômica, da Fundação Brasil-Central, sob a presidência do ministro João Alberto⁴⁴. Esse convite trouxe-lhe alegria e desafoço financeiro para iniciarmos a vida juntos.

41. [Sir] Winston [Leonard Spencer] Churchill (1874-1965), primeiro-ministro britânico (1940-1945, 1951-1955).

42. Franklin Delano Roosevelt (1882-1945), presidente dos EUA (1933-1945).

43. Ossip Vissarionovitch Dzhugashvili, dito Stalin (1879-1953), ditador soviético (1924-1953).

44. João Alberto Lins de Barros (1897-1955), ministro do segundo governo constitucional de Getúlio Vargas.

Um dia, com alguns membros de minha família, fomos ao escritório do Dr. Aristides Lara de Toledo e assinamos a procuração para casarmo-nos em Chihuahua, no México.

E assim que Oswald alugou e mobiliou um apartamento à rua Aurora, esquina da Conselheiro Nébias, marcamos o dia de nosso casório religioso que, pelo sim pelo não, constituiria (a inauguração) o ponto de partida para nossa união conjugal.

Oswald vestido num terno marrom-escuro com risquinhas brancas, eu de noiva, véu, grinalda, buquê, na tarde de 19 de junho [de 1943], um pastor protestante casou-nos no próprio apartamento onde iríamos morar. Assistiram à cerimonia diversas pessoas de minha família, o Nonê, o Rudá, adolescente, e Inês Adelaide nos seus dois anos, Di Cavalcanti⁴⁵ e Noêmia Mourão⁴⁶, Paulo Prado⁴⁷ e sua encantadora esposa, Bela Karawaewa, Luís Washington Vita⁴⁸ e Geraldo Santos, as irmãs Lúcia e Maria Helena Bastos Lucchesi acompanhadas pela avó materna. Champanha e uma mesa de doces puseram fim à cerimônia.

Embarcamos num trem das 21 horas para o Rio, tendo o Oswald me dito na Estação Roseira que comprara passagens até Aparecida⁴⁹, pois desejava ardentemente me apresentar a Santa dos pescadores e a cidade que achei parecida com um presépio que meus olhos tinham visto na infância. A nossa primeira noite de núpcias passamo-la amando ardentemente num modesto quarto de hotel, ao lado da igreja onde aquela santa milagreira abençoara nossos primeiros contatos sexuais.

No dia seguinte, partimos para o Rio, que eu ainda não conhecia. Alojamo-nos num hotel no Flamengo, se não me engano, Argentina, para vivermos a nossa lua-de-mel. Deixavamo-lo pela manhã, só regressando à noite. Oswald mostrou-me o Corcovado, o Pão de Açúcar, a floresta da Tijuca, os cassinos da Urca, de Copacabana, de Icaraí, em Niterói. O Rio estava em blecaute e muitas noites saímos pela avenida Atlântica afora, perdidos na negrura da orla de Copacabana. A guerra continuava incendiária pelos quatro cantos do mundo.

Nessa temporada de Rio, Oswald apresentou-me muita gente. Visitamos, almoçamos e jantamos com ~~diversas criaturas notáveis~~⁵⁰ que já conhecia através de suas obras e crônicas e que me deixaram feliz quando as conheci pessoalmente.

45. Di Cavalcanti [Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque Melo] (1897-1976), pintor brasileiro. Participou da Semana de Arte Moderna de 1922.

46. Noêmia Mourão (1912-1992), artista plástica brasileira.

47. Paulo [da Silva] Prado (1869-1943), ensaísta, historiador, jornalista, advogado. Emprestou todo seu prestígio aos jovens intelectuais que tentavam a renovação estética no Brasil de 1920, contribuindo decisivamente para a realização da Semana de Arte Moderna de 1922.

48. Luís Washington Vita (1921-1968), filósofo e advogado paulista.

49. Aparecida do Norte, SP.

50. Suprimido no original.



14. MARIA ANTONIETA, 1943.



15. FOTO DE CASAMENTO DE MARIA ANTONIETA E OSWALD, 1943.



16 e 17 (p. seguinte): MARIA ANTONIETA E OSWALD, “LUA-DE-MEL”, RIO DE JANEIRO, JUNHO DE 1943.



Com Manuel Bandeira⁵¹ almoçamos no Alba Mar, aquele restaurante da famosa *bouillabaisse* na esquina do mercado, frente para o mar e [para] o aeroporto Santos Dumont. Nesse primeiro almoço com Manuel Bandeira ele me aconselhou a “tomar conta do Oswald” e não me meter a escritora para não me estragar e melhor cumprir minha missão para com o escritor. Fez Manuel uma quadrinha⁵² parodiando o “Toma conta do céu” etc. e eu me encantei com ele.

Conheci um dos meus prediletos poetas, Vinicius de Moraes⁵³, casado ainda com a inteligente e simpática Tati⁵⁴, e filhos.

Emocionou-me bastante o primeiro contato com Eugênia⁵⁵ e Álvaro Moreira⁵⁶. Fomos jantar em sua casa repleta de crianças. Como não estivesse preparada para o grande impacto que sofri à presença extravagante de Eugênia num vestido preto *soirée*, justo e acinturado, aquelas franjinhas lisas do cabelo negro, negro, sua maquiagem, seus brincos pingentes e um colar fantasia caindo até a cintura. O charuto incessantemente fumegando deu-me um choque. Tomamos um drinque e conversamos sobre literatura, teatro, principalmente. Fomos depois para a mesa. Interessante que a seu redor, aboletados em dois bancos estavam os filhos do casal e alguns amigos seus. Nós nos sentamos, Oswald frente a mim ao lado de Eugênia que à cabeceira da mesa comandava o jantar. Não havia lugar para o Álvaro que se apertou numa ponta de banco e lá permaneceu espremido e bastante sorridente. Falaram durante o jantar as crianças e Eugênia.

Encontrávamos à tarde e à noite no Vermelhinho e no Amarelinho, Rubem Braga⁵⁷ e Zora Seljan, Moacyr Werneck de Castro⁵⁸, Murilo⁵⁹ e Yeda Miranda⁶⁰, encantadora irmã de Rubem Braga. Conheci também nessa época e num desses bares o delegado João Leite já com a cabeça grisalha. Vi Villa-Lobos⁶¹ e Arminda⁶² de perto e os achei

51. Manuel [de Souza Carneiro] Bandeira [Filho] (1886-1968), poeta, professor, ensaísta, cronista. Participou do movimento modernista e pertenceu à Academia Brasileira de Letras.

52. A quadrinha de Manuel Bandeira, “Carta de Amor”, foi publicada na *Revista Acadêmica* (número especial em homenagem a Lasar Segall), n. 64, Ano X, Rio de Janeiro, junho de 1944, p. 70. Ei-la: “Oswald,/ O meu amor por você/ Jamais terá fim./ Assinado:/ Maria Antonieta d’Alkmin.// Manuel Bandeira.”

53. Vinicius de Moraes (1913-1980), poeta, diplomata, músico, compositor. Foi um dos criadores da Bossa Nova.

54. Apelido de Beatriz Azevedo de Mello, primeira mulher de Vinicius de Moraes com quem teve dois filhos: Susana e Pedro.

55. Eugênia Moreira, teatróloga. Fundou junto com Álvaro Moreira, seu marido, o “Teatro de Brinquedo”, cujo objetivo seria “atualizar” o movimento teatral brasileiro.

56. Álvaro Moreira (1888-1964), cronista, poeta, teatrólogo, comentarista de rádio, jornalista. Modernista, membro da Academia Brasileira de Letras.

57. Rubem Braga (1913-1990), jornalista, cronista carioca, escritor.

58. Moacyr Werneck de Castro, jornalista.

59. Murilo Miranda. Foi diretor da *Revista Acadêmica*.

60. Mulher de Murilo Miranda.

61. Heitor Villa-Lobos (1887-1959), compositor brasileiro. Participou da Semana de Arte Moderna de 1922.

62. Arminda Villa-Lobos.

maravilhosos. Almoçamos juntos no Clube Ginástico onde o Villa comia diariamente bife com fritas. Mignone⁶³ e Liddy⁶⁴. Conheci José Olympio e o irmão, Daniel⁶⁵, José Lins do Rego⁶⁶, Graciliano Ramos⁶⁷ na livraria da rua Gonçalves Dias, numa das tardes que por lá passamos. Fiquei impressionada com o autor de *Angústia*, sua humildade e seu silêncio me emocionaram. Graciliano era calado, enquanto o Zé Lins falava pra quinhentos.

[Conheci ainda] Paulo Bittencourt⁶⁸, Genolino Amado⁶⁹, Portinari⁷⁰, Jorge de Lima⁷¹, Rachel⁷², Josué de Castro⁷³, Carlos Drummond⁷⁴ e Maria Julieta⁷⁵, Cassiano Ricardo⁷⁶ nessa época, no Rio, Marques Rebelo⁷⁷, Corção⁷⁸, Murilo Mendes⁷⁹, Jaime Cortesão⁸⁰ e Lêdo Ivo⁸¹, que se casou depois com Leda.

Voltamos para S. Paulo e de lá tomamos o rumo de Poços de Caldas, onde ficamos um mês.

Passávamos parte das manhãs nas termas, depois íamos fazer passeios até a hora do almoço. Estivemos em Pocinhos do R. Verde e em [Poços de] Caldas. De Caldas trouxemos doces e o vinho *Liebfraumilch* que muita gente bebeu em casa pensando que era alemão. À tarde caímos no bingo e à noite na roleta.

Torramos quase todo o dinheiro que levamos para a estadia. De repente ganhei no 17 por duas ou três vezes numa só noite. Foi um alívio. Pagamos os últimos dias de estadia no hotel, compramos suvenires e ainda sobrou dinheiro.

63. Francisco Mignone (1897-1986), compositor brasileiro.

64. Liddy Chiaffarelli Mignone.

65. Daniel Olympio.

66. José Lins do Rego [Cavalcanti] (1901-1957), escritor. Foi membro da Academia Brasileira de Letras.

67. Graciliano Ramos (1892-1953), escritor e político brasileiro.

68. Paulo Bittencourt. Foi diretor do *Correio da Manhã*.

69. Genolino Amado (1902-1989), ensaísta, jornalista, tradutor, advogado, professor. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Irmão de Gilberto Amado.

70. Candido [Torquato] Portinari (1903-1962), pintor brasileiro.

71. Jorge [Mateus] de Lima (1895-1953), poeta, romancista, contista, ensaísta, crítico.

72. Rachel de Queiroz (1910), romancista, teatróloga, cronista. Membro da Academia Brasileira de Letras.

73. Josué de Castro (1908-1973), romancista, contista, sociólogo, ensaísta.

74. Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), poeta, contista, cronista.

75. Maria Julieta Drummond de Andrade (1928-1987), novelista, contista, cronista. Filha única de Carlos Drummond de Andrade.

76. Cassiano Ricardo (1895-1974), poeta, ensaísta. Participou do movimento modernista. Foi membro da Academia Brasileira de Letras.

77. Marques Rebelo (1907-1973), contista, romancista, cronista, memorialista, crítico de arte, professor. Foi membro da Academia Brasileira de Letras.

78. Gustavo Corção (1896-1978), romancista, jornalista, professor.

79. Murilo [Monteiro] Mendes (1901-1975), poeta, crítico de arte.

80. Jaime Cortesão, historiador português. Pai da poetisa Maria da Saudade Cortesão, esposa de Murilo Mendes.

81. Lêdo Ivo (1924), poeta, romancista, ensaísta. Membro da Academia Brasileira de Letras.



LEMBRANÇA
DE
POÇOS DE CALDAS

18. MARIA ANTONIETA E OSWALD, "LUA-DE-MEL", POÇOS DE CALDAS, SETEMBRO DE 1943.



DE VOLTA para casa, recomeçamos o trabalho em *Chão*⁸². Eu recomecei a estudar piano (havia estudado os três métodos Schmoll no colégio de freiras, em Piracicaba), com Anna Stella Schik, recomendada por D. Lídia [*sic*] e o Prof. Kliass⁸³, seus mestres. Anna Stella conquistou-nos com a simpatia pessoal e o seu talento incubado ainda, para o grande público brasileiro. Eu como aluna de música sempre fui um fracasso, mas Oswald teimava em dizer que gostava de ouvir minhas escalas e eu as marretava no piano boa parte do dia.

Apresentamos Anna Stella a muita gente, levando-a às reuniões sociais, exposições, teatros e conferências que íamos. Falamos dela a muita gente, daqui e do Rio. Um dia, o Oswald mandou para o *Correio da Manhã* um “Telefonema” sobre a artista, com o título de “Branca de Neve e os 7 Anões”⁸⁴.



*BRANCA DE NEVE*⁸⁵
Oswald de Andrade

(De São Paulo) — Desta vez chama-se Anna Stella, e os sete anões são o teclado. O teclado que ela manda fazer todas as diabruras, conversar de perto com Mozart, cantar no coro dos presbitérios com Bach, enterrar o corpo hierático de Liszt e salvar espetacularmente Villa-Lobos.

Essa pianista menina transforma-se diante dum megatério sonoro. Sai dela, dos seus frágeis vinte anos de judia escapada das perseguições milenárias, uma personalidade fulminante de domínio. A sua reação é todo um canto de vitória contra o mundo mau. E as suas vozes são as persuasivas vozes da música.

Houve um acordo absoluto em torno desta verdadeira estréia que foi a exibição, a preços populares, de Anna Stella Schic [*sic*], no Teatro Municipal de São Paulo, a semana finda. Todo mundo compreendeu que era uma revelação a maneira com que aquele biscuit que parecia se quebrar na primeira escala abordou os grandes temas e interpretou os grandes mestres. Mas

82. Subtítulo do romance de Oswald: *Marco Zero II – Chão*.

83. Lydia Alimonda (1917), pianista e renomada professora de piano; José Kliass (1895-1970), pianista, tio e professor da grande pianista brasileira Yara Bernette (1920-2002).

84. Artigo publicado com o título alterado para “Branca de Neve”. Maria Antonieta deixou anotada entre parênteses a questão: “(Transcrever?)”. Por julgar pertinente transcrevo-o aqui.

85. Oswald de Andrade, “Branca de Neve”, em *Telefonema*, Vera Maria Chalmers (org.), São Paulo, Globo, 1996, pp. 50-51.

a dissensão foi enorme diante da execução do programa. Um poeta berrava: — Aquilo é Mozart? Um Mozart que esqueceu que vivia no século XVIII! Aquilo saiu moderno. Onde já se viu Mozart longe do país das anquinhas? Pergunte ao Murilo Mendes ou ao Mário de Andrade!

— E Schumann? Gritava outro, com os cabelos despenteados. Um Schumann enxuto, nada romântico. Ao contrário, Bach saiu gostoso demais!

As opiniões se entrecrocavam, mas diante de Villa-Lobos todos também concordaram. — Que coisa bonita! E eu que pensava que Villa-Lobos era maluco!

Houve então quem recordasse a Semana de Arte Moderna de 22, onde Villa-Lobos regera, ali mesmo, naquele Teatro Municipal, de casaca impecável, mas com um pé em chinelo. Muita gente pensou que aquilo significava futurismo. Era apenas um calo arruinado.

Essas confusões persistem até hoje em torno do grande compositor brasileiro. Depois do concerto de Anna Stella, num chá de confeitaria, um desembargador tomou os óculos e disse: — Estou encabulado com esse título *Bacchianas Brasileiras*. Que quer dizer? Para mim é erro de tipografia. Deve ser baianas, Baianas brasileiras!

Todo mundo riu e um jornalista explicou que era *bacchianas* mesmo, de Baccho... — Então devia ser *bacchantes* logo! — Não. É um neologismo... Não quer dizer nada. — Besteira! É de Bach!

Neologismo é o próprio Villa-Lobos. Conta-se que sobre ele cometeu um erro o velho genial que foi Erik Satie, o animador dos seis, e mestre de Debussy. Houve quem quisesse apresentar Villa-Lobos a Satie, em Paris. E este teria perguntado a idade do músico brasileiro. — Trinta e seis (naquela época). — Não! Só confio em gente menor de dezoito. Satie errou. Teria conhecido o Brasil através da música de Villa-Lobos, que agora Anna Stella, como poucos, coloca no seu cesto de enteada-da-rainha como um fruto maduro.

5 fev. 1944



1944 CHEGOU, a guerra continuava empestando o mundo e eu me matriculei de novo na Escola de Sociologia e Política. Logo no começo do ano, artistas e intelectuais de S. Paulo receberam um convite oficial de Juscelino Kubitschek⁸⁶, então prefeito de Belo Horizonte, para levarem aos mineiros a primeira exposição de pintura moderna que viram. Uma caravana foi organizada, dela fazendo parte Anita Malfatti⁸⁷, Tarsila⁸⁸, Oswald de Andrade Filho, nós, Sérgio Milliet, (???)⁸⁹.

86. Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976), presidente do Brasil (1956-1961). Na ocasião (1944) era prefeito de Belo Horizonte.

87. Anita Malfatti (1896-1964), pintora brasileira. Participou da Semana de Arte Moderna de 1922.

88. Tarsila do Amaral (1897-1973), pintora considerada pioneira do modernismo brasileiro. Filiou-se ao movimento Pau-Brasil e inspirou o movimento antropofágico. Foi casada com Oswald de Andrade de 1923 a 1929.

89. Maria Antonieta insere essas interrogações entre parênteses, ao que se supõe, por não se lembrar dos nomes dos



19. MARIA ANTONIETA E OSWALD, 1943.

O casamento de Anna Stella com o Benny, do qual fomos padrinhos da noiva no civil, foi antecipado para que a artista pudesse fazer parte dessa caravana e oferecer aos mineiros um concerto só de compositores modernos e a pedido especial do Oswald, ela mostrou Erik Satie⁹⁰, com a “Gymnopédie n. (1 ou 2?)”, completamente desconhecido do grande público brasileiro.

Eu estava grávida de um mês e como sempre Oswald extremamente carinhoso e cuidadoso comigo. Hospedamo-nos no Hotel Central, aonde o prefeito Juscelino ia nos visitar todas as manhãs. Fomos magnificamente tratados e com uma programação intensa de recepções e passeios. Vimos as estupendas obras de Oscar Niemeyer⁹¹ na Pampulha, a igreja de S. Francisco decorada por Portinari. O teatro municipal que seria erguido para apresentar no seu enorme palco peças de Ibsen com seus numerosos personagens. Visitamos Sabará, as igrejas, o cemitério.

Aconteceu, porém, que durante a exposição de pintura, alguns fascistas exaltados rasgaram com giletes telas de diversos de nossos artistas.

Nessa viagem a Belo Horizonte, além de outros nomes de grande projeção, fiquei conhecendo Guignard⁹², o notável Guignard, falecido no ano passado (1962), em Ouro Preto. Com ele visitamos a Casa do Ouro e os fornos da antiga usina siderúrgica dos tempos do Brasil Colônia (?)⁹³. Ganhamos do mestre dois desenhos que ainda conservo.

O prefeito Juscelino colocou ainda à disposição da caravana um trem (ônibus?)⁹⁴ especial para visitar Ouro Preto e nós não acompanhamos o pessoal porque tive uma intoxicação na véspera de sua partida. O magnífico prefeito Juscelino ainda aqui foi conosco uma fineza sem par. Determinou ao diretor do Hospital Municipal, Dr. Behrens⁹⁵, que me tratasse e o Dr.⁹⁶ foi de um carinho extremo para com minha saúde.

Ainda durante essa estadia em Belo Horizonte, fiquei conhecendo pessoalmente o primo-irmão de meu pai, José Maria Alkmin, sua esposa Maria das Dores, e os quatro filhos, ainda meninos, inclusive duas de suas irmãs. O José Maria dirigia ain-

outros convidados. No alto do verso da página 26 do caderno há anotações de outros nomes: “Mário Schenberg? Domingos C. [Carvalho] da Silva? Paulo Mendes de Almeida?”.

90. Erik [Alfred Leslie] Satie (1866-1925), compositor francês.

91. Oscar Niemeyer [Soares Filho] (1907), arquiteto brasileiro.

92. [Alberto da Veiga] Guignard (1896-1962), pintor brasileiro.

93. Esta interrogação anotada por Maria Antonieta sugere que ela tivesse dúvida sobre essa sua afirmação.

94. Maria Antonieta anotou os dois termos, o que sugere ela não se lembrar qual veículo utilizaram durante a viagem a Ouro Preto.

95. Dr. Odilon Behrens. À época, diretor do Hospital Municipal de Belo Horizonte.

96. Mais uma vez, Maria Antonieta põe uma interrogação, o que sugere ela não se lembrar o nome do médico que a atendeu.

da nessa ocasião a famosa Penitenciária de Neves, da qual foi idealizador e grande apaixonado.



O OSWALD proferiu a conferência [“O Caminho Percorrido”]⁹⁷. Ao afirmar: [“Pretendia-se que eu fosse esmagado pelo silêncio, talvez por ter lançado Mário de Andrade e prefaciado o primeiro livro de Alcântara Machado. É ele mesmo quem depõe de além-túmulo. Tudo isso teria um vago interesse anedótico se não viesse elucidar as atitudes políticas em que se bipartiu o grupo oriundo da *Semana*. Comigo ficaram Raul Bopp, Osvaldo Costa, Jaime Adour da Câmara, Geraldo Ferraz e Clóvis de Gusmão. Abandonamos os salões e nos tornamos os vira-latas do modernismo. Veio 30. O outro grupo tomou os caminhos que levariam à revolução paulista de 32. Os vira-latas comeram cadeia, passaram fome, pularam muros, com exceção do poeta de *Cobra Norato* que estava no exílio de um consulado. É que a Antropofagia salvava o sentido do modernismo e pagava o tributo político de ter caminhado decididamente para o futuro.”]⁹⁸ os “irmãos maristas” (apelido que Oswald deu aos discípulos de Mário de Andrade) protestaram. Um dos mais ardorosos defensores de Mário de Andrade em Belo Horizonte foi Carlos Castello Branco. Houve mesmo ameaça de tumulto quando Oswald atacou os integralistas declarando: [“De outro lado, os revolucionários não possuíam serviço secreto, ligação ou unidade de comando. Enquanto Miguel Costa, certo da derrota ante a teimosia da resistência presidencial nos Campos Elísios, mandava a Carlos de Campos uma carta oferecendo rendição honrosa, este abandonava precipitadamente o palácio pelo braço de um espião para receber no alvo combinado o tiro de misericórdia que daria o desfecho à luta. Pela primeira vez na história militar, em vez da bala procurar o alvo, foi o alvo que procurou a bala. Tendo enguiçado um canhão que fazia tudo para minar os Campos Elísios, e que só atingia o Centro, sugeriram ao presidente que se dirigisse para a Secretaria da Segurança, onde seria massacrado. E ele foi!”]⁹⁹.

97. Maria Antonieta anotou no início deste parágrafo, à página 28 do caderno: “Corte (ver conferência B. Horizonte)”. Provavelmente para pôr o título e transcrever da conferência trechos para preencher os espaços deixados em branco por ela. Espaços preenchidos com trechos que suponho sejam aqueles a que se refere. Para uma melhor apreciação do teor da conferência, inseri-a, na íntegra, logo após este parágrafo. A conferência “O Caminho Percorrido” encontra-se no livro *Ponta de Lança*, organizado pelo próprio Oswald, publicado pela editora Civilização Brasileira em 1972, e depois pela editora Globo em 1991, pp. 109-118.

98. Trecho da conferência de Oswald, “O Caminho Percorrido”, p. 112.

99. *Idem*, p. 113.

O CAMINHO PERCORRIDO¹⁰⁰
(CONFERÊNCIA PRONUNCIADA EM BELO HORIZONTE)

Oswald de Andrade

Perguntou-me alguém se o título que dei a esta palestra *O Caminho Percorrido* indicava o trajeto ferroviário de São Paulo a Belo Horizonte. Não disse que não. E fiquei pensando nessa curiosa analogia em que a distância geográfica entre as duas capitais pode ilustrar uma etapa superada no tempo. O caminho percorrido de 22 a 44. São Paulo do Centenário, Belo Horizonte de Juscelino Kubitschek. Em 22, São Paulo começava. Hoje, Belo Horizonte conclui. Porque enquanto Minas procura unificar o Brasil, São Paulo se dispersou em setenta painéis e foi preciso virmos a Belo Horizonte para dar o espetáculo duma família solidária e respeitável.

Indagar por que se processou na nossa capital a renovação literária é o mesmo que indagar por que se produziu em Minas Gerais a Inconfidência. Como houve as revoluções do ouro, houve as do café. Naquelas culminaram os intelectuais de Vila Rica, nestas agiram como semáforos os modernistas de 22. Nunca se poderá desligar a *Semana de Arte* que se produziu em fevereiro, do levante do Forte de Copacabana que se verificou em julho, no mesmo ano. Ambos os acontecimentos iriam marcar apenas a maioria do Brasil. Essa maioria fora prenunciada em Minas pelos inconfidentes. E que queriam os inconfidentes senão acertar o passo com o mundo, senão tirar o meridiano exato de nossa hora histórica? Hoje, passou-se o tempo, os seus corpos voltaram ao solo da pátria. Um só não voltou. Porque daqui não saiu. Foi espalhado por toda a terra brasileira. No entanto, que é feito da imagem do mártir de Vila Rica? Por que ele não estará nos nossos olhos como está nos nossos corações? É bem capaz de haver mais retratos de D. Maria I por esse Brasil afora do que retratos de Tiradentes.

Vamos dividir o movimento literário que deu essa messe de escritores, poetas e artistas de 22 para cá, rapidamente estudar a *Semana*, suas condições internas e influências exteriores. Na Vila Rica do século XVII havia os chefes rebeldes da tropa, prontos a sair, os heróicos padres carbonários, os homens que construiriam a lei nova, mas também havia os estudantes brasileiros na Europa. Em 22, o mesmo contato subversivo com a Europa se estabeleceu para dar força e direção aos anseios subjetivos nacionais, autorizados agora pela primeira indústria, como o outro o fora pela primeira mineração.

E por que esse anseio?

Essa insatisfação era assim motivada em carta a Jefferson, por um dos nossos estudantes inconfidentes na Europa, José Joaquim da Maia:

100. Oswald de Andrade, "O Caminho Percorrido (Conferência Pronunciada em Belo Horizonte)", em *Ponta de Lança* (Apêndice por Mário da Silva Brito e Silviano Santiago), São Paulo, Globo, 1991, pp. 109-118.

“je suis brésilien et vous savez que ma malheureuse patrie gémit dans un affreux esclavage que devient chaque jour plus insupportable”

A insatisfação de 22 nos levava a Paris dentre duas guerras e no seu desdobramento foi mais longe. Levou brasileiros à Rússia e às terras que haviam inventado o fascismo. Graça Aranha vivia em Paris. Mais de um brasileiro pisou o país dos soviets. O Sr. Plínio Salgado preferiu a Alemanha e Portugal. O Sr. Tristão de Athayde fez uma romaria à Palestina.

Querer que a nossa evolução se processasse sem a latitude dos países que avançam é a triste xenofobia que acabou numa macumba para turistas, particularmente tolerada pela Polícia Especial, e que nos quis infligir um dos grupos modernistas, o Verde-Amarelo, chefiado pelo Sr. Cassiano Ricardo.

Para essa gente que se bipartiu depois na formação reacionária do Integralismo e da Bandeira, o desgraçado desembargador Tomás Antônio Gonzaga era um homem afastado dos problemas brasileiros porque cantava Marília e vestia de clâmide a sua poética lapidar. No entanto, Gonzaga e seus companheiros sentiram como ninguém a exaustão da terra escrava e apenas recobriram de pastores arcádicos o vulcão que trabalhavam nas entranhas políticas de Vila Rica. Foram os árcades que pagaram com a vida o sonho siderúrgico de uma pátria liberta.

Queriam decerto que Gonzaga fosse um acadêmico de letras do século XVIII a serviço político do visconde de Barbacena, tecendo adulagens e blandícias a D. Maria I e ao regime colonial que nos conspurcava!

Mas isso não se deu com os intelectuais mineiros do século XVIII. E felizmente não se deu com quase todos os intelectuais de 22.

É preciso compreender o modernismo com suas causas materiais e fecundantes, hauridas no parque industrial de São Paulo, com seus compromissos de classe no período áureo-burguês do primeiro café valorizado, enfim, com o seu lancinante divisor das águas que foi a Antropofagia nos prenúncios do abalo mundial de *Wall-Street*. O modernismo é um diagrama da alta do café, da quebra e da revolução brasileira. Quando o Sr. José Américo de Almeida mostrou a senda nova do romance social, se tinham já dividido em vendavais políticos os grupos literários saídos da *Semana*. A *Semana* dera a ganga expressional em que devolveriam as bandeiras mais opostas. Dela sairia o *Pau-Brasil*, indicando uma poesia de exportação contra a velha poesia de importação que amarrava a nossa língua. E de *Pau-Brasil* sairia na direção do nosso primitivismo, do “bom canibal” de Montaigne e Rousseau. Se me perguntarem o que é *Pau-Brasil*, eu não vos indicarei o meu livro – paradigma de 1925, mas vos mostrarei os poetas que o superaram – Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Ascenso Ferreira, Sérgio Milliet e Jorge de Lima. É o Norte e o Sul. Se alguma coisa eu trouxe das minhas viagens à Europa dentre duas guerras, foi o Brasil mesmo. O primitivismo nativo era o nosso único achado de 22, o que acoroçoava então em nós Blaise Cendrars, esse grande *globe-trotter*

suiço já chamado “pirata do lago Lemano”, e que de fato veio se afogar não numa praia nativa mas num fundo de garrafa da política de Vichy. A Antropofagia foi na primeira década do modernismo o ápice ideológico, o primeiro contato com nossa realidade política porque dividiu e orientou no sentido do futuro.

Já se tinha destacado de nós o grupo Verde-Amarelo, sentado na tripeça perfeita dos Srs. Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e Menotti Del Picchia. Tão perfeita de anseios para salvar o Brasil que deu o Integralismo de um lado, de outro a Bandeira.

Na elucidação da questão da Antropofagia entra um ato de elegância do Sr. Tristão de Athayde que muito me comoveu. Antes de me referir a isso, quero fazer notar que o Sr. Tristão de Athayde está tingindo a cabeça de acaju. Esquece-se de que há pouco mais de um ano desejava em grandes artigos que a Rússia fosse esmagada pela Alemanha nazista, pois seria logo em seguida posta nocaute pelos vencedores de Cassino. Agora já vê diferente e deseja retomar a posição contrita de crítica ao par. Nesse caminho, que aliás já vai trilhado por outros penitentes, teremos breve um viveiro de pavões vermelhos. Mas, antes dessa remada para a esquerda, o leão da Academia que Agrippino Grieco chamou de “rei dos animais de farda”, ou seja, o inodoro e presidencial Sr. Múcio Leão deu à publicidade uma carta de Antônio de Alcântara Machado que lhe foi piedosamente passada pelo crítico católico d’*O Jornal*, a fim de me xingar pela boca de um morto. Quem havia de publicar essa carta senão a ratazana em molho pardo que é o Sr. Cassiano Ricardo? Nesse documento vem à tona o estado de sítio que proclamaram contra mim os amigos da véspera modernista de 22. Pretendia-se que eu fosse esmagado pelo silêncio, talvez por ter lançado Mário de Andrade e prefaciado o primeiro livro de Antônio de Alcântara Machado. É ele mesmo quem depõe de além-túmulo. Tudo isso teria um vago interesse anedótico se não viesse elucidar as atitudes políticas em que se bipartiu o grupo oriundo da *Semana*. Comigo ficaram Raul Bopp, Osvaldo Costa, Jaime Adour da Câmara, Geraldo Ferraz e Clóvis de Gusmão. Abandonamos os salões e nos tornamos os vira-latas do modernismo. Veio 30. O outro grupo tomou os caminhos que levariam à revolução paulista de 32. Os vira-latas comeram cadeia, passaram fome, pularam muros, com exceção do poeta de *Cobra Norato* que estava no exílio de um consulado. É que a Antropofagia salvava o sentido do modernismo e pagava o tributo político de ter caminhado decididamente para o futuro.

Mas aí já corriam os tempos novos, os do romance social, indicados pela publicação de *Bagaceira* e reivindicando outra fonte de interesse nacional que, paralelamente com *Pau-Brasil*, segundo a crítica de Prudente de Moraes Neto, viera do Nordeste. Começara a sociologia nativa e saudosista do Sr. Gilberto Freyre. E surgiu Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Amando Fontes, Ciro dos Anjos e tantos outros. O importante desse crescimento de ciclo é o aparecimento de um novo personagem no romance nacional – o povo. É o povo que brota de *Suor* e de *Jubiabá* e que vem agora depor sobre a vida do sul, na *Fronteira Agreste* do romancista Pedro Ivan de Martins.

De 22 para cá, o escritor nacional não traiu o povo, antes o descobriu e o exaltou. Vede o exemplo admirável de Jorge Amado.

Ainda em 24, quando as primeiras bombardas da revolta paulista atroaram o céu da cidade de ninguém compreendia nada. Os escritores estavam ausentes do movimento telúrico que se agitava. Estavam nos salões. Mas em 24 nem o governo nem os próprios revolucionários compreendiam nada. É assim mesmo que se processa a história, ela toma sentido nas repercussões e na soma dos fatos, nas suas decisões proféticas, no seu final balanço ideológico e político.

Em 24, na hora zero de 5 de julho eu me achava com Blaise Cendrars na redação de *O Correio Paulistano*, quando no salão nobre penetrou o presidente Carlos de Campos, alvo direto da revolta. Quem não conhecer este episódio pensará que o presidente fora ali tomar providências contra a rebelião, ou se ocultar! Não! Faltavam 15 minutos para a meia-noite. Mas ninguém sabia que aquele 5 de julho ia inaugurar uma época na vida do Brasil. O presidente paulista entrava como sempre desprevenido, e sozinho, nesta noite em companhia de um amigo, no edifício do seu jornal, do jornal do governo, onde os redatores bocejavam de tédio ante os últimos telegramas e a calma da noite sem notícias. E que se passava lá fora nos quartéis? Soaram as doze pancadas e não estremeceu o relógio grande, nem a sala luxuosa, nem o edifício penumbroso. Conversava-se calmamente sobre a broca que assolava os cafezais. Nas casernas agitadas matavam-se oficiais e praças e a tropa saía para os tumultos da cidade. Os quartéis já se tinham levantado. Quitaúna, a Luz, Sant'Anna. E o presidente falava a mim e a Cendrars, com sua voz pausada: – Vou mandar os soldados da Força Pública atacarem a broca do café. Eles não fazem nada...

De outro lado, os revolucionários não possuíam serviço secreto, ligação ou unidade de comando. Enquanto Miguel Costa, certo da derrota ante a teimosia da resistência presidencial nos Campos Elísios, mandava a Carlos de Campos uma carta oferecendo rendição honrosa, este abandonava precipitadamente o Palácio pelo braço de um espião para receber no alvo combinado o tiro de misericórdia que daria desfecho à luta.

Pela primeira vez na história militar, em vez da bala procurar o alvo, foi o alvo que procurou a bala. Tendo enguiçado um canhão que fazia tudo para mirar os Campos Elísios, e que só atingia o Centro, sugeriram ao presidente que se dirigisse para a Secretaria da Segurança, onde seria massacrado. E ele foi!

Os fatos se processaram assim, loucos, ilógicos, espantosos! No entanto como cresceu de sentido esse episódio da nossa vida pública! Quem nos diz que da resistência civil de Carlos de Campos não sairia pelo menos a tradição de uma resistência mais profunda na direção das conquistas liberais, dessas conquistas que são seculares e indefectíveis em Minas? Quem nos diz que da sublevação de Miguel Costa não ia se marcar de esperança a insatisfação popular da gente do Brasil?

Não havia muita coisa no embornal dos revoltosos. Nem plano, nem ligação, nem ca-

minhos. O então tenente João Alberto disse explicando o movimento: – “Não tínhamos diretivas, mas tínhamos vergonha”. Havia qualquer cousa no ar que era a insubmissão contra os processos políticos que oprimiam a gente brasileira. E foi esse sentimento ponderável de oposição que forjou a vitória. Esse sentimento que nenhum técnico da angústia coletiva poderia localizar, pois é feito de interjeições desligadas de seus motivos, de caras torcidas ante a normalidade dos dias e de explosões díspares pelas quais a loucura pode ser só superficialmente responsabilizada.

De 24, saíria esse raide de semiloucos, que foi a Coluna. A Coluna que levava nos dentes dos cavalos e nos braços dos peões a História do Brasil. E saíria a revolução de 30. E saíria o Tenentismo, as alianças populares, finalmente o estopim da revolução que, se hoje sangra de fogos novos na Europa em escuta, também sangra aqui nos cárceres de Tiradentes que a América reabriu.

Com a guerra, chegamos aos dias presentes. E os intelectuais respondem a um inquérito. Se a sua missão é participar dos acontecimentos. Como não? Que será de nós, que somos as vozes da sociedade em transformação, portanto os seus juízes e guias, se deixarmos que outras forças influam e embarquem a marcha humana que começa? O inimigo está vivo e ainda age. Nada mais oportuno que citar o desmascaramento provocado pela sinceridade de um político continental, o qual colocou como ideólogos do neofacismo americano, no mesmo balaio, o Sr. Plínio Salgado e o Sr. Tristão de Athayde. Um simples esbarrão desastrado fez sair a tinta fresca com que o crítico penitente estava procurando encobrir as cores de seu pernicioso e longo proselitismo reacionário. A união nacional diante do inimigo é um primado. União! Sim! Mas que se abram todos os cárceres políticos do Brasil.

De resto sejamos generosos. Façamos crédito mesmo às conversões posteriores à épica de Stalingrado! União! Os nossos soldados vão dar o seu sangue pela liberdade do mundo. União e anistia! E não turbemos a nossa jovialidade hospitaleira, nem mesmo diante das missas negras do Sr. George Bernanos e das coletas internacionais do Sr. Otto Maria Carpeaux.

Para mim o que perde o Sr. Bernanos é a sutileza. A sutileza e os príncipes. Numa só palavra, a restauração. Chamaram-no de Jeanne D’Arc de Barbacena. Não compreende o mundo futuro sem o duque de Guise. Gosta de beijar a mão. Quando ruiu Mussolini, arranjou para ele mais de um *álibi* sentimental. Não sabia qual o Mussolini que se devia enforcar. Sempre a sutileza. Hesitava entre Benoit, Benito e Bento. Um podia ficar para semente. Receio muito que Bernanos tenha um pouco de Jeanne D’Arc e muito do visconde de Barbacena.

O outro europeu também surgiu entre nós com a guerra. Tinha sido secretário de Dollfuss. Imagino a tragédia deste civilizado que vinha de Viena, e portanto, mesmo com Dollfuss, trazendo na alma uns laivos do Danúbio Azul. Dizem que a primeira pessoa que encontrou nos nossos meios literários foi o romancista nordestino José Lins do Rego. Não guardo nenhum rancor do escritor de Bangüê. Sei que no fundo ele é um bom rapaz, que nada tem de caniba-

lesco como indicam – a quem não o conhece – a cara, o grito, o prazer pelo futebol. Para um vienense que tivera a infância ninada pelo *Sonho de Valsa*, tinha que suceder o que sucedeu. Repetiu-se no século XX a tragédia do alemão Hans Staden perdido aqui no mato denso da descoberta. Os óculos de José Lins, o seu dinamismo, seus tapas nas costas, tudo repetia a frase alvissareira do morubixaba de Bertiooga: – Aí vem nossa comida pulando! Otto Maria Carpeaux perdeu a fala, entregou os pontos. Passou a ser o mais humilde e açodado admirador da tribo do José Olympio. Só eu fui excluído, talvez porque morasse em São Paulo de Piratininga, em pagos diversos e supostamente hostis. Daí por diante ele escreve, escreve, elucida, plagia, ensina, mas sobretudo badala... É o *Boca Larga* de porta de livraria, o sacristão dos convertidos à nova cultura, a de Dollfuss, o enforcador, a que corveja sobre o túmulo aberto num campo de concentração nazista, para o corpo de Romain Rolland.

Como vedes, os tempos são conturbados e estranhos. As barbas do vizinho ardem por causa das jaculatórias que neste lado do Prata faz de mãos postas o Sr. Tristão de Athayde. Há compensações, porém. Há esperança nos céus de Roma. E a luz continua a vir do Oriente, nas bocas dos canhões que souberam esmagar os inimigos da vida.

É preciso, porém, que saibamos ocupar nosso lugar na história contemporânea. Num mundo que se dividiu num combate só, não há lugar para neutros ou anfíbios. Já se foi o tempo em que, sorrindo dos que lutavam sem tréguas e muitas vezes sem esperança, os estetas se divertiam dizendo aos católicos que eram comunistas e a estes que eram católicos. O papel do intelectual e do artista é tão importante hoje como o do guerreiro de primeira linha. Tomai lugar em vossos tanques, em vossos aviões, intelectuais de Minas! Trocai a serenata pela metralhadora! Parti em espírito com os soldados que vão deixar as suas vidas na carnificina que se trava por um mundo melhor. Defini nossa posição! Sois das mais fortes equipes de todos os tempos brasileiros. Mais que nunca, terra de poetas, terra de romancistas e narradores! Terra de sensibilidade interior, terra de inteligência. Dois de vossos líderes, nos piores anos, nos anos da grande traição, permaneceram irredutíveis nas suas trincheiras de progresso e de democracia – Carlos Drummond de Andrade e Aníbal Monteiro Machado. Conservai como eles, o compromisso dos inconfidentes! Como nas vossas montanhas, introvertidas de ferro, tendes no nosso recolhimento o segredo das forjas de amanhã. Fabricai vossas armas com o ouro de vossa vida interior! E deixai para sempre os vossos complexos de isolamento mediterrâneo. Vinde com vossos irmãos de São Paulo, com vossos irmãos do Norte e do Sul, fazer com que se cumpram os destinos do Brasil!

Tendes tudo, tendes a força de vossa história, tendes a mulher de Minas, bela e sentimental, a que deu as sacrificadas do primeiro Brasil político – Bárbara Heliodora, Marília, Eugênia Maria de Jesus, a humilde anônima companheira do alferes Tiradentes. E tendes o sonho da terceira mineração.

No pórtico de nossa literatura, se agigantam os dois guias de nosso destino intelectual

– Euclides da Cunha e Machado de Assis. São as coordenadas mestras de nossa existência literária. Fora de suas rotas, nada de legítimo sairá de nossa capacidade criadora. E que nos ensinam os mestres inegáveis? O pessimismo de Machado é um pessimismo de classe. Nele, já existe fixado o germe de toda uma sociedade condenada. Em Euclides, surge a esperança do povo, a mística do povo, anunciação do povo brasileiro.

Façamos da irmanação entre mineiros e paulistas um fasto da fraternidade nacional. Façamos crédito à união que se anuncia! Constatamos hoje que ficaram marcados aqui vinte e dois anos de luta nesse trajeto. De São Paulo a Belo Horizonte.

Aqui, neste ano da graça de 1944, viemos encontrar o marco da primeira etapa vencida. Belo Horizonte, a cidade perfeita, anuncia-se a Bayreuth brasileira, o refúgio criador da poesia e da arte que não dará com certeza as centúrias hirsutas saídas da demagogia wagneriana, que hoje ajudamos a abater no mundo em sangue. Mas esse apaziguamento que reunirá um dia, sob o mesmo toldo de trabalho, e de fé, os homens de boa vontade.

Minas antiga nos dera as grandes lições da Inconfidência, as grandes lições do Aleijadinho. Das catedrais do silêncio e do minério vivo da liberdade, oculto nas montanhas que aparecem amassadas pelas mãos de Deus, Minas moderna já nos havia prodigado o exemplo sem par da Penitenciária de Neves, que, pelas mãos de José Maria d'Alkmin, está indicando à América trágica de Sing-Sing e do Carandiru que as portas abertas são os melhores caminhos da regeneração e de boa conduta. Agora, viemos encontrar na tarde opalina da Pampulha o cassino mágico. E do outro lado, a massa dos monges medievais com que o gênio arquitetônico de Oscar Niemeyer faria a única catedral capaz ainda de converter. Viemos encontrar um santo ensinando as artes da pintura como nos bons tempos do Renascimento ensinava Cimabué, ensinava o Perugino, Santo Alberto da Veiga Guignard. Viemos encontrar o teatro encantado, onde parece que já se movimentam, nos cenários do futuro, as florestas de Macbeth, as massas saídas de Gorki e Tolstoi, e os meandros espessos onde Solveig canta esperando Peer Gynt.

E viemos encontrar, mais do que isso, viemos espiar por uma fresta o mundo de amanhã. Foi aquele almoço do restaurante popular da cidade, onde as mães pobres, os garotinhos que seguram suas pobres calças remendadas em suspensórios que têm forma de cruz, onde velhos operários e moças de cor sentam-se para comer a sua fome justa, numa fraternidade a que a música do rádio empresta um canto de vitória sobre o mal, a desigualdade e a injustiça. E fomos ver os ambulatórios limpos do Hospital Municipal.

O hospital de Odilon Behrens e o restaurante da cidade são, porém, manchas de sol vivo na escuridão dos dias torvos do presente. É preciso que a clareira seja inteiramente aberta!

Porque estou convencido de que só seremos felizes sobre a terra quando toda a humanidade, num mundo redimido, comer à mesma mesa, com a mesma fome justa satisfeita, sob o mesmo tendal de fraternidade e de democracia.



SEGUIMOS para o Rio num trem noturno. Do hotel, Oswald comunicou a nossa chegada a Mino Gallo e este nos convidou para a festa de inauguração de sua casa no Morro de Santa Tereza, projetada por Henrique E. Mindlin¹⁰¹. No meio da reunião me senti mal e voltamos para o hotel. Era uma cólica atrás da outra. Oswald telefonou ao Paulo Bittencourt e ele indicou um médico renomado no Rio, Dr. Bastos Tigre, para me tratar. Só sei que pelo telefone o Oswald obteve desse clínico a indicação de uns medicamentos de emergência e correu buscá-los. Com os remédios, Oswald trouxe um enfermeiro para aplicar-me injeção. Na manhã seguinte, continuei na mesma. O médico foi me ver no hotel e aconselhou minha ida para um hospital, mas a Lia, mulher do ministro João Alberto, ao inteirar-se do fato, dissuadiu-me. É que no Rio, segundo ela me contou, grande número de médicos, em caso de curetagens uterinas por abortos naturais ou provocados, perfurava o órgão ou arrancava-o de vez. Essa declaração apavorou-me e eu não quis me hospitalizar. Acabei tendo uma hemorragia e imediatamente o ministro João Alberto providenciou lugar para nossa volta a S. Paulo, num avião da FAB¹⁰². O Prof. Raul Briquet¹⁰³, o cientista que havia constatado minha gravidez antes de partir para Belo Horizonte, me tratou até sua partida para os EUA. Como não estivesse curada, Oswald levou-me ao Dr. Edgard, o poeta Edgard Braga¹⁰⁴, que depois de quase seis meses de luta me restituiu a saúde.



PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE ESCRITORES¹⁰⁵

NO FINAL de 44, fervilhavam os preparativos para o Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores. Lembro-me das agitações políticas a par do Congresso. Os comunistas, na ilegalidade ainda, expeliam panfletos e a luta subterrânea prosseguia sem esmorecimento. Oswald vivia em constante atividade e, com muita frequência, corria hu-

101. Henrique E. Mindlin, arquiteto, irmão do empresário, bibliófilo e escritor, José Mindlin.

102. Força Aérea Brasileira.

103. Raul Carlos Briquet (1887-1953), médico, escritor. Foi professor de obstetrícia da USP e membro da Academia Paulista de Letras.

104. Edgard Braga (1897-1985), médico, poeta, muito amigo de Oswald e depois do casal.

105. A inclusão deste subtítulo sugere que Maria Antonieta pensava em discorrer sobre este evento ocorrido em São Paulo, promovido pela Associação Brasileira de Escritores (ABDE), de 22 a 27 de janeiro de 1945. Evento de importância histórica que contou com a participação de, entre outros, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Aníbal Machado e Carlos Drummond de Andrade.

PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO
DE ESCRITORES



PROMOVIDO PELA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES

de 22 a 27 de janeiro de 1945

SÃO PAULO — 1945

- 189 - Araujo Nabuco
190 - Arnaldo Pedroso D'Horta
191 - Caio Prado Junior
192 - Cruz Costa
193 - Edgar Cavalheiro
194 - Fernando de Azevedo
195 - Fernando Goes
196 - Guilherme de Almeida
197 - José Geraldo Vieira
198 - Lourival Gomes Machado
199 - Luiz Martins
200 - Maria José Dupré
201 - Mario da Silva Brito
202 - Mario de Andrade
203 - Mario Neme
204 - Mauricio Loureiro Gama
205 - Monteiro Lobato
206 - Nelson Palma Travassos
207 - Oliveira Ribeiro Neto
208 - Oswald de Andrade
209 - Paulo Emilio Salles Gomes
210 - Paulo Mendes de Almeida
211 - Paulo Zing
212 - Plinio Gomes de Mello
213 - Sergio Milliet
214 - Tito Batini

SERGIPE

- 215 - Amando Fontes
216 - Barreto Filho

mildemente em socorro de membros do partido, quando agarrados pela polícia em qualquer canto do Estado. Com as relações que tinha com elementos dos Campos Elíseos, Oswald, quando avisado, achava sempre um jeito de soltar os companheiros de luta. O partido, segundo ele próprio dizia, não tinha confiança em suas atividades subversivas. Sendo de origem burguesa, era olhado com suspeita pelos obreiristas da linha justa. Aliás, disso ele tinha mágoas. Iniciou no partido, nas fileiras do “Socorro Vermelho” e ao qual ele fora sempre solicitado para socorrer monetariamente.

Contou-me que para atender um dos camaradas do “Socorro Vermelho” hipotecou duas casas que possuía na Av. Brigadeiro Luís Antônio e as perdeu porque, foragido, não pôde arrumar dinheiro para resgatar a dívida¹⁰⁶.

106. O texto ficou inacabado. Não se conhecem os motivos pelos quais Maria Antonieta não continuou seu relato.



22. MARIA ANTONIETA, GRÁVIDA DE CINCO MESES DE MARÍLIA, E OSWALD NA PRAÇA DA REPÚBLICA, 21-7-1945.

*Maria Antonieta d'Alkmin
e Oswald de Andrade*



Correspondência

(1942-1954)

ESTABELECIMENTO DE TEXTO E NOTAS

Êsio Macedo Ribeiro



23. (P. ANTERIOR): DETALHE DA FOTO DE CASAMENTO DE MARIA ANTONIETA E OSWALD, 1943.

24. OSWALD E MARIA ANTONIETA, C. 1946.

1942

1. (OA)¹

[São Paulo], 21 de agosto de 1942.

Antonieta²

Esses cadernos que estão aí na frente têm coisas preciosas. Conserve-os separados dos outros. Trabalhe na *découpage* de Lâmpada e Edípia, enquanto eu trabalho lá fora. Estou com a Vitória do Vilão para rever nos intervalos que tiver na rua.

Oswald.

Bilhete assinado: “Oswald”; datado: “21-8-42”; autógrafo a lápis preto; anotado no “Caderno Guarany”, brochura, pautado sem paginação; 16,3 x 23,7 cm.

-
1. OA: Oswald de Andrade. Toda a correspondência pertence ao Fundo Oswald de Andrade, do Centro de Documentação Cultural “Alexandre Eulálio” (Cedae), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
 2. Este bilhete encontra-se no “Caderno Guarany”, onde, na capa, Oswald anotou: “Marco Zero II – Beco do Escarro 3 – Majestade da Justiça”.

2. (OA)

[São Paulo], 24 de agosto de 1942.

Antonieta³

Vou à cidade a 1 hora e volto logo. Na minha ausência, você pode verificar na “Vitória do Vilão” as coincidências que há na página final (Xavier) e assinalá-las.

Há muita repetição inútil. Faça também, se houver tempo, enriquecimento. Como foi de domingo?

Oswald.

Bilhete assinado: “Oswald”; datado: “24-8-42”; autógrafo a lápis preto; anotado no “Caderno Guarany”, brochura, pautado sem paginação; 16,3 x 23,7 cm.

3. (OA)

[São Paulo], 2 de setembro de 1942.

Antonieta⁴

Vou à cidade a negócio. Se você chegar antes, prepare a página de Jango e os banqueiros

Grato o

Oswald

Bilhete assinado: “Oswald”; datado: “2-9-42”; autógrafo a lápis preto; anotado no “Caderno Guarany”, brochura, pautado sem paginação; 16,3 x 23,7 cm.

3. *Idem.*

4. *Idem.*

4. (OA)

[São Paulo], 2 de setembro de 1942.

Antonieta. Veja se acha nos cadernos de material a história da onça “a gata” e as raivas do fazendeiro depois da revolução.

Se você chegar antes, prepare a página de Jango e os banqueiros

Grato o

Oswald⁵

Reúna material. Não se aflija com a “fazendinha”. Quando eu chegar, acharemos.

Temos grandes trabalhos

Muito grato

Oswald⁶

Bilhete assinado: “Oswald”; datado: “2-9-42”; autógrafo a lápis preto; 1 folha rasgada anotada frente e verso; 12 x 11 cm.

5. (OA)

[São Paulo, 1942?].

Antonieta

Fui ao sanatório. Por isso, almoce sem mim. Como vai sua testa? Tratou dela?

Telefonarei da cidade, quando chegar, antes de 1 hora, creio.

Reúna material. Não se aflija com a “fazendinha”. Quando eu chegar, acharemos.

Temos grandes trabalhos.

Muito grato

Oswald

Bilhete assinado: “Oswald”; sem data; autógrafo a lápis preto; 1 folha anotada apenas na frente; marca de grampo e dois furos na lateral direita; 15,8 x 22,5 cm.

5. Anotação na frente do bilhete.

6. Anotação no verso do bilhete.

6. (OA)

[São Paulo], 3 de setembro de 1942.

Antonieta⁷

Esperei você até 10 horas. Como a escritura ficou para hoje, sou forçado a sair.
Veja se acha nos cadernos de material, a história da onça “a gata” e as raivas da
fazendeira⁸ depois da revolução

Oswald

Bilhete assinado: “Oswald”; datado: “3-9-42”; autógrafo a lápis preto; anotado no “Caderno Guarany”, brochura, pautado sem paginação; 16,3 x 23,7 cm.

7. (OA)

[São Paulo, setembro de 1942?].

Tonetinha

Volto logo. Trabalhe que está muito bom o seu *Marco Zero*.

Oswald

Bilhete assinado: “Oswald”; sem data; autógrafo a lápis preto; 1 folha anotada na frente; quatro furos de perfurador na parte inferior (rodapé); 22,5 x 15,8 cm.

7. Ver nota 2.

8. No bilhete de 2 de setembro de 1942, Oswald menciona a mesma frase, mas no masculino: “... do fazendeiro”, em vez de: “... da fazendeira”.

8. (OA)

[São Paulo, setembro de 1942?].

Antonieta⁹

Hora da partida

Espero recado seu, a pagar lá, domingo à tarde

Estarei de volta segunda

Seu

Oswald

Bilhete assinado: “Oswald”; sem data; autógrafo a lápis preto; anotado no “Caderno Guarany”, brochura, pautado sem paginação; 16,3 x 23,7 cm.

9. (OA)

[São Paulo], 8 de setembro de 1942¹⁰.

Antonieta

Fui buscar papel para máquina. Voltarei imediatamente.

Oswald

Bilhete assinado: “Oswald”; datado: “8-9-42”; autógrafo a lápis preto; anotado no “Caderno Guarany”, brochura, pautado sem paginação; 16,3 x 23,7 cm.

9. Ver nota 2.

10. *Idem*.

10. (MAA)¹¹

São Paulo, 17 de setembro de 1942.

Dr. Oswald:

Espero que o Sr. tenha feito ótima viagem, encontrado soluções favoráveis para os negócios e com a passagem de volta no bolso. Chegará sábado de manhã?

Tenho estado contente com a certeza do êxito universal que um dia o “nosso livro”¹² alcançará.

De exames tenho ido regularmente

Com um adeus, os votos de breve regresso da

Maria Antonieta

Carta assinada: “Maria Antonieta”; datada: “S. Paulo – 17-9-42”; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel de carta timbrado “VASP”, dobrada ao meio (4 páginas), anotada apenas a primeira página; 13,8 x 20,3 cm.

11. (OA)

[São Paulo], 10 de outubro de 1942.

Antonieta

Assisti a um espetáculo único que muito servirá para *Marco Zero*. Sigo hoje para o Rio. Recomende-me aos seus,

Oswald [de] Andrade

SENHORITA

MARIA ANTONIETA D’ALKMIN

RUA DOS OTTONIS 430 (VILA CLEMENTINO)

SÃO PAULO

Cartão-postal com registro impresso na frente: “15 Panorama Parcial vendo-se no centro a Matriz – Caxambu”. Verso: assinado: “Oswald Andrade”; datado: “10-10-42”; autógrafo a tinta azul; 9 x 14 cm; selo/carimbo. Postagem: “Vila Mariana 12 X 42”.

11. MAA: Maria Antonieta d’Alkmin.

12. Provavelmente refere-se a *Marco Zero*.



S. Paulo - 17-9-42

Dr. Oswald:

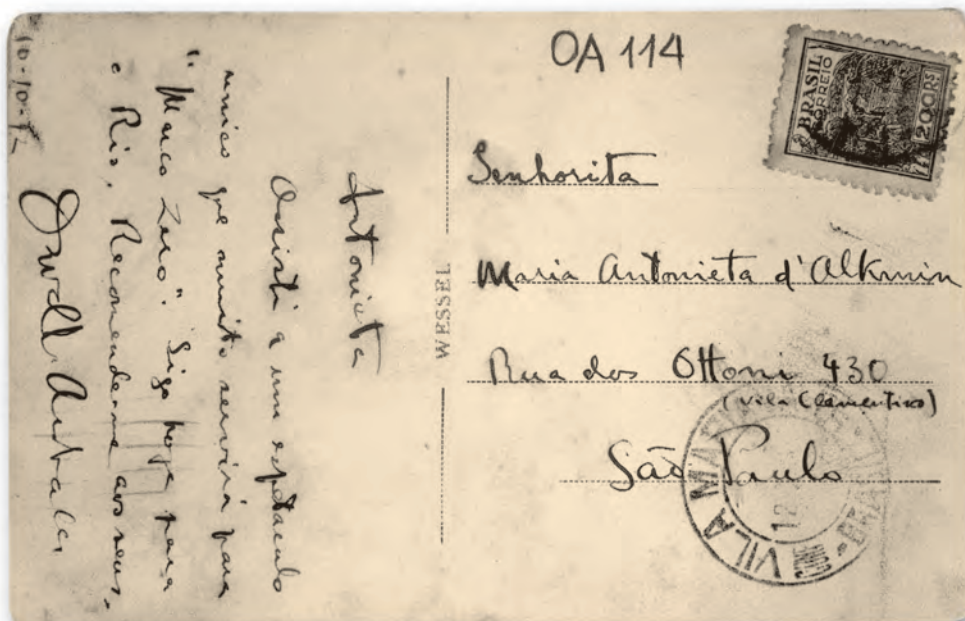
Espero que o Inr. tenha feito
ótima viagem, encontrado soluções
favoráveis para os negócios e com
a passagem de volta no bolso.
Chegará sábado de manhã?

Tenho estado contente com a
certeza do êxito universal que um
dia o "nosso livro" alcançará.

De exames tenho ido re-
gularmente.

Com um adeus, os votos
de breve regresso da

Maria Antonieta.



26. CARTÃO-POSTAL DE OSWALD A MARIA ANTONIETA (FRENTE E VERSO), [SÃO PAULO], 10 DE OUTUBRO DE 1942.

12. (OA)

Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1942.

Santa Antonieta

Tive vontade de telegrafar a você para beijar-lhe as mãos pelo seu trabalho, de que só tomei conhecimento aqui. Está admirável. Como você me ajuda! Com a falta da sua cooperação, entreguei um pouco apressadamente os originais. Que fazer?

Encontrei um ambiente favorável, mas os negócios atrapalhados continuam. Por isso, a fim de deixar tudo em ordem, não marquei ainda a data de meu regresso. Talvez tenha que permanecer alguns dias, para deixar tudo nos trilhos. Até quinta ou sexta-feira. Não quero ser obrigado a voltar. Avisarei, pois até dezembro, quero dar a edição definitiva da *Rev. Melancólica*.

Peço que me recomende à sua ótima gente. Estou com saudades da ilha da Rua dos Ottonis.

Muito grato sou o
Oswald de Andrade

ENVELOPE: SENHORITA

MARIA ANTONIETA D'ALKMIN

RUA DOS OTTONIS 430 (VILA CLEMENTINO)

SÃO PAULO

Carta assinada: "Oswald de Andrade"; datada: "Rio 16-11-42"; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel de carta timbrado "VASP", dobrada ao meio (4 páginas), anotadas as páginas 1 e 3; 13,8 x 20,3 cm. Carimbo postal no envelope: "16 nov. 1942".

13. (OA)

Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1942.

Antonieta

Os negócios obrigam-me a ficar até sexta-feira aqui. Sigo pelo Cruzeiro, à noite, devendo chegar no sábado às 9 horas. Escrevi a Nonê avisando, para o escritório. Como ele pode estar ocupado com o cinema e não receber a carta a tempo, pediria a você um favor. Telefonar a ele mesmo dizendo que quero ver gente minha na estação. Estou ficando exigente. Também só aí encontro compreensão.

Tenho lutado e parece enfim que tudo vai entrar no ritmo devido. *Marco Zero* vai bem. O seu trabalho foi precioso e sinto verdadeira falta na cooperação dedicada que o seu talento me dá.

Precisamos fazer urgentemente, desde sábado, um *trailer* do livro para ser traduzido e mandado à América.

Recomende-me ao carinho dos seus e diga ao Augusto que na próxima semana visitaremos o Dr. Samuel.

Devotadamente seu
Oswald de Andrade

Tem tomado *aurum*?

E a pública forma? Tirou no 20º Tabelião?¹³

Carta assinada: “Oswald de Andrade”; datada: “Rio – 18-11-42”; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel de carta timbrado “VASP”, dobrada ao meio (4 páginas), anotadas as páginas de 1 a 3; 13,8 x 20,3 cm.

13. Anotado na transversal da página 2.

14. (OA)

[São Manoel], 18 de dezembro de 1942.

Venha!

Venha!

Antonietinha Vigilante

Venha!

Venha!

Eu sabia que você ia querer voltar. Venha! Quer que eu esteja na estação, segunda à noite? Sim?

As coisas mudam, as pessoas mudam. Só num caso permanecem as mesmas, para sempre. Quando ela vem da China. E ele sabe esperar. Não troque o seu destino por pequenas coisas. Venha! Venha!

Volte!

Se eu perdesse a vida

No mar

Volte!

Não podia hoje

T'a ofertar¹⁴.

Não tenho deixado a tua gente. Idinha que me recebeu ontem muito bem, veio hoje aqui com Celso. Está tudo pois em ordem, na melhor ordem. Faltando só você

Para mim

Maria Antonieta d'Alkmin

São Manoel é mais perto do que a China. Venha pois para o teu Amor da eternidade

Opinião da Idinha
Que você não deve ir
à fazenda e sim voltar
A minha?
Advinha!
E venha!

Inez Adelaide
quer que você volte
Déco também

Não irei a São Paulo, sim?
Espero você?

14. Parte do poema "Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão" intitulada: "fabulário familiar".

Venha!

OA 117

18-12-42

Venha!

Venha!

Antonietinha vigilante

Venha!

Eu sabia que você ia querer voltar. Venha! Quer
que eu esteja na estação, segunda à noite? Sim?

As coisas mudam, as pessoas mudam.
Só num caso permanecem as mesmas,
para sempre. Quando ela vem da China,
é ele sabe esperar. Não troque o seu
destino por pequenas coisas. Venha! Venha!

Volta!

Se eu perdesse a vida
No mar
Não podia hoje
T'á ofertar.

Volta!

Não tenho deixado a tua gente. Idinha que
me recebeu contou muito bem, veio hoje aqui
com Celso. Está tudo pois em ordem, na
melhor ordem. Faltando só você

Para mim

Maria Antonieta d'Almeida

São Manoel é mais perto do que a China. Venha pois para o teu
amor de eternidade

A minha?
Adivida!
E venda!

Aue voçê não deve ir
a legação e sim nettar.

Opinião de Ildine

Mey Adelaide

Quer que voçê volte

Dico também

Não irei a São Pedro, não?
Empere voçê!

ENVELOPE: SENHORITA

MARIA ANTONIETA D'ALKMIN

SÃO MANOEL

(SOROCABANA)

Carta sem assinatura; datada: "18-12-42"; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel branco com marca d'água: "Victoria", anotada frente e verso; 26,4 x 20,6 cm. Carimbo postal no envelope: "São Manoel, 19 dez. 42".

15. (MAA)

São Manoel, 19 de dezembro de 1942.

Vim bastante conformada porque julgava que o Déco¹⁵ lhe faria as minhas vezes. E Inez Adelaide?

Oswald:

As minhas saudades a você e aos meus queridos. Você nem pode calcular o desejo imenso que tenho de ir embora. Não toleraria S. Manoel por mais tempo. Irei, como lhe disse, segunda-feira, devendo embarcar às 9 da manhã.

Vim ao correio e não encontrando sua carta, envio-lhe esta pedindo desculpas por escrevê-la a lápis. Antes assim do que deixar de cumprir o que foi prometido, não é mesmo?

Tenho corrido via-sacra o dia todo e o tempo assim mesmo custa muito passar. Sílvia ficou satisfeita por eu ter vindo e o pessoal tem me feito muita festa. Mas de qualquer jeito irei, ouviu bem?

Ainda hoje virei à tarde para ver se encontro sua carta. Esta seguirá expressa para que você a receba hoje mesmo.

O poema¹⁶ continua sendo dedicado a mim?

Com um abraço a você, as minha recomendações a todos.

M. Antonieta

Carta assinada: "M. Antonieta"; datada: "S. Manoel – 19-12-42"; autógrafo a lápis preto; 1 folha de papel pautado com marca d'água: "Vencedor Extra", anotada apenas na frente; 18,3 x 25,8 cm.

15. Apelido de Rudá de Andrade.

16. "Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão".

1943

16. (OA)

Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1943.

Antonieta adorada

Estou triste de não poder voltar antes. Tomei passagem para sábado à noite. Chegarei domingo cedo. Vá com o Déco me buscar, sim? Preciso tanto de você!

Aqui, tudo caminha lentamente, dificilmente. Foi grande o sucesso de *Marcos Zero* e do poema¹⁷.

O trem deve chegar às 9 horas. Telefone à estação com bastante antecedência para ver se chega no horário. Será melhor você estar em casa às 8, para pegar o Déco. É muito cedo?

Que saudade enorme!

Sem você, não há vida para o

Oswald

ENVELOPE: SENHORITA

MARIA ANTONIETA D'ALKMIN

RUA DOS OTTONIS 430 (VILA CLEMENTINO)

SÃO PAULO

Carta assinada: "Oswald"; datada: "Rio – 21-1-43"; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel de carta timbrado "VASP", dobrada ao meio (4 páginas), anotadas as páginas 1 e 3, 13,8 x 20,3 cm. Carimbo postal no envelope: "22 jan. 43".

17. Provavelmente trata-se do poema "Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão".

1945

17. (MAA)

Araxá, 17 de fevereiro de 1945¹⁸.

Oswald querido, minino querido, querido Filhão

A Minina está com uma saudade tão grande como o avião da Panair que lhe vai levar este bilhete. O Rei Luís Pelado I de Maria Antonieta Oswald de Andrade também.

O tempo não passa
Quanta saudade
Venha correndo nas nuvens
Voando nos trilhos
Quanta saudade
Que coisa horrível
O tempo não passa.

Tin-tin por tin-tin, o Pelado e eu temos seguido as suas recomendações. Só hoje é que não quisemos comer os ovos com presunto para podermos almoçar bem. Levantamos às 9 e ½. Dormimos ontem às 10 horas. A roleta tem nos apedrejado! Antes o Leito de Procusto!

Chega!

Filhão, você tem tomado insulina?

18. Nesta carta, Maria Antonieta trata a si mesma por “Minina”, a Oswald por “minino” e “Filhão” e ao filho que espera dele por “Rei Luís Pelado I” e “Pelado” (nasceu Antonieta Marília de Oswald de Andrade).

Araxá - 17-2-45

Oswald querido, Minino querido, querido Filho

A Minina está com uma saudade tão grande como o avião da "Panair" que lhe vai levar este bilhete. O Rei Luís Pelado I de Maria Antonieta Oswald de Andrade também.

O tempo não passa
Quanta saudade

Venha correndo nas nuvens

Vendo nos trilhos
Quanta saudade
Que coisa horrível

O tempo não passa.

Tin-tin por tin-tin, o Pelado e eu temos seguido as suas recomendações. Só hoje que não quisemos comer os ovos com presunto para podermos almoçar bem. Levantamos às 9 e 1/2. Dormimos ontem às 10 horas. A roleta tem nos apedregado! Antes o Leito de Procusto!

Chega!

Filhão, você tem tomado insulina?

Conseguiu arrumar todo o material para a tese? Em já terminei aquela parte. Mas acho que tem muito poucas páginas escritas. Gostei muitíssimo e andei pondo minha colherzinha enferrujada no meio, na parte final.

2.
Tenho saído de manhã para dar umas voltas
e tomar as águas de St. Beja com aquele
casalzinho que tem sido muito gentil.
Almôço e janto com eles, continuo gostando
muito da "Quadragesima Porta" e avianha
depois pegarei a "Historia da Cultura".
O que você quer, lá vai:
Revista Trimestral do Instituto His-
tórico e Geográfico (volume 28, página 137)
Ramos Coelho (página 46) - Arquivo Ul-
tramarino.

O telegrama foi hoje cedo - (urgente).
Você recebeu direitinho?

Não seja bobo de comprar
presente pro Pelado. Eu tomo! Ele
não merece. Não quer ver reinar
sem a grossa casa e em nosso cora-
ção. Quanto ele está perdendo, não?

Beijinhos, beijinhos, beijinhos
da

Mininha

da

Maria Antonieta

da

sua mulher e do

Pelado também

Conseguiu arrumar todo o material para a tese? Eu já terminei aquela parte. Mas acho que tem muito poucas páginas escritas. Gostei muitíssimo e andei pondo minha colherzinha enferrujada no meio, na parte final.

Tenho saído de manhã para dar umas voltas e tomar as águas de D. Beija com aquele casazinho que tem sido muito gentil. Almoço e janto com eles, continuo gostando muito da *Quadragésima Porta* e amanhã ou depois pegarei a *História da Cultura*.

O que você quer, lá vai:

Revista trimestral do Instituto Histórico e Geográfico (volume 28, página 137)
Ramos Coelho (página 46) – Arquivo Ultramarino.

O telegrama foi hoje cedo – (urgente). Você recebeu direitinho?

Não seja bobo de comprar presente pro Pelado. Eu tomo! Ele não merece. Não quer vir reinar em nossa casa e em nosso coração! Quanto ele está perdendo, não?

Beijinhos, beijinhos, beijinhos
da Minina
da Maria Antonieta
da sua mulher e do Pelado também

Remet: M. Antonieta d'Alkmin de Andrade
Grande Hotel – Araxá – (Minas)¹⁹

ENVELOPE TIMBRADO: “HOTEL DO ARAXÁ/ BARREIRO DO ARAXÁ – BRASIL”

“ESCRITOR
DR. OSWALD DE ANDRADE
ITAJUBÁ HOTEL
(RUA DR. ÁLVARO ALVIM)
RIO DE JANEIRO²⁰

“REMET: M. ANTONIETA ALKMIN DE ANDRADE
GRANDE HOTEL – ARAXÁ – (MINAS)”²¹

Carta assinada: “Maria Antonieta”; datada: “Araxá – 17-2-45”; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel de seda anotada na frente; no alto do verso apenas a inscrição: “2”; 21,2 x 30,4 cm.

19. Nota no verso da carta.

20. Frente do envelope.

21. Verso do envelope.

18. (MAA)

[Araxá, 17 de novembro de 1945].

Procurar Revista Trimestral do Instituto Histórico Geográfico volume 28 página 137 Ramos Coelho página 46 Arquivo Ultramarino ABRS SDS

Maria Antonieta =

Telegrama assinado: “Maria Antonieta”; carimbo postal: “Araxá – 17-11-45”; endereçado a OA: “Urgente Dr. Oswald Andrade/ Itajubá Hotel Rua Álvaro Alvim Rio DF =”; 17,8 x 21,3 cm.

1949

19. (OA)

[Santos], 12 de outubro de 1949.

Tonhетinha

Estamos saindo do Atlântico para tomar o trem. Como o Rudá me disse que d'outra vez perdeu o trem por falta de tempo, não se assuste se eu não chegar hoje para a canja. Chegarei amanhã cedo para o almoço. Beijo na Picocha e no Picochão e em você do seu

Oswald

ENVELOPE TIMBRADO: “ATLÂNTICO HOTEL – SANTOS – PRAIA DO GONZAGA”
A SRA.
MARIA ANTONIETA D’ALKMIN DE ANDRADE
R. RICARDO BATISTA 18 AP. 52
SÃO PAULO

Carta assinada: “Oswald”; datada: “12-10-49”; autógrafo a tinta preta; 1 folha de papel de carta bege timbrado: “Atlântico Hotel – Santos – Praia do Gonzaga – Fone: 3191 – Série – Telegr.: ‘Atlanhotel’”; anotada apenas na frente; 15 x 19 cm.

1954

20. (OA)

[Rio de Janeiro, 10 de março de 1954].

Apele Paulo Niomar trazer qualquer parcela quadro vendido.
Beijos Saúde melhor
Oswald

Telegrama assinado: “Oswald”; carimbo postal: “Rio de Janeiro 10 mar. 1954”; endereçado a MAA: “Urgente Antonieta Andrade Hotel Serrador Rio”; 19 x 21 cm.

21. (OA)

[São Paulo], 10 de março de 1954.

Antonieta

Passei a noite bem com o Rudá. Estou à espera dos médicos. Sinto-me melhor.
Esqueci duma coisa que o Paulo Bittencourt com certeza não falhará neste momento. Apele para ele e Niomar a fim de obter qualquer parcela urgente do ministro.
Com José Maria, Aprígio e Geraldo Rocha, conto também.
Abraça Carmen.

HOSPITAL SANTA EDWIGES

AV. JABAQUARA, 2371 - TELEFONE 7-8408

SÃO PAULO - BRASIL

0A130

10.3.54

Antonieta

Passei a noite bem com a
bunda, estão à espera dos
medicos. Sinto-me melhor.

Esqueci duma coisa ~~a~~ que
o Paulo Bittencourt com certeza
não falharia neste momento,
Apelo para ele e Níomar
afim de obter qualquer parcela
nigente do ministério.

Com José Maria, Apicigão e
Geraldo Rocha, conto também.

Abraço Carmen.

Beijo infinitamente

Oswald

Tudo Bem. Abraços. R. L.

Espero que pudes de José Olímpio.

E beije infinitamente o teu
Oswald

Tudo bem. Abraços. Rudá²².
Saque o que puder do José Olimpio [*sic*]²³

Maria Antonieta d'Alkmin de Andrade
Hotel Serrador, Rio²⁴

Carta assinada: "Oswald"; datada: "10-3-54"; autógrafo a lápis preto; 1 folha de papel de seda timbrado: "Hospital Santa Edwiges/ Av. Jabaquara, 2371 – Telefone 7-8408/ São Paulo – Brasil", anotada frente e verso; 21,5 x 28 cm.

22. (OA)

[São Paulo], 29 de março de 1954²⁵.

Antonietta Queridona

Mande o assento de borracha. Estou passando muito bem e sou muito bem tratado. Mande o assento de borracha e o livro que está aí na sala, intitulado *Russian Art* sobre arte religiosa russa.

E receba o [coração]²⁶ do seu
Oswald

Mande notícias suas, dos picochos adorados e da casa linda.
Oswald

Amanhã, sem falta, às 7 ½ !²⁷

Bilhete assinado: "Oswald"; datado: "29-3-54"; autógrafo a lápis preto; 1 folha de caderno pautada, anotada apenas na frente; 15 x 22,5 cm.

22. Anotação de Rudá de Andrade no rodapé, na frente da folha.

23. Anotado na lateral esquerda da frente da folha.

24. Anotação no verso da folha.

25. Oswald encontrava-se hospitalizado.

26. Desenho de um coração flechado e sangrando, feito por Oswald.

27. Anotação de Oswald na diagonal, no lado esquerdo da folha.

Antonietta
Queiroz

29-3-54

Mande o assento de borracha.

Estou passando muito bem e sou

muito bem tratado. Mande o

assento de borracha e o livro que

está aí na sala, intitulado

"Russian Art" sobre arte religiosa
russa.

receba da sen
Oswald

Mande notícias suas, dos picachos adora-
dos e da casa linda.

Oswald

Oswald de Andrade



Carta

AOS FILHOS ANTONIETA MARÍLIA
E PAULO MARCOS

ESTABELECIMENTO DE TEXTO E NOTAS

Êsio Macedo Ribeiro



33. (P. ANTERIOR): PAULO MARCOS, OSWALD E MARÍLIA, c. 1951. FOTO DE ALBERTO FIGUEIRA.

34. PAULO MARCOS E MARÍLIA, ÁGUAS DE SÃO PEDRO, 1950. FOTO-GEORGE.

[São Paulo], 7 de julho de 1954.

*Meus filhos Antonieta Marília e Paulo Marcos*¹

Quando escrevi aquele poema em que exaltava a aparição miraculosa em minha vida de Maria Antonieta d'Alkmin, mal sabia que ela ia se tornar o ar que respiro.

Vocês são filhos da maior das companheiras de que tenho notícia. Sua mãe é o desvelo, a inteligência, a dedicação – enfim o amor.

Claro que reconheço não ser merecedor da graça que foi a vinda dela a meus dias. Só uma explicação doméstico-metafísica poderia ocorrer repetindo uma frase do ambiente caseiro em que me criei – foram as orações de minha mãe que retiraram do fulcro dos milagres essa bênção feita mulher e a entregara[m] ao desvelo e à guarda de meus dias.

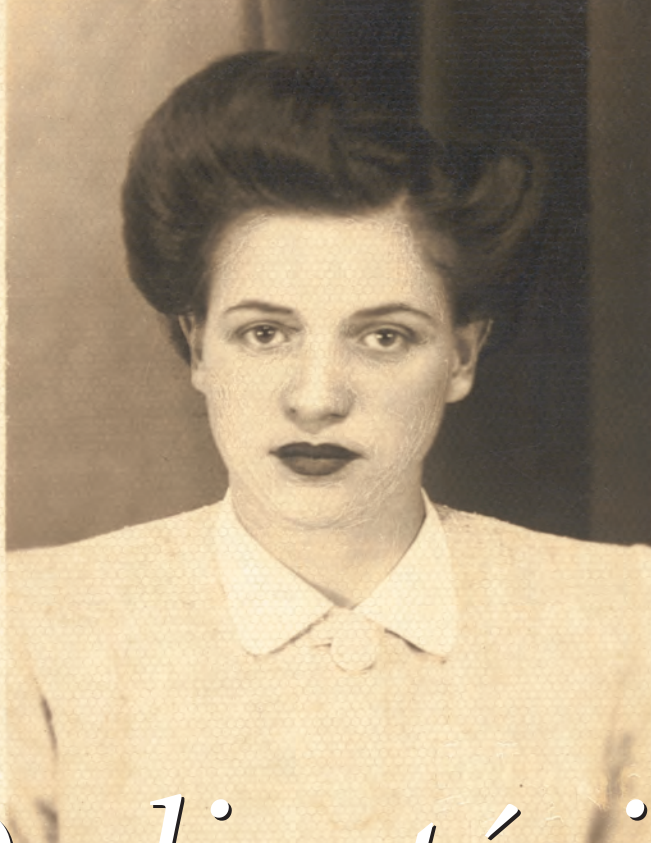
Uma noite, no hall de um hotel popular de Sevilha encontrei Don Juan – o rosto marcado e severo, a presença imponente e simples. Fiquei encadeado àquela figura anônima de espanhol com quem sentia segredos compromissos. Quem era eu senão Don Juan – um experimentador de amores e de aventuras? A mãe de vocês me fixou no solo atávico, realizou o milagre de me autenticar, ressuscitou em mim o que era essencial e se esquivava.

Enquanto eu doente permaneço sentado ao meu leito, ela organiza a biblioteca – santa ideal de minha mocidade. Ela teima em organizar um ambiente de trabalho intelectual para o caído que eu sou. Só ela é capaz de acreditar na minha ressurreição².

Carta sem assinatura; datada: “7-7-1954”; autógrafo a lápis preto; 3 folhas soltas pautadas que integram um conjunto, provavelmente destacadas de um caderno. Foi utilizada só a frente do papel; duas folhas estão completas e a terceira tem apenas uma linha escrita; 16 x 23 cm.

-
1. Nesta carta Oswald descreve aos filhos o papel fundamental de Maria Antonieta na vida dele.
 2. A carta não está assinada. Provavelmente Oswald pretendia continuar a redação, mas não o fez. A carta foi escrita apenas três meses e meio antes de sua morte, ocorrida em 22 de outubro de 1954. Este documento pertence ao Fundo Oswald de Andrade, Cedae, Unicamp.

Oswald de Andrade



Dedicatórias

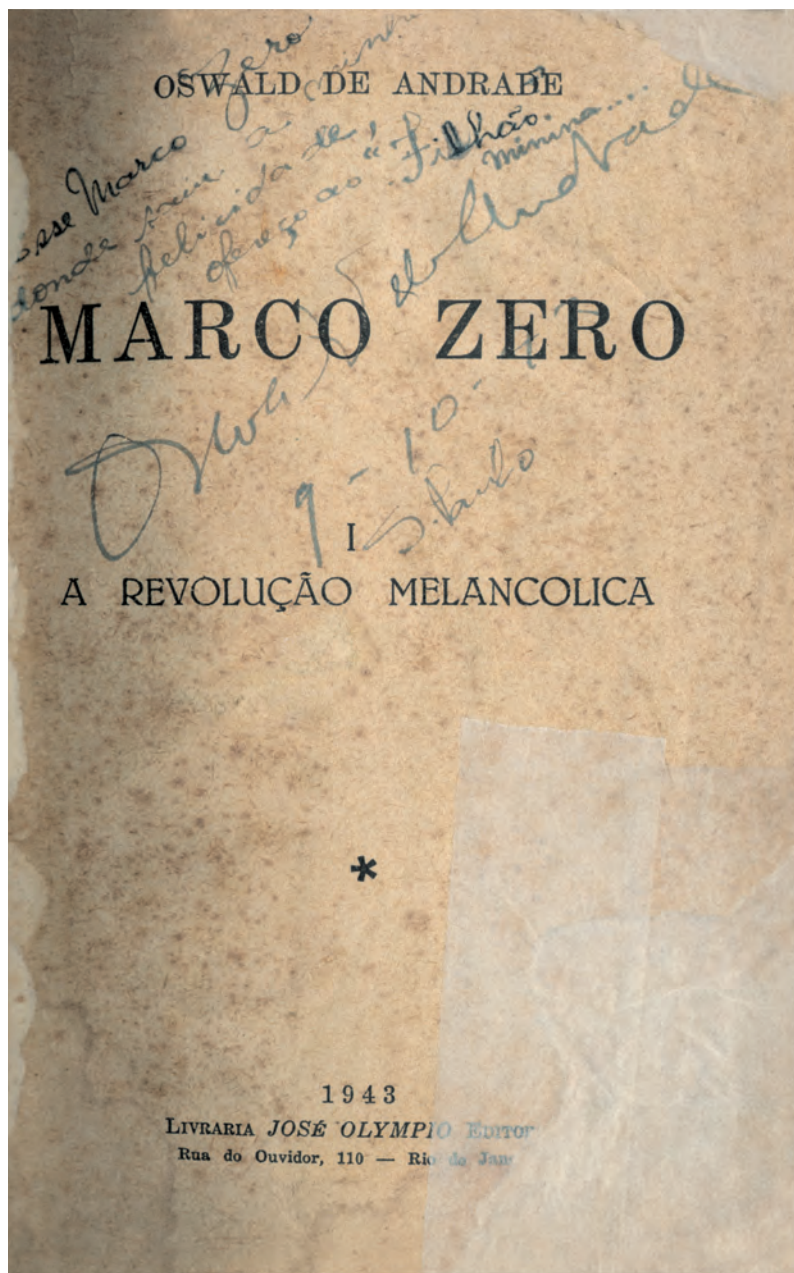
(1943-1954)

ESTABELECIMENTO DE TEXTO E NOTAS

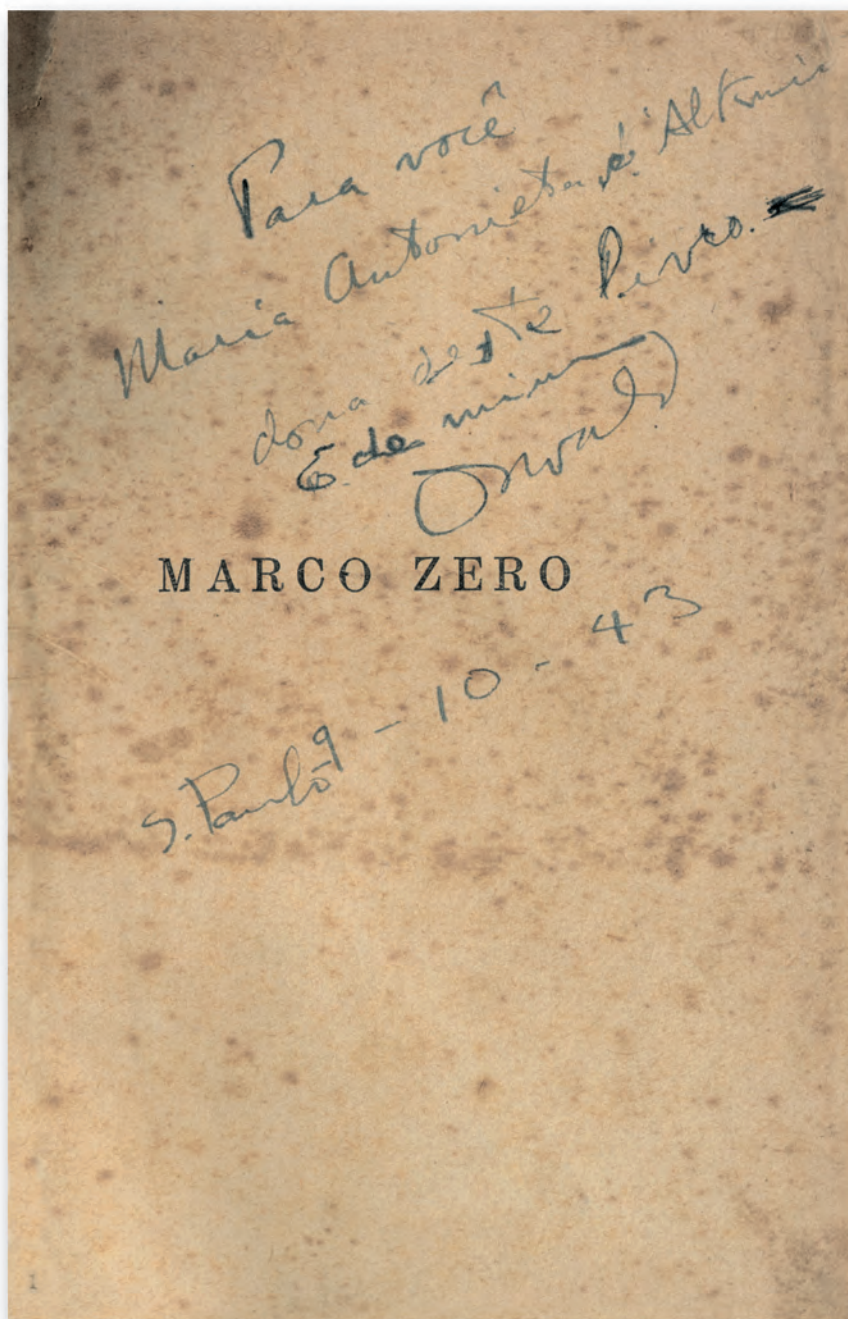
Ésio Macedo Ribeiro

Todos os livros com as dedicatórias pertencem ao Fundo Oswald de Andrade, Ceda, Unicamp, exceto os que contêm as dedicatórias de número 36, 37, 41 e 42, que pertencem ao acervo de Marília de Andrade.

35. (P. ANTERIOR): MARIA ANTONIETA, 14 DE OUTUBRO DE 1946. FOTO STUDIO TRIANON, SÃO PAULO.



36. Esse Marco Zero donde saiu a minha felicidade, ofereço ao “Filhão”.
Minina... Oswald de Andrade, 9-10-43, S. Paulo. Em Oswald de Andrade,
Marco Zero I – A Revolução Melancólica, Rio de Janeiro, José Olympio, 1943.



37. Para você, Maria Antonieta d'Alkmin, dona deste livro.
E de mim. Oswald, S. Paulo, 9-10-43. Em Oswald de Andrade,
Marco Zero I – A Revolução Melancólica, Rio de Janeiro, José Olympio, 1943.

091810

MARIO DE ANDRADE

POESIAS

Para
Maria Antonieta
d'Alkmin
gostar
sempre
de mim

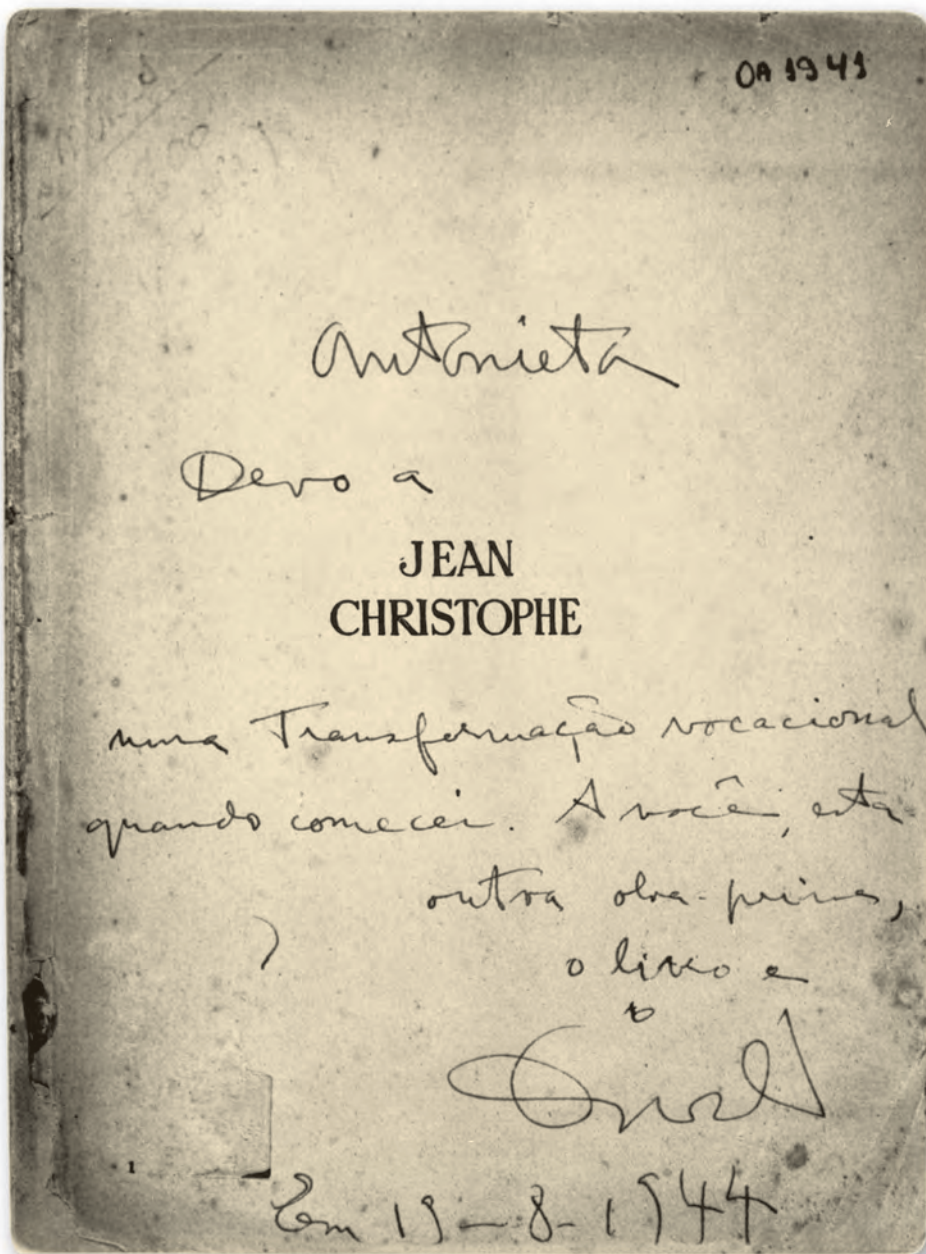
LIVRARIA MARTINS EDITORA

São Paulo

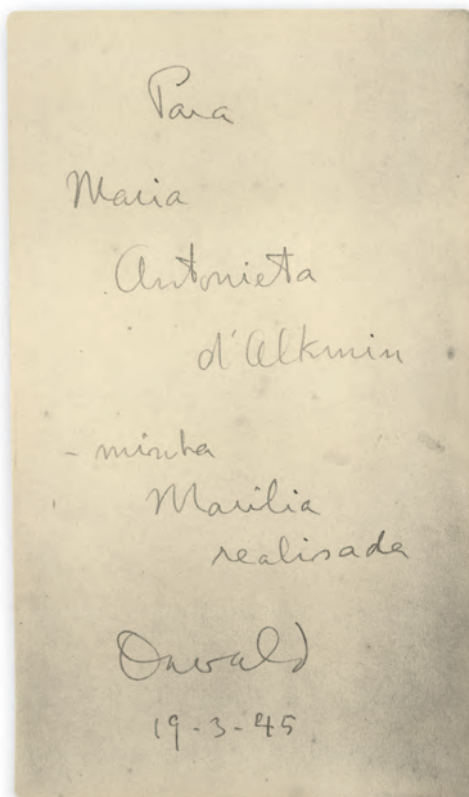
1941

Oswald
1943

38. Para Maria Antonieta d'Alkmin gostar sempre de mim.
Oswald, 1943. Em Mário de Andrade, *Poesias*, São Paulo, Martins, 1941.

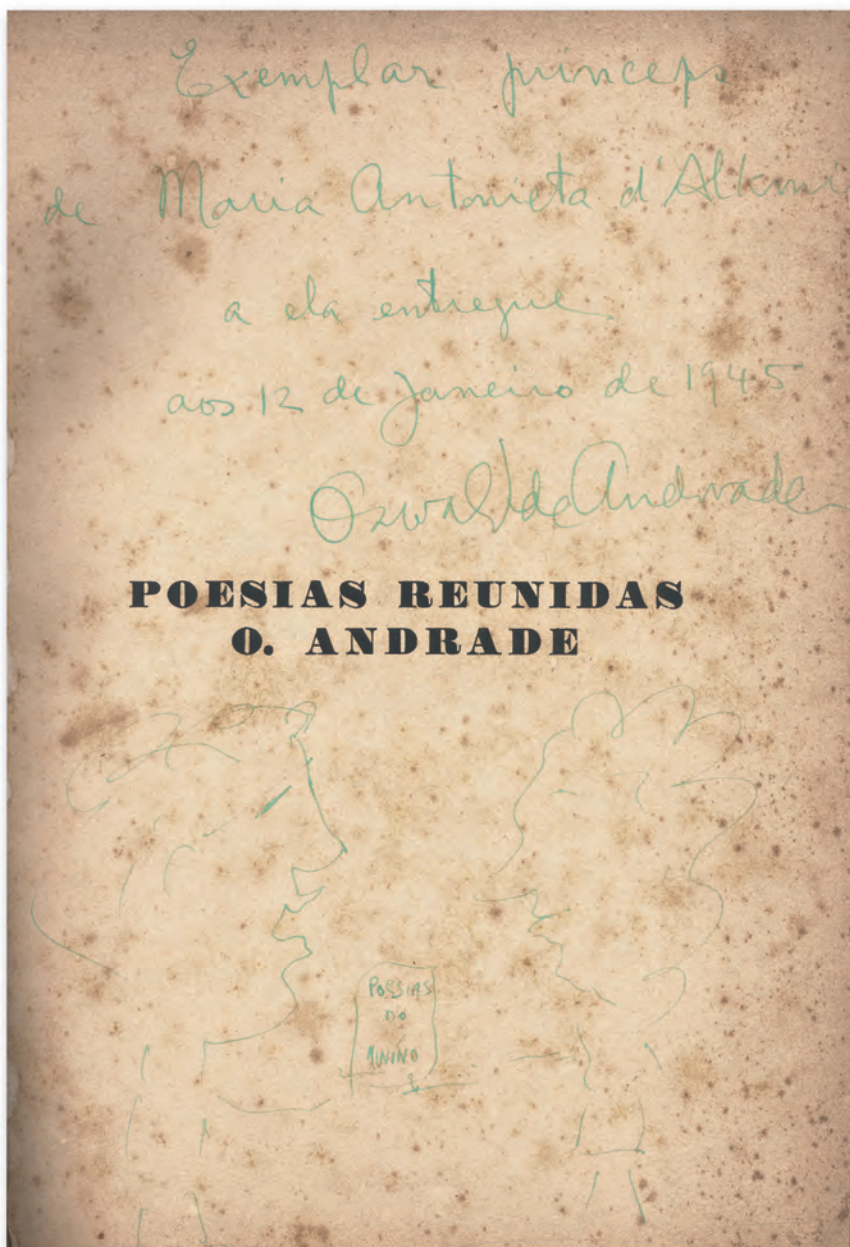


39. *Antonieta, devo a JEAN CHRISTOPHE uma transformação vocacional quando comecei. A você, esta outra obra-prima, o livro e o Oswald. Em 19-8-1944. Em Romain Rolland, Jean Christophe, tradução de Vidal de Oliveira, Porto Alegre, Globo, 1941, vol. I.*

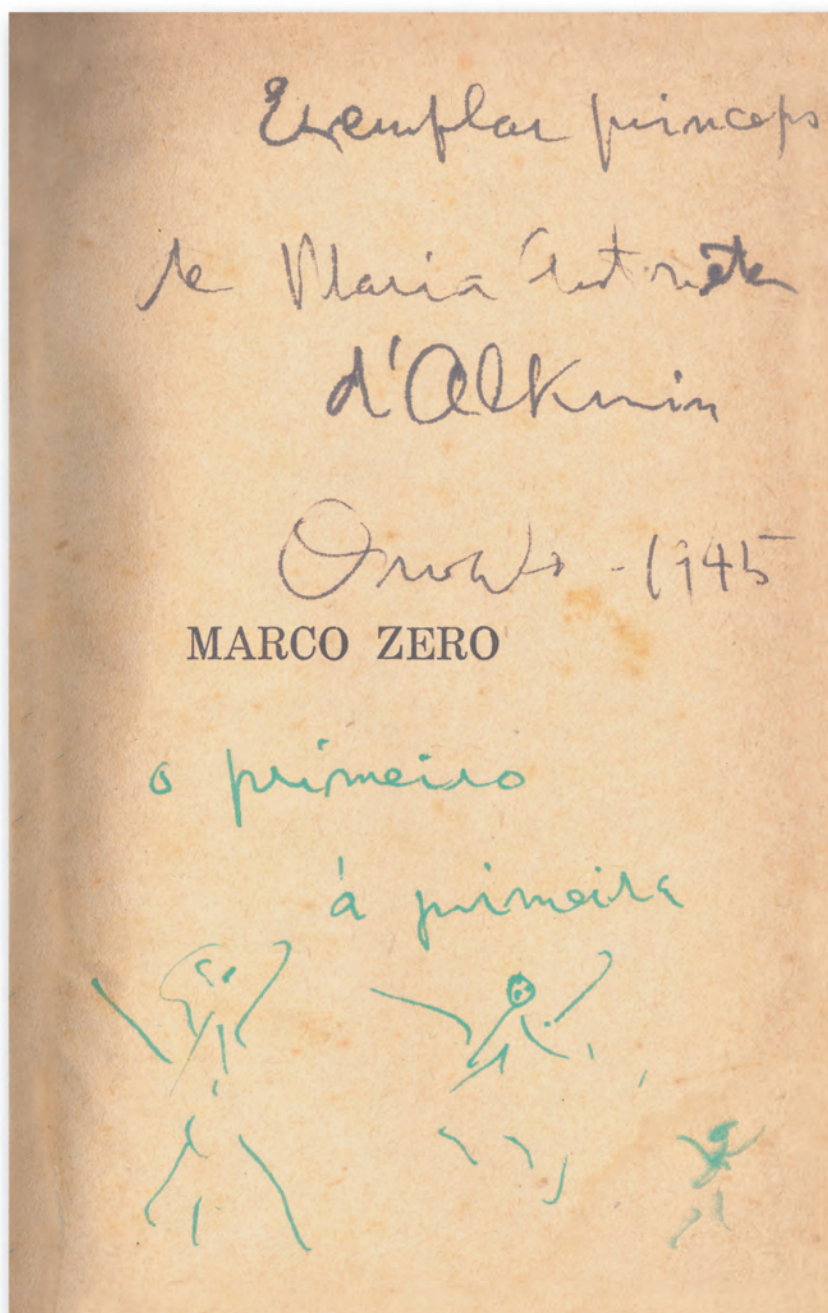


40. Para Maria Antonieta d'Alkmin – minha Marília realizada. Oswald, 19-3-45.

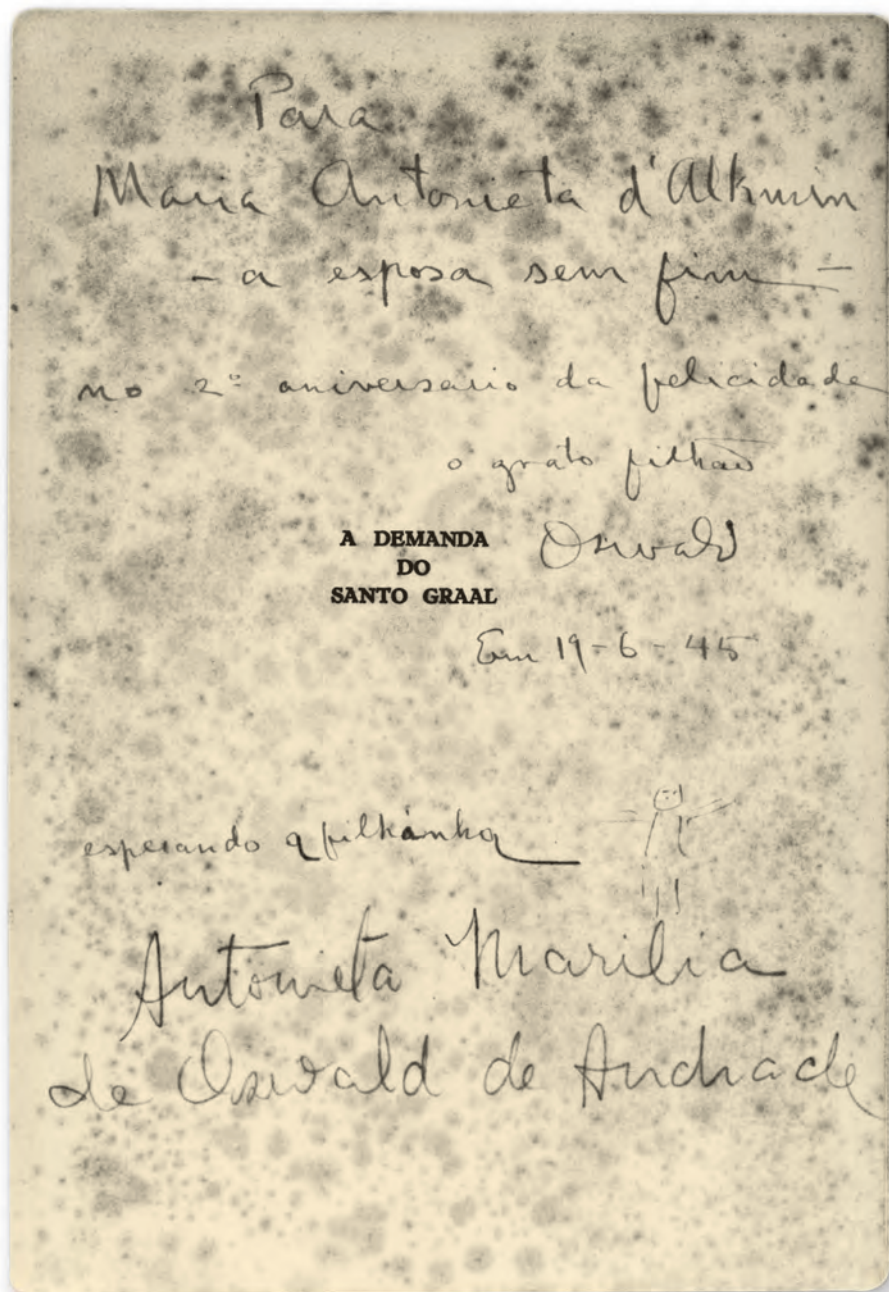
Em T. A. G. (Tomás Antônio Gonzaga), *Marília de Dirceo*, Lisboa,
Typografia Nunesiana, 1792.



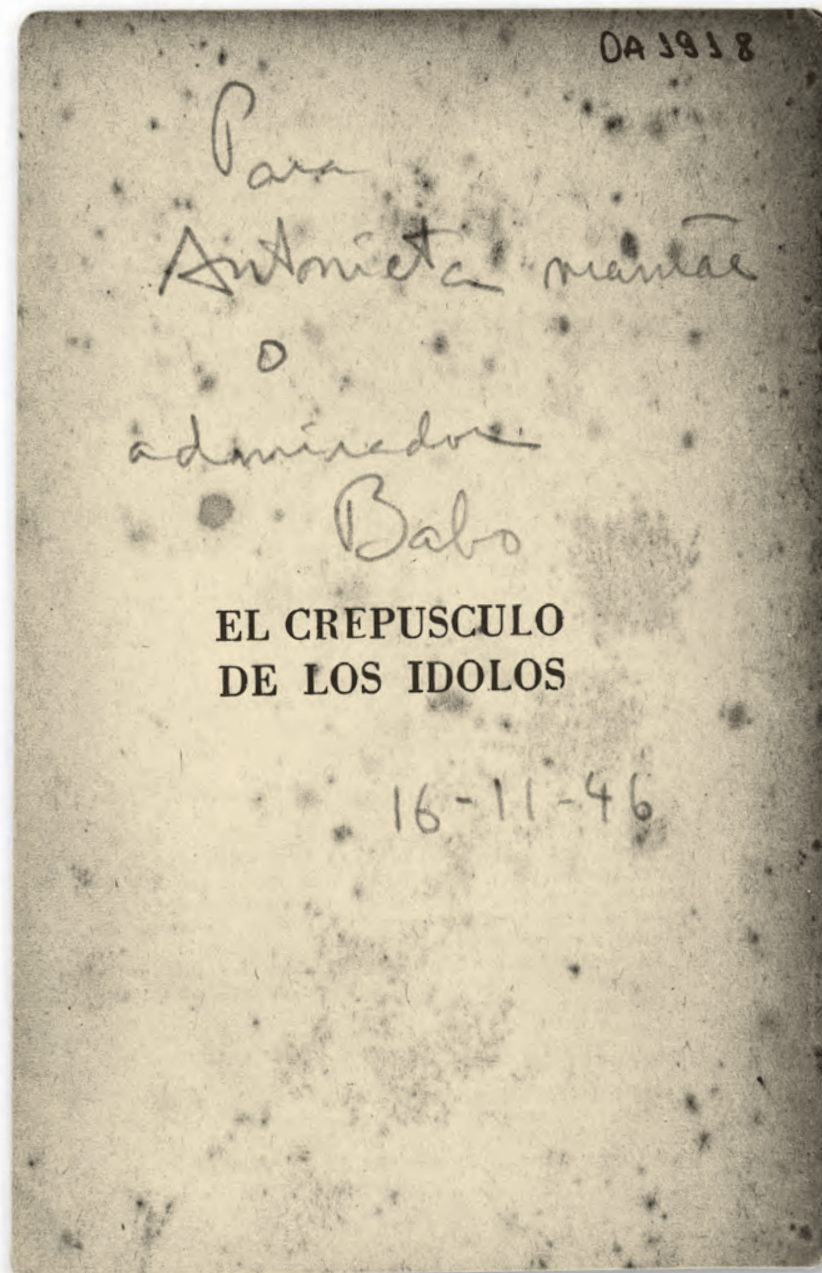
41. *Exemplar princeps de Maria Antonieta d'Alkmin, a ela entregue aos 12 de janeiro de 1945. Oswald de Andrade.* Em Oswald de Andrade, *Poesias Reunidas O. Andrade* (Prefácio de Paulo Prado, ilustrações de Tarsila, de Lasar Segall e do autor), São Paulo, Edições Gaveta, 1945. Edição de 180 exemplares. Exemplar nº 1, assinado: "Oswald de Andrade". Além da dedicação, Oswald fez um desenho com a seguinte inscrição: "Poesias do Minino".



42. *Exemplar princeps de Maria Antonieta d'Alkmin. Oswald – 1945.*
O primeiro, à primeira. Em Oswald de Andrade, *Marco Zero II – Chão*,
Rio de Janeiro, José Olympio, 1945. A dedicatória contém um desenho de Oswald.



43. Para Maria Antonieta d'Alkmin - a esposa sem fim - no 2º aniversário da felicidade o grato filho, Oswald. Em 19-6-45. Esperando a filhinha Antonieta Marília de Oswald de Andrade. Em Augusto Magne, *A Demanda do Santo Graal*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1944, vol. 1. Desenho da "filhinha" feito por Oswald.



44. *Para Antonieta mamãe, o admirador, Babo*. 16-11-46. Em Federico Nietzsche, *El Crepusculo de los Idolos*, traducción de Pedro Gonzáles Blanco, Buenos Aires, Editorial Tor, s/d. (Nueva Biblioteca Filosofica, 93). O livro contém grifos e anotações de Oswald. Babo: apelido de Oswald, dado por Marília de Andrade.

Série "Novelas do Coração"

5

CHATEAUBRIAND

Átala
e
Renato



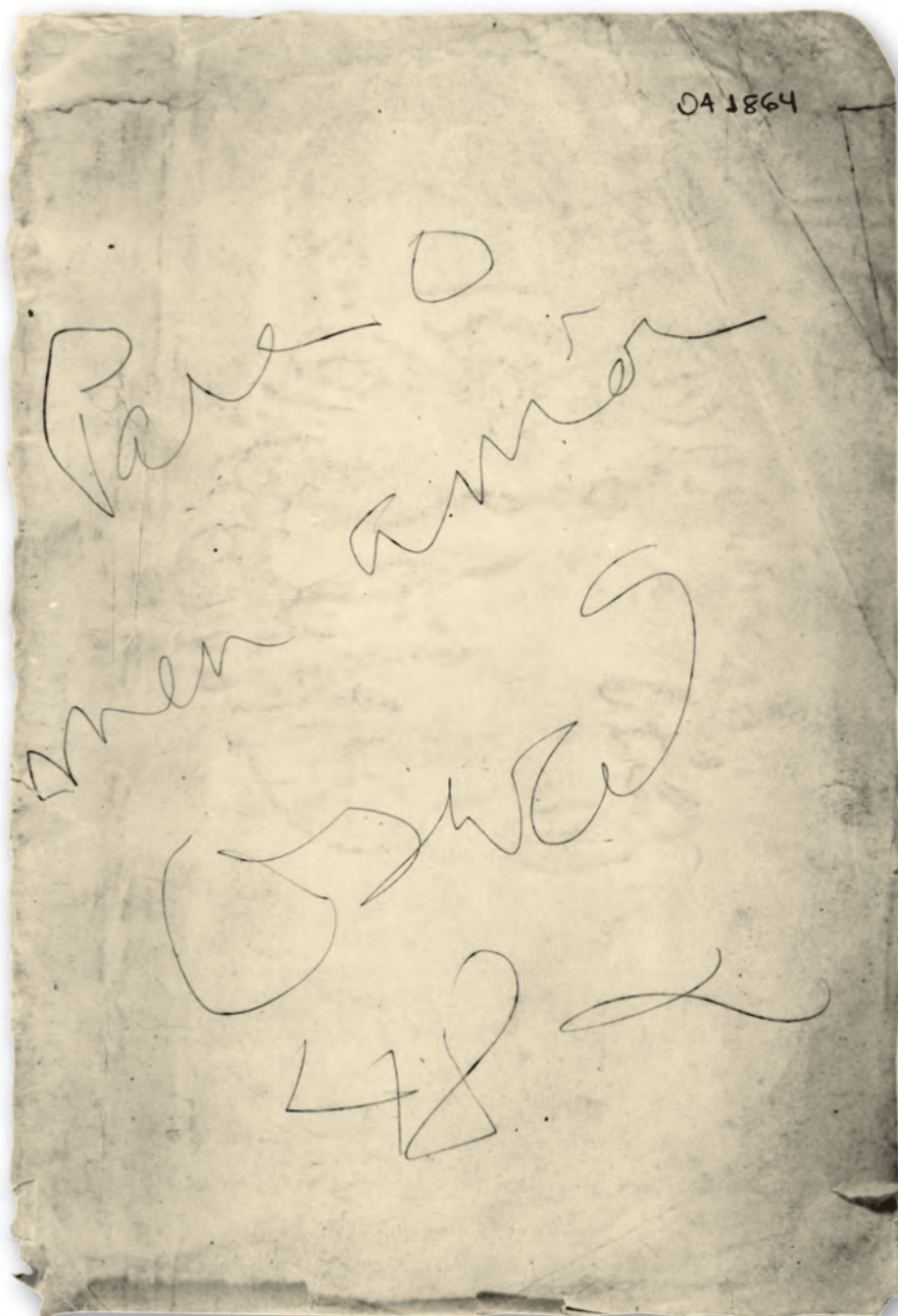
EDIÇÕES CULTURA

Rua 7 de Abril, 361 — Fone: 4-2228

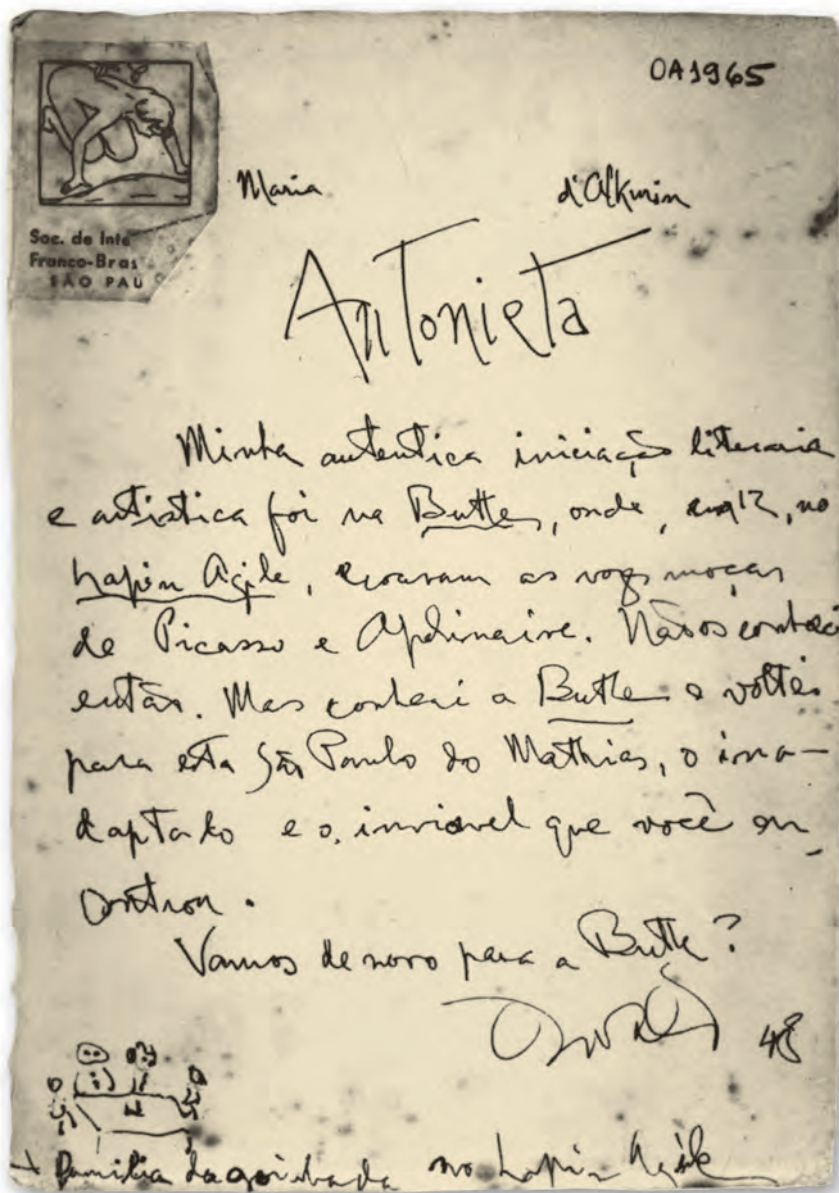
SÃO PAULO — BRASIL

1943

45. *Para a minha mulherzinha*. Oswald, 1948. Em François René, Visconde de Chateaubriand, *Átala e Renato*, São Paulo, Edições Cultura, 1943 (série "Novelas do Coração", 5).



46. *Para o meu amor*. Oswald, 48. Em Michel Georges-Michel, *Chefs d'Oeuvre de peintres contemporains*, Adaptation en anglais par la Marquise Charette, New York, Maison Française, 1945.



47. Maria Antonietta d'Alkmin, minha autêntica iniciação literária e artística foi na Butte, onde, em 12, no Lapin Agile, ecoavam as vozes moças de Picasso e Apollinaire [sic]. Não os conheci então. Mas conheci a Butte e voltei para esta São Paulo do Mathias, o inadaptado e o inviolável que você encontrou. Vamos de novo para a Butte? Oswald, 48. Em André Warnod, *Ceux de la Butte*, Paris, René Julliard, 1947 (col. La Petite Histoire des Grands Artistes). A dedicatória contém um desenho de Oswald acompanhado da seguinte anotação: "família da goiabada no Lapin Agile".

Antonieta
eu quero que
você me
continue
Garal
48

48. *Antonieta eu quero que você me continue*. Oswald, 48. Em Edgar [Allan] Poe, *Histoires extraordinaires*, traduction de Charles Baudelaire, Montreal, Les Éditions Variétés, 1945. Este exemplar contém grifos e notas marginais de Oswald.



Soc. de Intercâmbio
Franco-Brasileiro

SÃO PAULO - 275, Rua
Barão de Itapetininga-4.º
RIO DE JANEIRO - 54-A,
Av. Pres. Antônio Carlos

0A 1911

Para
minha mamãe
de novo - no
dia das mães -
com Paulo Marcos
x

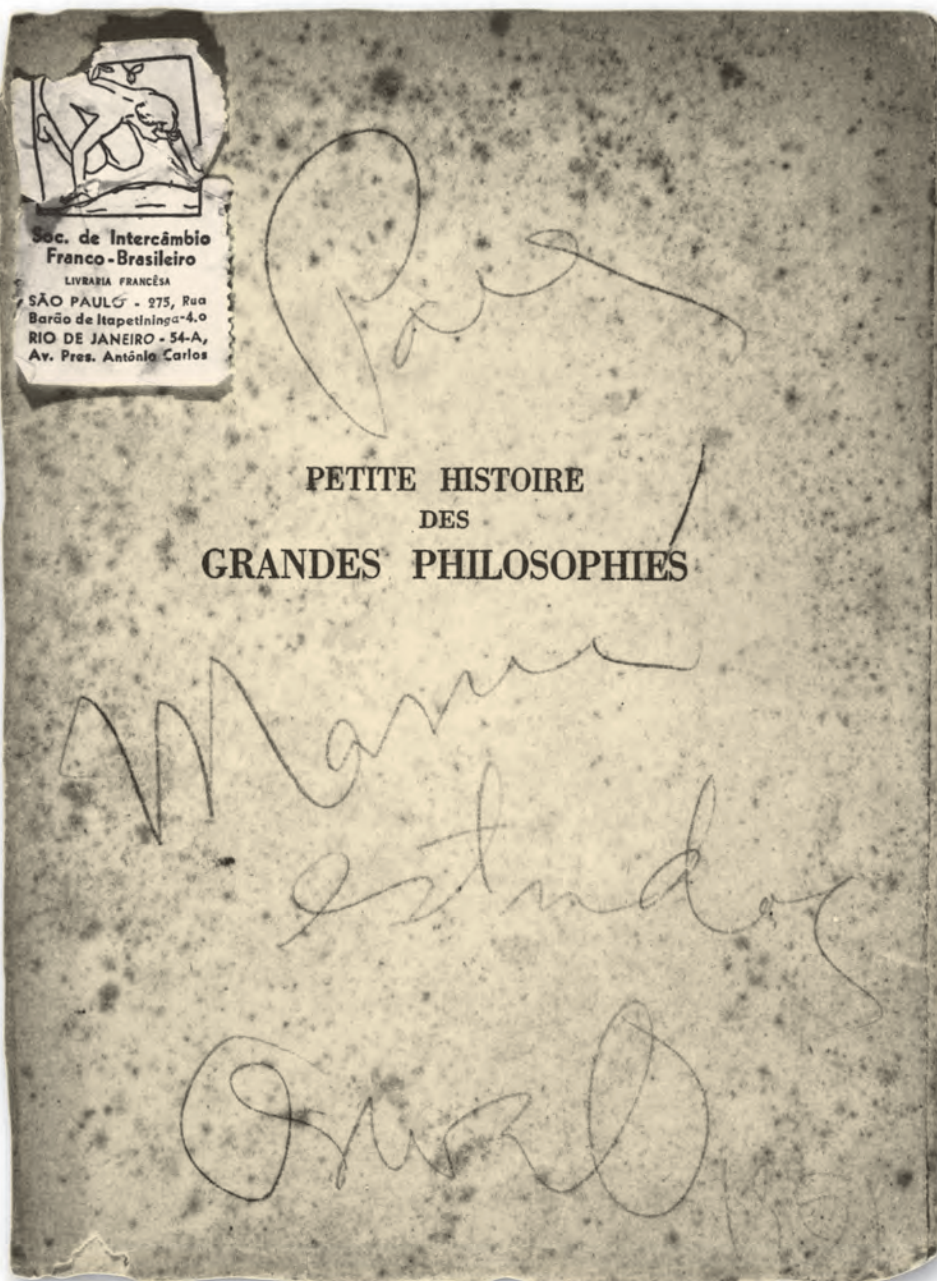
Antonieta Marília

14-5-50

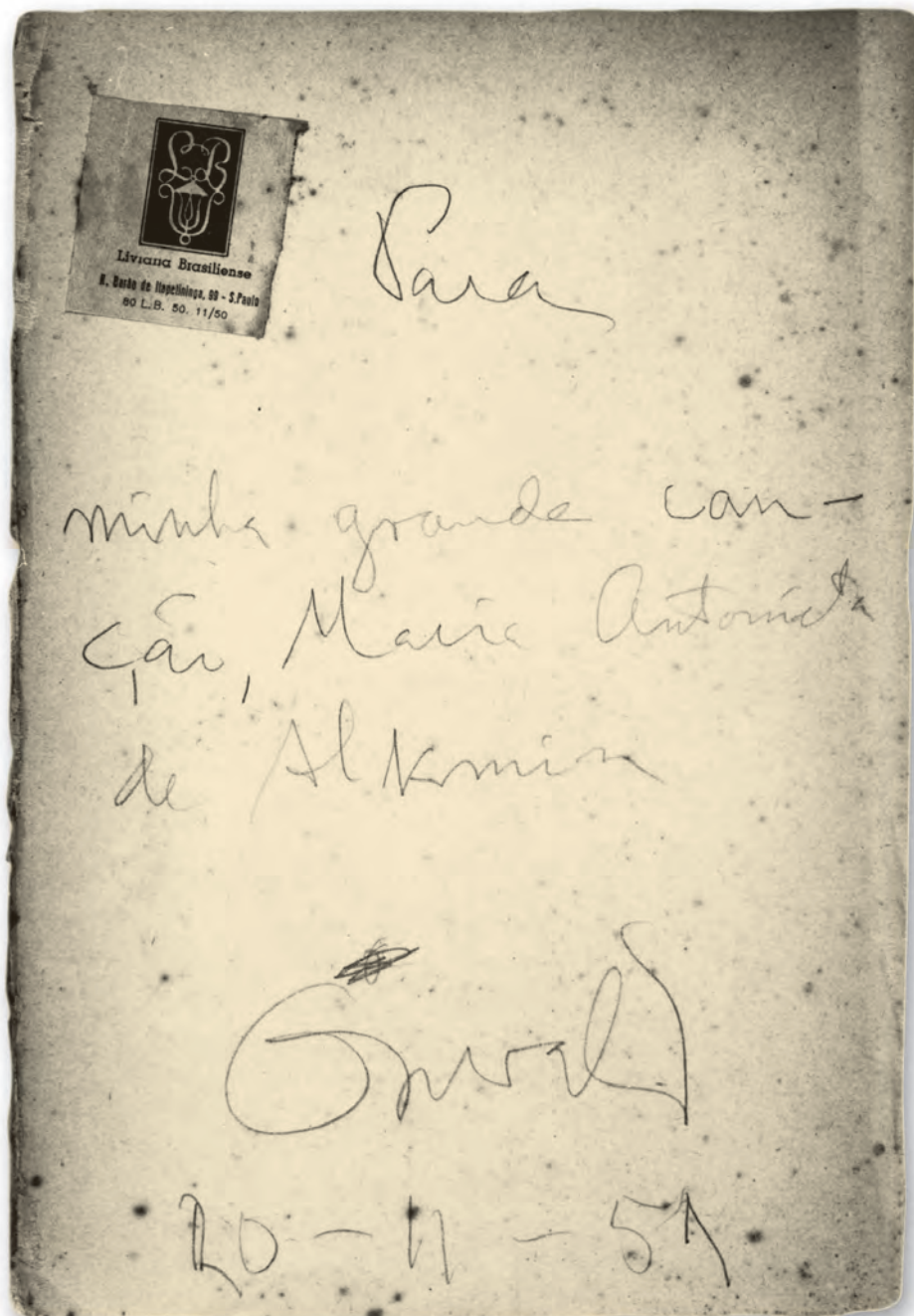
A nossa mamãe

Oswald

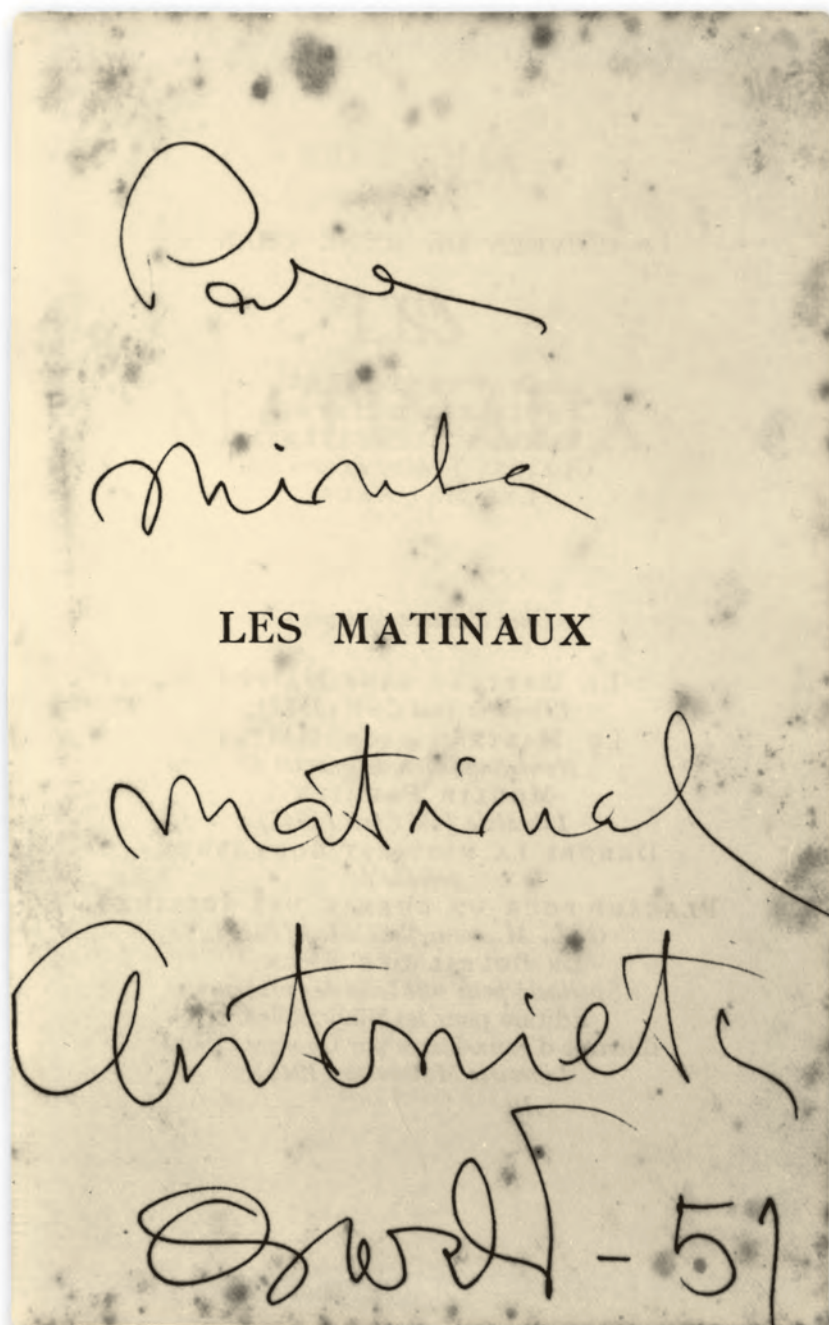
49. *Para minha mamãe de novo - no dia das mães - com Paulo Marcos e
Antonieta Marília. 14-5-50, Oswald. À nossa mamãe. Em Michel
de Montaigne, Essais, texte établi et présenté par Jean Plattard, Paris,
Société LeBelles Lettres, 1946. Livre Premier, premier volume (ouvrages complètes).*



50. *Para Mami estudar*. Oswald, 1951. Em Félicien Challaye, *Petite histoire des grandes philosophies*, nouvelle édition revue et corrigée, Paris, Presses Universitaires de France, 1948.



51. *Para minha grande canção, Maria Antonieta d'Alkmin*. Oswald, 20-11-51. Em Narciso de Azevedo, *A Arte Literária na Idade Média*, Porto, Figueirinhas, 1947 (col. Estudos e Crítica).



52. *Para minha matinal Antonieta. Oswald – 51.* Em René Char, *Les matinaux* (poésie), Paris, Gallimard, 1950 (Exemplaire Sur Alfa n. 207).

Para
minha
Antonieta
o
Oswald
51

53. *Para minha Antonieta, o Oswald, 51.* Em René Char, *op. cit.*
Dedicatória escrita no verso do colofão.

24-2-51
Antonieta

Qualquer que seja a
origem da sua máguia de hoje
- boa ou má - é no livro e na
cultura que você terá que des-
manchá-la. Das poucas coisas
que minha experiência te ensi-
nou essa é uma. A cultura
não engana e não trai.

Você que já guia um enredo
de teatro como conduz o Constelato
- terá em Lorca um companhei-
ro de grande viagem.

Agora que se abrem para nós
perspectivas de viagens e de estudos,
quero que este livro seja o marco
zero de uma nova era cheia de
beijos do Oswald.

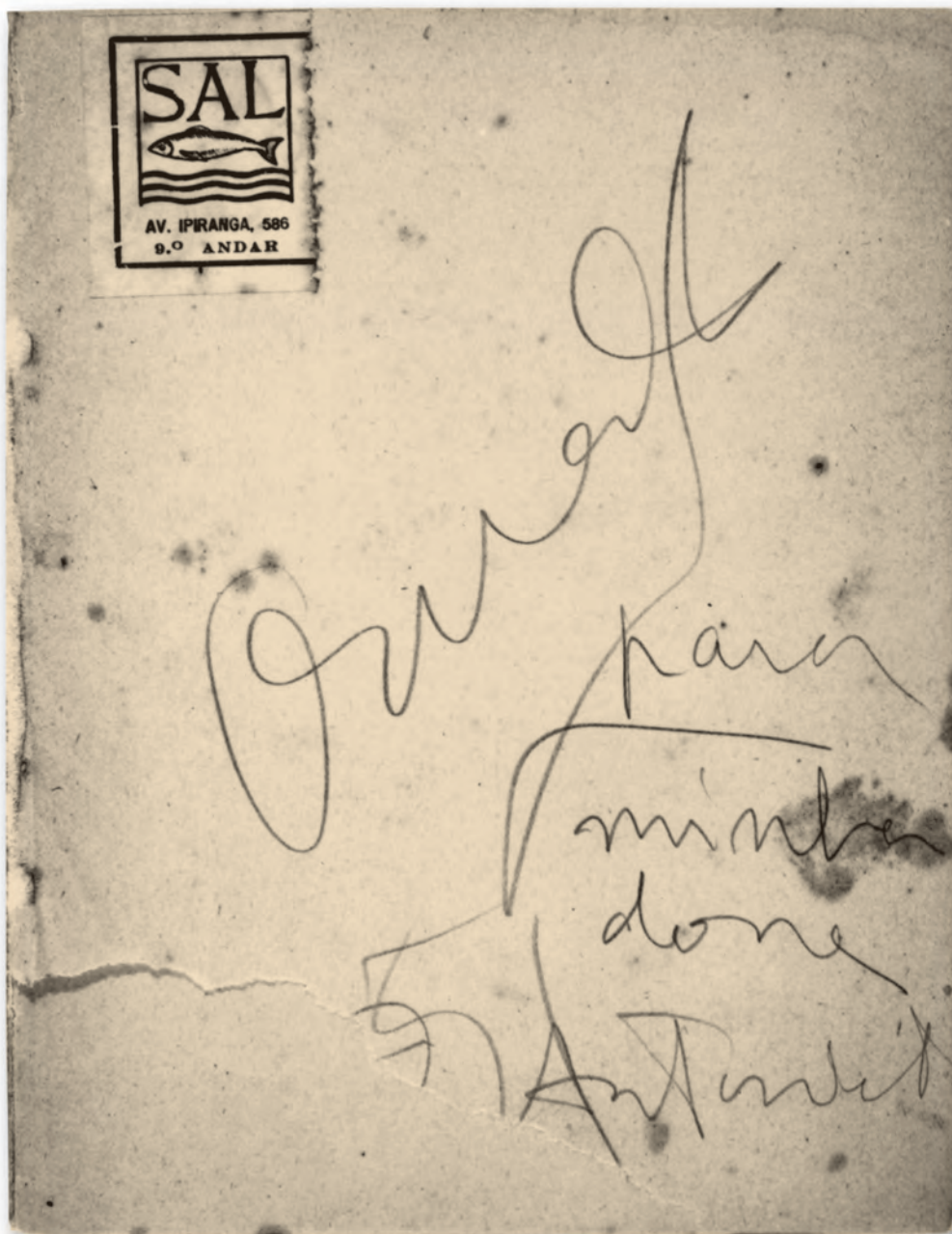
54. 24-2-51. Antonieta, Qualquer que seja a origem da sua máguia de hoje – boa ou má – é no livro e na cultura que você terá que desmanchá-la. Das poucas coisas que minha experiência te ensinou essa é uma. A cultura não engana e não trai. Você que já guia um enredo de teatro como conduz o Constelation – terá em Lorca um companheiro de grande viagem. Agora que se abrem para nós perspectivas de viagens e de estudos, quero que este livro seja o marco zero de uma nova era cheia de beijos do Oswald.
- Em Federico Garcia Lorca, *Bodas de Sangre, Amor de Don Perlimplín con Belisa en su Jardín, Retablillo de Don Cristóbal*, 6ª ed., Buenos Aires, Editorial Losada, 1949.

Para você Antonieta
que é a Poesia - este
livrinho dum pobre crente
dela,

com o coração
agradecido
de seu
marido

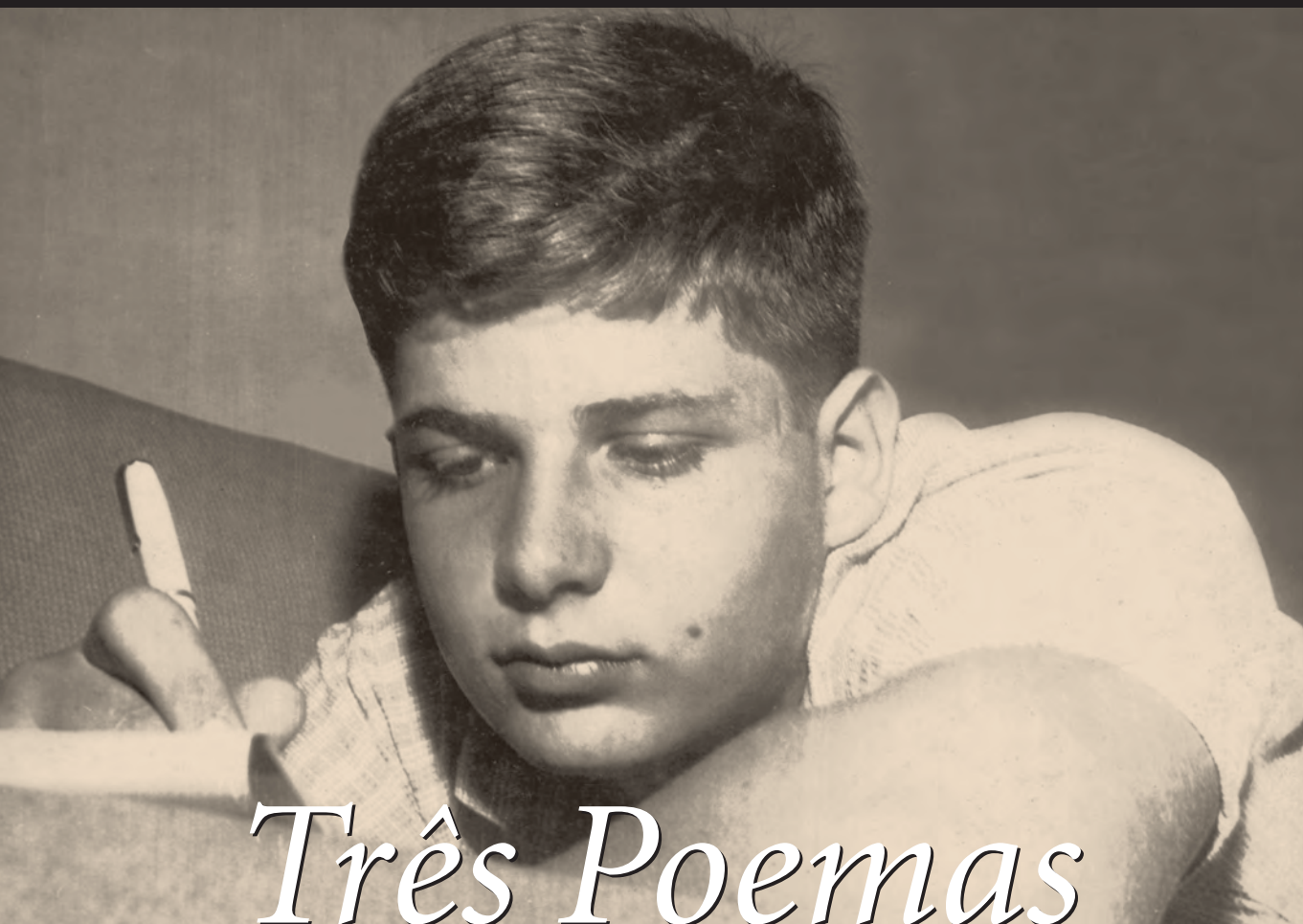
27-6-53

55. Para você Antonieta que é a Poesia - este livrinho dum pobre crente dela, com o coração agradecido de seu marido, 27-6-53.
Em Novalis, *Hymnes a la nuit*, traduction de Armel Guerne, Paris, Falaize, 1950.



56. *Oswald para minha dona Antonieta*, 51. Em Gertrude von Le Fort, *La femme éternelle*, 3^e édition, Paris, Les Éditions du Cerf, 1950.

Paulo Marcos de Andrade



Três Poemas

E UMA REDAÇÃO

ESTABELECIMENTO DE TEXTO E NOTAS

Êsio Macedo Ribeiro



57. (P. ANTERIOR): PAULO MARCOS, 1966.

58. PAULO MARCOS, 1957.

O LOUCO¹

Eu sou poeta
Ês louco
Ês louco
Ês louco
Ês um louco genial

Eu sou poeta
Ês patife
Ês patife
Ês patife
Ês um patife genial

Eu sou poeta
Ês cínico
Ês cínico
Ês cínico
Ês um cínico genial

Depois da consagração na Academia
Nacional de Letras

1. Poema publicado na revista *Invenção – Revista de Arte de Vanguarda*, ano I, n. 2, São Paulo, Massao Ohno, 2º trimestre 1962, pp. 61-62.

Eu sou poeta
És fantástico
És fantástico
E outro mais ousado
És um louco fantástico

Eu sou poeta
És genial
És genial
És genial
E este ousado
És um patife genial

Eu sou poeta
És maravilhoso
És maravilhoso
És maravilhoso
E aquele um que é ousado
És um cínico maravilhoso

2.10.61

AS 7 PERNAS DO MAR²

mamãe

Eu vi o mar e o mar tem 7 pernas

Eu fui nos 7 mares

E todos os 7

Tinham 7 pernas

mamãe

Eu vi o mar e o mar tem 7 pernas

Eu fui nos 5 oceanos

Eu vi todos eles

Contei com os meus olhos

Eles também

Tinham 7 pernas

mamãe

Eu vi o oceano e ele tem 7 pernas

2. *Idem*, p. 63.

Navio partiu e me levou
Me levou lá longe
Longe, mais longe
Lá longe dos mares

E eu vi outros mares
E todos eles tinham
7 pernas

29.9.61

IDEAL³

Queria gritar
poder gritar
saber gritar

Queria sonhar
poder sonhar
saber sonhar

Queria saber
poder saber
saber saber

Queria desvendar-me
poder desvendar-me
saber desvendar-me

Pudesse gritar
Pudesse sonhar
Pudesse saber
Pudesse desvendar-me
Seria feliz

-
3. Poema publicado no *Diário de S. Paulo*, em 10 de fevereiro de 1963, na coluna “Caminhos da Poesia”, com a seguinte nota: “O autor do poema é um menino de 14 anos, filho do grande escritor Oswald de Andrade”, e assinado com o nome de batismo: “Paulo Marcos d’Alkmin de Andrade”.

MEU PAI⁴

MEU PAI ERA ALTO, GORDO, VELHO, COM CABELOS GRISALHOS.
Ele era inteligentíssimo, amigo de todos se bem que brigava com uns de vez em quando e atacava-os por meio da imprensa ferinamente.

Gostava de festas e sempre, pelo menos três vezes por semana, havia jantares e festas até que ele começou a ter fortes ataques cardíacos.

Era muito amigo e tinha prazer em nos ver felizes.

Gostava de viajar e na sua mocidade visitou a Europa muitas vezes. Pouco antes de sua morte ele estava fazendo arrumações para uma viagem à França onde ele ia lecionar na Universidade de Paris.

Era um fanfarrão e um grande comilão.

Mamãe brigava muito com ele, pois ele era diabético e não podia comer doces e salgados em quantidade.

Quando ela brigava com ele, ele saía e comprava uma jóia para ela e isso fazia-no recuperar o prestígio perdido.

Na sua morte eu chorei muito, mas a vida é assim.

4. Redação escolar escrita em uma folha de caderno pautada, utilizada frente e verso; autógrafo à tinta azul; assinada: “Paulo Marcos d’Alkmin de Andrade”; após o nome aparece: “n. 36” (número da lista de chamada escolar, talvez); não datada, provavelmente escrita no final dos anos de 1950; 15 x 21,5 cm. No alto da página 1 a nota dada pelo(a) professor(a): “7,0”.

Marília de Andrade

Oswald e Maria Antonieta

FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS E FANTASIAS

NOTAS

Ésio Macedo Ribeiro



59. (P. ANTERIOR): MARÍLIA DE ANDRADE, 1962. FOTO DE EMILIE CHAMIE.

60. OSWALD E MARÍLIA, 1948.

OSWALD E MARIA ANTONIETA

FRAGMENTOS DE MEMÓRIAS E FANTASIAS¹

OSWALD DEFINHAVA ACELERADAMENTE, VÍTIMA DAS COMPLICAÇÕES DA DIABETE, em seu último ano de vida. Não consigo apagar da memória a dolorosa imagem de sua fragilidade: corpo magro, pele sem brilho, pés inchados, olheiras fundas em torno dos olhos verdes-azuis aguados, antrazes na nuca... Meu pai morrendo aos poucos.

Eu chorava pelos cantos, pressentindo a proximidade da sua morte, mas não tinha parceiros para compartilhar minhas angústias. Paulo Marcos era muito pequeno para dar-se conta da tragédia e Maria Antonieta, num enorme esforço de autodefesa, negava o óbvio: anunciava, animadamente, nossa próxima mudança para Upsala (na Suécia) onde ele iria lecionar.

As rezas sempre foram lá em casa recurso supremo nos momentos de aflição. Todas as noites eu repetia as que me haviam ensinado, pedindo fervorosamente pela saúde de meu pai, sem resultado. Onipotente, acreditava que o meu desejo intenso poderia ser capaz de interromper magicamente o curso inexorável daquela doença. Por essa época, cheguei a duvidar de Deus mas, perseguida pela culpa e pelo medo do castigo, logo voltei atrás.

Ficava à espreita, observando, esperando. Nos últimos meses Oswald passava o dia todo de chinelos e *robe de chambre*, sentado na poltrona, lendo ou conversando com Maria Antonieta. A fotografia (p. 177) registra bem o contraste entre os dois

1. Texto publicado pela primeira vez na revista *Remate de Males. Oswald de Andrade*, número especial organizado por Maria Eugênia Boaventura, n. 6, Campinas, IEL – Unicamp, junho de 1986, pp. 67-76. Revisto para publicação no livro *Obra Incompleta*, de Oswald de Andrade, coordenado por Jorge Schwartz, a ser publicado pela coleção Archivos. Para nossa publicação foi acrescentada uma foto inédita de Marília dançando à Isadora Duncan (p. 173) e, das sete incluídas anteriormente, uma fora suprimida.

nessa época: ele, aos 64 anos, muito doente, sem nenhuma vitalidade. Ela, aos 34, cheia de energia. Costumava sentar-se assim mesmo, no braço da poltrona, tentando reanimá-lo: segurava sua mão, chamava-o de “filhão”, acusava-o carinhosamente de estar “fingindo” fraqueza, apenas para receber mais atenção. Ele freqüentemente se irritava ou se deixava invadir pela depressão. A debilidade física o exasperava e, além disso, enfrentava dificuldades financeiras em consequência da administração desatinada de toda a fortuna que herdara do pai. As dívidas, no último ano, incluíam as contas de farmácias e hospitalais. Após a morte de Oswald, lembro-me de Maria Antonieta devolvendo à farmácia do bairro os remédios que comprara e ainda não pudera pagar.

Ouvi-o muitas vezes queixar-se, desencorajado, de que suas idéias não eram aceitas, sua obra não era lida e talvez seu valor nunca chegasse a ser reconhecido. Sentia-se abandonado e sem grandes esperanças. Os amigos que freqüentavam suas festas já haviam se afastado. Maria Antonieta se ressentia muito desse fato e mostrava-se agradecida àqueles poucos que continuavam a visitá-los. Quase nenhum intelectual fazia-lhe companhia às vésperas de sua morte. Antonio Candido e Mário da Silva Brito eram seus fiéis amigos e admiradores. Havia alguns outros, de quem não me lembro, mas de qualquer forma era um círculo muito restrito, em contraposição ao desprezo que lhe dedicava o mundo literário “oficial”. Vítima da inveja e da hipocrisia, no final da vida Oswald foi punido com desdém pelo seu brilhantismo, pela sua franqueza, suas idéias avançadas e extraordinária capacidade para satirizar. Seus principais livros permaneciam sem reedição, pois os editores não os consideravam vendáveis.

O otimismo de Maria Antonieta contrabalançava em parte esse quadro desalentador. Contou-me Antonio Candido que tem ainda viva na memória a imagem do Oswald doente, semi-imobilizado em sua poltrona, de onde gritava “Antonieta!”, com seu vozeirão autoritário, para solicitar absolutamente tudo: o caderno de anotações, os remédios, um copo d’água. Ela passava os dias zelosamente a seu lado, na atitude de uma filha que cuida do velho pai doente. Supervisionava seu regime, aplicava-lhe as injeções, fazia curativos e colaborava diretamente em seu trabalho, discutindo idéias, revendo textos, anotando ditados, datilografando, organizando o arquivo e a biblioteca. Gravitava sua existência em torno à dele e recusava-se a admitir que ele pudesse morrer.

A vida familiar, entretanto, era um verdadeiro caos. Mudávamos freqüentemente de residência em função da instabilidade financeira ou para estarmos mais perto do socorro médico. Antes do terceiro ano primário eu já havia mudado quatro vezes de colégio. Para nós, crianças, a insegurança era total; nunca podíamos contar com a presença ou a atenção de Maria Antonieta, que vivia prioritariamente para cuidar

do Oswald. Ela recorria freqüentemente à ajuda da família e às fortes presenças de suas duas irmãs mais velhas, Carmen (Náne) e Ida (Idinha), que se revezavam com ela nas tarefas de enfermagem ou nos cuidados da casa. Era comum que fôssemos enviados por vários dias à “casa da vovó”, enquanto ela permanecia cuidando dele no hospital.

O ÚLTIMO DESEJO. CARTA AO OSWALD, TRINTA ANOS DEPOIS

Babo,

Naquela manhã de sexta-feira, 22 de outubro, eu tentava seguir minha rotina indo para a escola, onde costumava ocupar minha cabeça, tentando distrair-me da dor no peito, que era o pressentimento da sua morte.

Você me parecia, naqueles últimos dias, um velhinho combalido, com pouco fôlego, muito irritável, o dia todo de pijamas sentado na mesma poltrona, depondo tristemente as armas contra a doença. Eu tentava desesperadamente convencer-me do contrário, tinha pavor de enfrentar o fato de que ia perder você, que era justamente a pessoa de quem eu mais gostava.

Agarrada à minha pasta escolar, passei correndo pela porta do seu quarto, na esperança de não ser percebida. Não estava querendo nem olhar para dentro, sabia que você estava mal. Mas não deu certo e, ao ver-me passar correndo, você ordenou (sempre ordenava) que eu me aproximasse para lhe dar um beijo.

Tive medo, fiquei assustada com um ronco estranho que saía do seu peito. Se estivesse mais tranqüila, poderia ter entendido melhor o seu último desejo, sussurrado em meu ouvido enquanto eu o abraçava. Não tenho certeza do que você me pediu e, como nunca mais pude vê-lo, para esclarecer suas palavras, fui inventando um sentido para elas, ao longo da vida, com a série de acontecimentos trágicos que sobrevieram. Como separar aquilo que você realmente disse daquilo que foi por mim intuitivo ou adivinhado? Separar a realidade objetiva dos meus medos e desejos, da minha compreensão infantil do mundo, de minhas fantasias. Eu me lembro que você me pediu, emocionado, para eu “tomar conta da Maria Antonieta”. Ou, se não falou exatamente isso, deixou este pedido implícito na confissão do medo de deixá-la só.

Seu pedido aumentou meu pânico. Por isso procurei desvencilhar-me rapidamente daquele abraço, relutante dei um beijo em seu rosto e saí correndo.

Tidinha me contou, muitos anos depois, que você morreu tranqüilo, sentado na poltrona e conversando com ela, por volta do meio-dia, enquanto a mamãe preparava algo na cozinha; apertava forte em suas mãos aquelas medalhinhas de santos que carregava no pescoço desde o início da doença. Não fui ao seu enterro. Fiquei na casa da

vovó, sem suspeitar de nada, e só soube da sua morte no domingo, dois dias depois. A partir daí, cumprir seu último desejo impôs-se como um dever torturante, imperioso e inexeqüível. Destino complicado ser filha de Musa e Poeta!

Queria dizer hoje que, no confuso emaranhado das nossas relações, eu nunca entendi, afinal, quem tomava conta de quem: Ela de Você? Você Dela? Eu de Vocês? Eu Dela? E quem, meu pai, tomava conta de mim?

Bayla

A MUSA E O POETA

Impossível lembrar-me de Maria Antonieta sem escutar o eco de seu riso solto, cristalino, cheio de vida, ressoando pela casa. Era filha de um administrador de fazenda do interior de São Paulo. Estudara em colégio interno de freiras. Seus quatro irmãos homens cursaram a Universidade mas ela, como as duas irmãs mais velhas, cursou apenas a Escola Normal. Conheceu Oswald em Piracicaba, na casa de sua amiga Adelaide Guerrini, então noiva de Nonê. Julieta Bárbara me afirmou que seu casamento com Oswald já estava de fato acabado quando Maria Antonieta foi convidada por ele para trabalhar como sua secretária na elaboração do romance *Marco Zero*. O fato é que se apaixonaram – ela com 23 anos, ele com 54 – e um poema fantástico: “Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão” foi o pedido de casamento. A família dela reagiu abertamente, pois o passado de Oswald – que alimentava os mexericos da pequena cidade do interior (onde também moravam familiares de Tarsila) – em nada o recomendava: ele certamente iria abandoná-la, como já fizera com as outras mulheres. Ela impôs sua vontade, ameaçando fugir de casa para ir morar com ele. Oficializaram o casamento em julho de 1943, com ela vestida de noiva e Inês, filha de Nonê e Adelaide, fazendo as vezes de dama de honra do casal. Viveram felizes por onze anos. Revezavam papéis. Ela, a Grande Mãe generosa: “Toma conta do céu/ Toma conta do mar/ Toma conta da terra/ Toma conta de mim/ Maria Antonieta d’Alkmin”. Ele, o Velho Pai protetor: “E se ele vier/ Defenderei/ E se ela vier/ Defenderei/ E se eles vierem/ Defenderei/ E se elas vierem todas/ Numa guirlanda de flechas/ Defenderei/ Defenderei/ Defenderei”. Vivendo o mito do amor eterno: “Viveremos/ O corsário e o porto/ Eu para você/ Você para mim”.

As mulheres do passado foram esquecidas. Oswald anunciava em seu poema a chegada da “Mulher vinda da China”, a amante definitiva, o cais do porto, bonança. “Não quero mais/ Crucificadas em meus cabelos/ Quero você”. E prometia: “Nada te sucederá/ Porque inerte deste o teu afeto/ No soco do coração te levarei/ Nas quatro sacadas fechadas/ Do coração”.



61. FOTO DE CASAMENTO DE MARIA ANTONIETA E OSWALD, TENDO COMO DAMA DE HONRA A NETA MAIS VELHA DELE, INÊS ADELAIDE, 1943.

Promessa não cumprida. Ele morreu, ela sentiu-se abandonada. Buscou algumas vezes o suicídio, como solução, antes de reencontrar forças para sobreviver sozinha. Iniciou penosamente uma nova vida, enfrentando grandes dificuldades financeiras, até conseguir reafirmar-se. Desenvolveu uma carreira de sucesso como orientadora pedagógica; casou-se novamente e descasou. No entanto, a imagem do poeta nunca deixou de acompanhá-la (o retrato dele, pintado por Tarsila, sempre pendurado em nossa sala de jantar). Um profundo sentimento de orfandade vez por outra a prostrava deprimida; nestas horas sentia-se insegura e desenraizada, tinha verdadeiro pânico da solidão.

Outra grande perda sobreveio em 1968, com a morte do Paulo Marcos, em um acidente de automóvel, dois dias depois dele haver completado 20 anos. Meses depois, Maria Antonieta buscou alívio para sua angústia em um grande salto para a morte. Algumas horas antes de morrer, conversara comigo sobre o Oswald e confessara que ainda sentia muito a sua falta.

DEDICATÓRIA

Quando Maria Antonieta engravidou pela primeira vez, Oswald cruzou na rua com o pintor Clóvis Graciano (dono das Edições Gaveta) que lhe confidenciou a posse de um troféu: a primeira edição do poema *Marília de Dirceu*, restaurada e encadernada. Oswald não conseguiu comprar o livro de Clóvis, cioso colecionador, apesar de dizer-lhe que se tratava de um documento valiosíssimo para a tese que estava escrevendo, “A Arcádia e a Inconfidência”. Conseguiu, no entanto, tomá-lo emprestado. Só que nunca o devolveu.

Maria Antonieta contou-me que ele chegou em casa entusiasmado, dizendo que adquirira o livro, que dedicou a ela: “Para/ Maria/ Antonieta/ d’Alkmin/ – minha/ Marília/ realizada/ Oswald/ 19-3-45”².

Desta dedicatória compuseram o nome: Antonieta Marília de Oswald de Andrada, com o qual me batizaram oito meses depois.

VIDA EM FAMÍLIA

Antes que Oswald fosse prostrado pela doença, nossa vida oscilava entre um clima de festas e fartura e a constante ameaça de falta de dinheiro. A sombra da preocu-

2. Ver fac-símile dessa dedicatória à página 133.

pação reaparecia todas as vezes que ele, aflito, saía de casa para tratar dos “negócios”. Palavra-chave. O futuro, de repente, tornava a ameaçar. Podia ser que ele voltasse da rua irritado e deprimido, sem ter conseguido renovar uma promissória, ou que voltasse exuberante, com ótimas perspectivas de arrumar dinheiro, depois de passar pela melhor mercearia da cidade, trazendo quitutes e uma garrafa de champanha para comemorarmos.

Nunca entendi direito como administrava esses “negócios”. Soube mais tarde que ele herdara do pai um valiosíssimo trecho de terra na cidade de São Paulo, correspondente hoje à grande parte do bairro de Cerqueira César. Entre os vinte e sessenta anos, Oswald, no entanto, conseguira dilapidar essa fortuna, em parte devido à sua incompetência e descaso na administração, em parte devido à ingenuidade, que o levou a ser enganado por advogados corruptos e outros espertalhões de todo tipo. Lembro-me de sair de carro com a família, nos fins de semana, para rodar pelas ruas daquele bairro em busca de algum lote vazio. Quando encontrávamos algum, Oswald anotava animadamente o endereço e iniciava uma cuidadosa pesquisa pelos cartórios de registro de imóveis da cidade para descobrir se, por acaso, este ainda seria seu. Muitos terrenos foram-lhe tomados (através do usucapião) por moradores que haviam construído clandestinamente. Fui algumas vezes testemunha da disputa que ele mantinha com os padres da Igreja do Calvário, localizada na praça Benedito Calixto, alegando que ela fora construída sobre terreno de seu pai, sem autorização. Outros terrenos haviam sido tomados pelos bancos como garantia de hipotecas não quitadas. Mas, numa memorável tarde de domingo, localizamos um enorme terreno baldio na esquina da rua Lisboa, que era seu. Fizemos uma grande festa para comemorar o achado e, com a venda desse terreno, garantimos a fartura familiar por mais algum tempo.

Na época em que a vida era um “mar de rosas”, morávamos em um apartamento na rua Dr. Ricardo Batista 18, perto do viaduto Maria Paula. Ele nos apelidara de “família da goiabada”³ (por causa do doce em lata: 4 em 1, recém-lançado pela Cica) e às vezes nos extasiávamos juntos, brincando de rolar na cama do casal. Viajávamos quase todos os fins de semana para o Sítio da Boa Sorte, em Ribeirão Pires, um paraíso com mansão em estilo inglês. Férias e feriados passávamos em Santos, no Hotel Parque Balneário, ou em Águas de São Pedro, cujo imponente Grande Hotel é um dos marcos mais fortes da minha infância com meus pais.

Vivíamos cercados pelas empregadas (eram três, num apartamento relativamente pequeno), a babá nos acompanhava a todos os lugares e tínhamos sempre excelen-

3. Ver fac-símile do desenho de Oswald: “família da goiabada no Lapin Agile” à página 140.



62. MARIA ANTONIETA E OSWALD, COM OS FILHOS PAULO MARCOS E MARÍLIA, C. 1950.

tes cozinheiros. Oswald adorava comer bem e rebelava-se sistematicamente contra as limitações impostas pelo regime dos diabéticos. Maria Antonieta tentava controlá-lo e as poucas vezes que os vi brigarem era por causa da desobediência aos médicos. Ele chegava ao extremo de levantar-se de madrugada para comer um pote de baba-de-moça guardado na geladeira e quando ela descobria tratava-o como se fosse uma criança incontrolável. Gostava também de beber, principalmente vinhos italianos e franceses, durante as refeições. Não freqüentava bares, no entanto. Bebia requintadamente em casa, como parte de seus rituais de *bon-vivant*.

As paredes do apartamento eram cobertas de telas pintadas pelos maiores artistas do século XX: Miró, De Chirico, Picabia, Tarsila, Di Cavalcanti. Oswald acumulara, através da vida, um excelente acervo de obras de arte. Algumas telas foram vendidas enquanto ainda estava vivo, para custear os gastos com sua doença, mas grande parte do que restou (inclusive algumas gravuras de Picasso) foi vendida posteriormente, por Maria Antonieta, a um *marchand* francês oportunista que costumava visitá-la: vinha da Europa de tempos em tempos, para insistir na transação. Aproveitou-se de sua ingenuidade para desvalorizar as obras, atribuindo-lhes ao final um valor muito

abaixo do mercado. Restou apenas o retrato de Oswald, pintado por Tarsila em 1923, que permaneceu como relíquia.

Oswald mantinha uma relação pessoal muito intensa com certos objetos da casa. Quando certa vez um jornalista lhe pediu para posar para uma foto, com os seus objetos prediletos, ele não se lembrou dos quadros mais valiosos, mas de outras coisas, que tinham para ele profundo significado pessoal: um insólito conjunto de cadeiras, vasos de cerâmica e esculturas de madeira, o retrato de Maria Antonieta pintado por Nonê e um quadro representando uma família, pintado por Rudá, que a insensibilidade do fotógrafo acabou cortando ao meio.

Dessa mesma época, lembro-me das grandes festas, gente bem vestida e sofisticada. Na cama eu permanecia acordada ouvindo os ruídos de conversa e o tilintar de copos e talheres. As taças eram de cristal, as bebidas importadas e, em ocasiões especiais, vinha um mestre-cuca, o Arthur, preparar o jantar.

Muita gente freqüentava a nossa casa. Ficaram em minha memória: a Dulce Carneiro, a cronista Cristina, Carmem Prudente, Bárbara Heliodora, Edgard Braga, Helena Silveira, Jamil Almansur Haddad, Dona Lili Penteado, os casais Lima Figueiredo,

63. OSWALD COM SEUS OBJETOS PREDILETOS, C. 1952. FOTO DE NOVARRO.



Lucas Nogueira Garcês, a Póla Rezende, o Péricles Eugênio da Silva Ramos, o Samuel Ribeiro (meu padrinho), Tavares de Miranda, os casais Geraldo Santos, Ricardo Ramos, Luiz Lopes Coelho, Paulo Mendes de Almeida e Antonio Olavo Pereira e, evidentemente, o Mário da Silva Brito, a Gilda e o Antonio Candido, que eram muito assíduos.

Um dia Villa-Lobos veio para o almoço. Pude sentar-me à mesa com eles, enquanto era servido o café e lembro-me ainda da forte impressão que me causou o enorme charuto do “seu Lobo”. Papai contou-me que ele era um importante compositor e colocou um disco na vitrola, pedindo minha opinião. Achei a música insuportável (muito barulhenta) e disse-lhe que não era música boa para dançar. Deram risada.

Oswald não gostava mais de dirigir automóveis nessa época, acho que nem tinha carteira de motorista. Adorava andar de táxi e mantinha uma espécie de conta corrente com os motoristas do ponto mais próximo. Ao centro da cidade, que ia a trabalho ou para visitar as livrarias, gostava de ir a pé. Lembro-me de acompanhá-lo em caminhadas na região da rua Direita, praça da Sé e largo São Francisco. Sentia-se totalmente identificado com o centro da cidade, por onde andava sempre muito à vontade, como se estivesse num bairro de interior. Nas lojas que freqüentava, particularmente nas principais mercearias da cidade, era tratado com intimidade pelos vendedores que o chamavam de doutor Oswald. Conversava com os livreiros, jornalheiros, motoristas de táxi e gostava de parar nas bancas de sebo para descobrir raridades. Comprava sempre muitos livros que lia em casa, por horas a fio, sentado na poltrona.

Raramente saíam, a não ser para jantares e festas. Nessas ocasiões, ela costumava usar roupas maravilhosas, geralmente importadas. Oswald adorava vê-la bem vestida. Dera-lhe de presente um vestido francês de tafetá cinza-chumbo, com uma enorme capa que se prendia nos punhos, forrada de vermelho sangue, que me ofuscava particularmente. Senti um total deslumbramento quando os vi um dia, prontos para sair, ela com aquele vestido de princesa, ele de casaca. Para mim, a relação entre meus pais concretizava todas as fantasias da Cinderela. Literalmente, nossa vida em família às vezes se passava longe do resto do mundo, em um fantástico castelo de ilusões.

ÍDILIO INFANTIL

Eu a invejava, como a invejava! Queria viver sua vida, vestir seus vestidos, ser a companheira do Oswald. E até consegui assumir este papel, em raras ocasiões inesquecíveis. Como, por exemplo, na noite em que fui solenemente designada para representá-la, no jantar do Rotary Club em homenagem a Oswald. Ou ainda quando viajamos só os dois, em direção a Santos, onde Maria Antonieta e Paulo Marcos já veraneavam. Que prazer imenso o de encontrá-lo na porta da escola, esperando em

pé pela minha saída! No trajeto do ônibus da Viação Cometa – que durou, neste dia, uma eternidade – eu ia certa de estar seduzindo meu pai com as minhas histórias de criança.

Em outras ocasiões, essa sensação se repetiu. Numa noite muito fria, no jardim de inverno do Sítio da Boa Sorte, enquanto trocávamos idéias sobre a vida. Ele (tão grande!) sentado em sua poltrona, eu (pequeninha!) em uma cadeirinha de vime, o nariz batendo na altura de seus joelhos, onde ele descansava um livro francês de filosofia. Em outra noite, junina, quando estávamos sozinhos na sacada do apartamento, ele me ensinando a acender cuidadosamente os fósforos de artifício. E nos vários momentos em que ele me alçou, através de sua imensa barriga, para me aninhar em seu peito largo, onde eu me sentia protegida de todo o mal.

Era grande e gordo, sua voz ecoava como um trovão. Eu reagia violentamente às suas investidas autoritárias. Com cinco anos, ameacei fugir de casa, pois achava insuportável a frequência com que ele me requisitava a seu lado, impedindo-me de ir brincar na rua. Por conta desta briga, ele passou uma semana inteira sem me dirigir palavra, sentindo-se pessoalmente ofendido pela minha afirmação de que gostaria de ir morar na casa vizinha. Era um pai muito complicado.

Foi ele quem estimulou a minha vontade de dançar, afirmando, em suas visões grandiosas, que eu iria reencarnar Isadora Duncan. Seu *affair* com Isadora era às vezes invocado nas conversas de família, sempre com enorme respeito e admiração por ela. Minha primeira professora de dança foi Carmem Brandão, na verdade a dançarina Landa, por quem Oswald fora, na juventude, perdidamente apaixonado e cujo talento Isadora ironicamente desdenhara, no primeiro encontro que tiveram. Na verdade, dela não recebi qualquer tipo de orientação que se assemelhasse aos princípios propostos por Isadora. A influência desta grande artista sobre minha carreira de dançarina só apareceu muitos e muitos anos mais tarde, quando comecei a pesquisar sua vida, para escrever um livro. Dediquei-me, então, finalmente, a estudar as danças de Isadora Duncan, correspondendo, em parte, ao desejo de meu pai. Mas isto já emenda com outra história, que faz parte do meu percurso pessoal...

A dança, de qualquer forma, me persegue até hoje, como uma necessidade e um prazer. Oswald, certamente, tem muito a ver com isso. As raízes do meu desejo de dançar estão, até hoje, emaranhadas com aqueles outros desejos intensos e mais profundos de seduzir um velho pai tão sedutor...



64. MARÍLIA EM AULA DE BALÉ, COM A PROFESSORA CARMEN BRANDÃO (LANDA), 1950.



65. MARÍLIA DE ANDRADE DANÇA VALSAS DE BRAHMS, COREOGRAFIA ORIGINAL DE ISADORA DUNCAN.
APRESENTAÇÃO NO THE LABAN CENTRE – LONDRES, 1991. FOTO DE TONY NANDI.

Em casa, depois da morte do Oswald, lembro-me de ter passado vários dias sentada no chão frio da garagem, onde todos os seus livros estavam empilhados. Oswald possuía uma imensa biblioteca que havia sido cuidadosamente organizada por Maria Antonieta nas estantes do seu escritório, no apartamento da rua Dr. Ricardo Batista. Quando começamos a mudar sucessivamente de casa, os livros foram acondicionados em grandes caixotes de madeira alugados, de onde só foram retirados para serem empilhados no chão da garagem da casa da rua Caravelas, onde Oswald faleceu. Ocupada com sua doença, Maria Antonieta não tinha tempo nem energia para reorganizar aqueles três mil volumes. E as caixas de madeira – que pelo menos serviam para protegê-los – foram devolvidas à transportadora.

Antes disso, no início de 1954, morávamos em um casarão imponente, no bairro do Brooklin Paulista, que Oswald comprara num ato temerário. Moramos lá alguns meses mas, como sua doença se agravasse, tivemos que voltar para o centro da cidade, alugando a casa da rua Caravelas, no bairro do Paraíso, bem próxima à casa de minha avó.

Sentada na garagem, eu então folheava alguns de seus livros (tínhamos vários volumes das primeiras edições, nunca esgotadas) tentando entender as coisas que escrevera. Aos nove anos de idade, achava que peças como *A Morta* ou *O Rei da Vela* eram incompreensíveis e que meu pai era, no mínimo, um escritor hermético.

Foi por esta época que tive que me confrontar penosamente com a realidade do mundo de fora. Tendo crescido protegida em um ambiente onde aprendera a expressar minhas opiniões e a analisar criticamente o mundo, nunca fui aceita nos grupos pré-adolescentes e, principalmente, não conseguia me adaptar às meninas, que só gostavam de brincar de bonecas e que desdenhavam meu interesse pela leitura, meus modos de moleque e meu desprezo pelos vestidinhos de babados. Eu sonhava em ser uma desbravadora e gostava de explorar novos territórios, mesmo que para isso tivesse que enfiar os pés na lama e me machucar nos espinhos.

Esse era o lado impulsivo que eu herdara do Oswald e que ele reforçara e protegera enquanto vivo. Mas, depois que ele morreu, vivi um enorme conflito entre assumir esta tendência à aventura ou ser aceita e amada como uma menina “bem comportada”.

Esta ambigüidade era ainda maior porque eu não tinha a menor certeza do valor das idéias defendidas por meu pai. Por muitos anos, escondia em minha mente infantil a dúvida sobre as suas qualidades literárias. Não compreendia e nem gostava dos seus livros. Na verdade, nem podia lê-los direito, pois, logo na segunda página,

minha mente se embaralhava e eu tinha que voltar à mesma frase diversas vezes, antes que pudesse compreendê-la. Fora do restrito círculo familiar e dos poucos amigos (que depois da morte de Oswald ficaram ainda mais escassos), ninguém das minhas relações conhecia o escritor Oswald de Andrade. Os pais de minhas amigas, mesmo os mais intelectualizados, nunca haviam lido nenhum de seus livros, não havia exemplares deles na biblioteca da escola e depois que eu entrei para o ginásio constatei, desoladamente, que seu nome sequer constava das antologias de literatura brasileira, no capítulo sobre o Modernismo.

Maria Antonieta tentava nos convencer de que Oswald era um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos, apesar dos editores continuarem desinteressados em publicar sua obra. Frequentemente ela nos relatava fatos de sua vida, enfatizando admirada as grandes bravatas de sua juventude. Oswald era seu grande herói. Eu ouvia aquelas histórias comovida mas, cautelosa, atribuindo-lhes um certo exagero, por conta da paixão.

Lembro-me claramente de uma noite de chuva fria, em São Paulo, em que ela nos vestiu com a melhor roupa para irmos ao teatro assistir a uma apresentação de *Os Jo-grais* que incluía algumas poesias de Oswald. O teatro era longíssimo e havia poucas pessoas na platéia. Para mim, foi um espetáculo muito triste. Mas Maria Antonieta se emocionara profundamente, apertando nossas mãos, enquanto ouvia os versos de “Soidão”: “Ouçam, ouçam que versos maravilhosos! Que grande poeta ele foi!”.

Um dia resolvi “tirar a prova”. No segundo ano do curso colegial-clássico, do Colégio Mackenzie, cheguei timidamente para meu professor de literatura brasileira, ao fim da aula, e lhe disse que meu pai havia sido um dos expoentes do Movimento Modernista. Ele perguntou meu sobrenome. “Oswald de Andrade”, respondi, orgulhosa. Ao que ele revidou: “Ah, então você é a filha do Mário?”.

Guardei por muito tempo a sensação de ridículo que me invadiu nesse episódio e desisti de falar com professores sobre meu pai. Aos poucos, também, sua presença deixou de ser tão marcante em nossas vidas. Grande parte de sua biblioteca foi doada por Maria Antonieta para a Biblioteca Municipal de São Paulo. Ela conservou apenas os livros que tinham um valor pessoal, algumas preciosidades. Os manuscritos, cartas, recortes de jornais e outros documentos pessoais foram encaixotados e – com a instabilidade da nova vida conjugal de Maria Antonieta – levados de lá para cá até ficarem por muito tempo extraviados nos porões de uma transportadora. Quando, com muita sorte, consegui recuperá-los, os encarregados do transporte admiraram-se de que alguém pudesse se preocupar tanto com aquele monte de papéis velhos...

Em 1967, finalmente, 13 anos após a morte do Oswald, o Paulo Marcos chegou em casa excitado com a notícia de que o José Celso resolvera montar *O Rei da Vela*.

Todas as vezes que assisti ao espetáculo, emocionei-me ao perceber o entusiasmo do público. Queria que o Oswald estivesse vivo para ver seu texto aplaudido de pé. Esta encenação marcou, para mim, o primeiro reconhecimento público do Oswald, o início de sua trajetória de mito e de herói popular.

Já convencida de que meu pai seria para sempre um gênio incompreendido, foi difícil acostumar-me a ouvir, de repente, o seu nome invocado com tanta frequência e associado a tantos eventos diferentes da vida cultural do país. Virou moda, pegou. Pai do tropicalismo, inspirador de Caetano, exemplo dos críticos literários, objeto de estudo das teses de doutoramento, herói incondicional dos jovens inconformados, modelo para os escritores iniciantes, autor preferido dos grupos de teatro amador. Oswald subiu de repente ao patamar dos mitos. Levei um susto, por volta de 1974, na cidade de São Carlos, interior de São Paulo, quando um caixa de banco, ao ler o meu nome no cheque, disse que era admirador das obras do Oswald, das quais sabia vários trechos de cor. Sei que ele haveria de gostar disso.

Eu, no entanto, não consigo esquecer a mágoa por ele haver morrido tão triste, pela aflição de Maria Antonieta na tentativa de republicar as suas obras e ver seu nome reconhecido, pela humilhação que sofri diante do meu professor de literatura...

Tento olhar distanciadamente para a grande festa que se faz em torno do seu nome. Fico perplexa diante de algumas histórias sobre suas excentricidades que já viraram lendas, como aquela do nome dos filhos, que ele teria registrado como “Rodo Metálico” ou “Rolando Escada Abaixo”, boato que teve origem em um artigo maldoso de Guilherme de Almeida. Ou ainda a errônea imagem que às vezes fazem do Oswald jovem, às vezes dândi, às vezes bebedor, a partir de uma visão muito superficial de sua personalidade.

Mais que tudo, no entanto, surpreende-me o acento que inventaram para o próprio nome de Oswald – de origem francesa – que virou Ôswald, a partir dos anos setenta. Acho engraçado. Até então, eu nunca ouvira qualquer pessoa usar seu nome com esse acento, agora generalizado. Tento, às vezes, insistir: “Ele não é Ôswald, é Oswáld”. Mas temo, cada vez mais, que a cristalização do novo nome seja irreversível. Oswald foi rebatizado quando iniciou sua carreira de herói popular, quando seus livros começaram a ser finalmente digeridos pela massa. Ele não gostaria que eu tentasse evitá-lo. O trajeto do mito, afinal, não me pertence.



66. MARIA ANTONIETA E OSWALD, DOENTE, POUCO ANTES DE SUA MORTE, 1954.



Apêndices



sob as ordens de mamãe ou
miramar miramãe

68. EDGARD BRAGA. "RETRATO DE OSWALD DE ANDRADE". REPRODUZIDO DO LIVRO *DESBRAGADA*, ORGANIZAÇÃO DE RÉGIS BONVICINO, SÃO PAULO, MAX LIMONAD, 1984, p. 32. [NOTA DE EMR].

SERENIM À JANELA FECHADA
DE OSWALD DE ANDRADE¹

Edgard Braga

O REI E A VELA

Luz na garoa,
mansa garoa
lágrima, Ela.
Oh, que noite do Fim,
oh, noite tão noite!
Vela Ó Serafim
sobre a ponte de estrela
em Maria Antonieta d'Alkmin.

Voz ao longe
plange ao alfange
síncope de fios
Maré de vento sul, palma,
Rimas em lá,
rimas em cia,
rimas em ia,
rimas em ar

-
1. “Serenim à Janela Fechada de Oswald de Andrade”, de Edgard Braga, é um poema em três movimentos: “O Rei e a Vela”, “Solo Surdina” e “Adeus em Andante”. Foi escrito em homenagem a Oswald de Andrade (que havia morrido em 22 de outubro de 1954) e publicado no Suplemento Literário de *O Tempo*, ano I, n. 16, São Paulo, 31 de outubro de 1954. Inédito em livro. [Nota de EMR].

João Jãomiramar,
marcida violeta
à porta do teu Fim:
– Maria Antonieta d’Alkmin.

Acorda menestrel,
que é noite a vela
panda rasgada
em seu último batel.
Andam no ar centauros,
cascos roxos de chuva,
tosando ervas de susto.
Desperta, Oswald, é morte
dar as penas de tua sorte
à pálida aurora que vem...

Acorda exilado, quem
fechou tua tarde,
tua manhã pisou
na saudade do jardim?
Há uma rosa bela
e tu, distante, a refleti-la
sobre a lâmina do sono...

(Nada te sucederá
Por que inerte deste o teu afeto
No soco do coração
Te levarei
Nas quatro sacadas fechadas
Do coração)

SOLO SURDINA

Oh, este meu canto
partido ao meio
aonde irá?

Amigo, a mão,
dá-me teu pulso,
o trágico momento
do incerto coração.
É cedo ainda.
(são duas horas
em tua janela).
A luz serbuna
da tarde fria
cria outro mar.

Vão em teus olhos
os teus meninos,
Mãe em teu fim
sombra de sombra,
– Maria Antonieta d’Alkmin.

(Viveremos
O corsário e o porto
Eu para você
Você para mim
Maria Antonieta d’Alkmin)

ADEUS EM ANDANTE

Negras águas,
oh, tanta mágoa
moinho mói!

É cedo em orvalho,
deixa o mastim
roer o trapo
que o Nada tem,
e a pedra, aquela
que fecha o verbo
além do além.

Moinho mói,
águas e flâmulas
tudo ele mói,
até os ossos,
a negra espera
que há em nós.
Oswald, a água!
Na rua morta,
passa o cortejo
da pálida hora.

Em nossa porta,
passa o cortejo.
Oswald, vem,
traze o arco-íris,
escudo, lança,
o vinho e o pão
para o amanhecer.

Nos velhos cimos
teu rio corre...

Rei,
apaga a vela,
traze a estrela
que a noite é Ela,

– Maria Antonieta d’Alkmin.

O “ROMANCE EPISTOLAR” DE OSWALD E ANTONIETA¹

Vera M. Chalmers

A CORRESPONDÊNCIA DE OSWALD DE ANDRADE E MARIA ANTONIETA D’ALKMIN, em poder de sua filha Marília de Andrade, é exígua, embora significativa. A jovem Maria Antonieta d’Alkmin é secretária de Oswald de Andrade, e datilografa os originais de *A Revolução Melancólica*, primeiro volume de *Marco Zero*. São apenas bilhetes ou cartas breves, trocadas principalmente em 1942, embora haja poucas outras escritas mais tarde². O livro vai-se fazendo ao mesmo tempo em que a história de amor vai-se construindo entre o escritor e a secretária. Nas cartas, Oswald dá notícias de si e do livro, agradece a colaboração de Maria Antonieta e pede pequenos favores de caráter particular e familiares.

Junto com os papéis de Oswald³, entre as cartas e documentos pessoais, há manuscritos do poema escrito em 1942, o qual na versão publicada em livro vai se chamar “Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão”, dedicados a Antonieta d’Alkmin⁴. A criação do poema de amor repercute na correspondência entre as linhas da comunicação do cotidiano, das ausências por viagens, notícias das dificuldades nos negócios, boas novas do livro etc. O conjunto da correspondência de Oswald e Antonieta constitui um brevíssimo diário amoroso, o qual evolui do tratamento distante e respeitoso com a jovem secretária para o namoro e casamento. O caso de amor se escreve ao mesmo tempo que o *Marco Zero* e o poema “Cântico dos Cânticos”. As breves

1. Este texto foi publicado no livro *Prezado Senhor, Prezada Senhora – Estudos sobre Cartas*, organizado por Walnice Nogueira Galvão e Nádya Batella Gotlib, São Paulo, Companhia das Letras, 2000, pp. 211-217. [Nota de EMR].

2. Há ainda no caderno de capa “Guarany”, guardado no Cedae-IEL-Unicamp, bilhetes de Oswald a Maria Antonieta datados de 1942.

3. Papéis já mencionados, guardados por sua filha Marília e organizados em pastas por Diléa Z. Manfio.

4. Oswald de Andrade, *Poesias Reunidas*, em *Obras Completas 7*, Rio de Janeiro, MEC/Civilização Brasileira, 1974.

cartas muito pessoais e corriqueiras não dão notícia da preocupação fundamental de Oswald na escrita do livro e do poema, ou seja, a questão social e política e o seu engajamento no Partido Comunista. Talvez, não seja assunto para se tratar com mocinha de família. Mas o centro de interesse do livro e do poema é o marxismo de Oswald de Andrade, profundamente inscrito na sua personalidade literária em 1942. O *Marco Zero* é o assunto da prosa cotidiana das cartas, “reúna material” é o pedido constante do escritor para a jovem secretária. O amor e o poema vão se inscrevendo nas filigranas das entrelinhas, à medida que a correspondência avança no tempo. O tratamento da pessoa do destinatário vai se alterando de Antonieta para Santa Antonieta, Antonieta adorada, Tonhietinha... A intimidade vai crescendo e o tom das cartas amorosas vai se intensificando. Na breve correspondência há um pouco de tudo: cartinhas respeitadas que o recomendam à família de Antonieta, bilhetes aflitos a respeito de episódios do *Marco Zero* aparentemente desaparecidos, a ansiedade pela ausência no Rio a negócios e o amor declarado e explícito no pedido “Volte!”, escrito por toda a margem de uma carta. Depois de casados, as lembranças aos filhos e beijos à mulher. Já doente no hospital, encomendas de objetos pessoais e de livros que ficaram em casa.

Entre os papéis, há um plano de edição das obras completas, uma “Estante Oswald de Andrade” em quinze volumes para levar ao editor José Olympio. O projeto não tem data. O *Ponta de Lança* incluía dois volumes, com artigos, conferências e o *Telefonema*. O *Marco Zero* consiste em cinco volumes: *A Revolução Melancólica*; *Chão*; *Beco do Escarro*; *Os Caminhos de Hollywood*; *A Presença do Mar*. *As Memórias de um Homem sem Profissão* comportam quatro volumes. E por fim, *A Marcha das Utopias* e as duas teses. Nos anos de 1940, Oswald tinha muitos planos de trabalho. O escritor nos anos de 1940 está prenhe de vida e de obras para escrever. Nessa década, apesar da doença que começa a afligi-lo, escreve muito – os dois volumes de *Marco Zero*, os poemas “Cântico dos Cânticos”, “O Escaravelho de Ouro”, “O Santeiro do Mangue” e, no jornalismo, as colunas, “Feira das Sextas”, “3 Linhas e 4 Verdades” e o “Telefonema”, que escreve até a véspera de sua morte em 1954.

O DIÁLOGO AMOROSO

A primeira carta é um bilhete num fragmento de papel, escrito a lápis, datado de 2 de setembro de 1942. Na folha de rosto, Oswald escreve: “Antonieta. Veja se acha nos cadernos de material a história da onça ‘A gata’⁵ e ‘As raivas do fazendeiro depois da re-

5. O escritor refere-se ao episódio do capítulo 5 de *A Revolução Melancólica*, “Os Latifundiários em Armas”, fragmentos de pp. 210 e 211 da edição das *Obras Completas* 3, MEC/Civilização Brasileira, 1974.

volução”⁶. E pede à secretária que se ela chegar antes “prepare a página do Jango e os banqueiros”⁷. E assina, “grato o Oswald”. No verso do pedaço de papel escreve, “Reúna material. Não se aflija com a ‘fazendinha”⁸. Quando chegar acharemos. Temos grandes trabalhos”. E torna a assinar, “Muito grato Oswald”. A seguir, no bilhete sem data, exceto pelo recado “Fui ao sanatório”, Oswald se repete e multiplica bilhetes sobre o sumiço da “fazendinha”. “Quando eu chegar, acharemos. Temos grandes trabalhos.”

A anotação breve de Oswald é da maior importância, pois dá pistas de como preparava o seu livro a partir de “material” reunido em cadernos de todo tipo, anotados com rascunhos vários, de capítulos de livros a notas esparsas. Há cadernos de caixa escolar, brochuras e grandes cadernos de capas duras. Pelo visto, secretariar Oswald de Andrade em processo de criação não devia ser coisa muito fácil. Os papéis e os cadernos, pelo jeito, se multiplicam e até desaparecem. A tarefa é árdua, “Temos grandes trabalhos”.

Em outro bilhete, sem data, a lápis, escreve já muito íntimo, “Tonhetinha”. Avisa à secretária que volta logo e assina “Oswald”. Elogia o trabalho da secretária, “trabalha que está muito bom o seu ‘Marco Zero’”. O trabalho é partilhado pelo escritor e pela secretária e se torna um laço de união entre o casal, a vida e a literatura se misturam. Em carta de 17 de setembro de 1942, de São Paulo, Antonieta escreve ao “Dr. Oswald”: “Tenho estado contente com a certeza do êxito universal que um dia o ‘nosso livro’ alcançará”.

No verso de um cartão-postal, uma vista panorâmica de Caxambu, datado de 10 de outubro de 1942, escrito em tinta azul, Oswald diz a Maria Antonieta: “Assisti a um espetáculo único que muito servirá para o ‘Marco Zero”⁹. Diz que vai para o Rio e pede recomendações à família de Maria Antonieta; assina “Oswald Andrade”.

Na carta enviada do Rio, datada de 16 de novembro de 1942, o tratamento do destinatário salta para a exaltação, “Santa Antonieta”. Oswald agradece o trabalho de Antonieta, o qual qualifica de “admirável”. E confessa a entrega precipitada dos originais, na falta da cooperação de Antonieta. E reclama, “Que fazer?”. Reclama ainda que os negócios atrapalhados o retêm no Rio. Diz que não quer ser obrigado a voltar e que até dezembro quer dar a edição definitiva da “Revolução Melancólica”. A inti-

6. Oswald refere-se provavelmente ao fragmento do capítulo 6 de *A Revolução Melancólica*, “A Vitória do Vilão”, p. 237 da edição das *Obras Completas* 3, *op. cit.*

7. Não consegui identificar a página à qual se refere o escritor no texto editado de *A Revolução Melancólica*.

8. O autor se refere ao fragmento do capítulo 6 de *A Revolução melancólica*, “A Vitória do Vilão”, p. 216 da edição de *Obras Completas* 3, *op. cit.*

9. Oswald refere-se, provavelmente, ao capítulo 7 do *Marco Zero*, “Pro Brasilia Fiant Eximia”, no qual narra a romaria, a procissão e a festa do Bom Jesus de Jurema.

midade se aprofunda com a confissão da saudade “da ilha da rua dos Ottonis”, endereço de Antonieta. Oswald afirma ainda ter encontrado ambiente “favorável”, talvez à recepção do livro. O escritor assina, “Muito grato sou Oswald de Andrade”.

Outra carta chega do Rio, por avião (Vasp), datada de 18 de novembro de 1942, com tinta preta. Oswald avisa da sua chegada e pede a Antonieta que entre em contato com Nonê. Ele quer ver gente dele na estação. E anuncia, “‘Marco zero’ vai bem. O seu trabalho foi precioso e sinto verdadeira falta na cooperação dedicada que o seu trabalho me dá”. Tributo e tanto para a mocinha, secretária do grande escritor. E prossegue, “Precisamos fazer urgentemente, desde sábado, um *trailer* do livro para ser traduzido e mandado à América”. A carta se fecha com a recomendação à família. E assina, com fervor, “Devotadamente seu Oswald de Andrade”.

A carta de 18 de dezembro de 1942 é contemporânea ao manuscrito do “Livro de Poesia” (“Poema para Flauta e Violão”), datado do mesmo mês, dedicado a Antonieta, guardado entre os papéis. A história de amor inspira o poema e a literatura impregna o namoro. A carta, escrita com tinta preta, apresenta uma grafia incerta e descuidada, quase não se reconhece a boa letra de Oswald de Andrade, quase sempre fácil de ler. O escritor se dirige a “Antonietinha vigilante”. A temperatura da correspondência sobe, é uma carta apaixonada. A ausência de Antonieta provoca a ansiedade que se revela na letra descuidada e na repreensão pelo afastamento da amada. Oswald escreve, “As coisas mudam, as pessoas mudam. Só num caso permanecem as mesmas para sempre. Quando ela vem da China. E ele sabe esperar. Não troque o seu destino por pequenas coisas. Venha! Venha!”. A carta não revela o motivo da separação, da viagem de Antonieta para São Manuel, mencionada na despedida, “São Manuel é mais perto do que a China. Venha pois para o teu amor de eternidade”. A separação não parece ter sido motivada pela interferência da família da moça, pois Oswald menciona seu apego à família dela durante a ausência, “Não tenho deixado a tua gente”. Talvez seja o indício de uma briga de namorados. Em carta de 19 de dezembro de 1942, de São Manuel, Antonieta pergunta ingenuamente, “O poema continua dedicado a mim?”.

A mulher vinda da China alude ao “Poema para Flauta e Violão” da página 4 do manuscrito, escrito a lápis em papel jornal:

Mulher vinda da China

Para mim

Vestida de suplícios

Nos duros dorsos da amargura

Para mim

Maria Antonieta d’Alkmin

O texto da carta inscreve ainda o poema “Fabulário Familiar” no manuscrito do “Poema para Flauta e Violão”:

fabulário familiar

Se eu perdesse a vida

No mar

Não podia hoje

T’a ofertar

A correspondência amorosa atinge o clímax com esta carta, na qual se misturam o prosaico e o poético. A escrita incontida extravasa para as margens do papel, de onde Oswald implora, “Volte!”, ou o imperativo “Venha!”. A escrita rompe o decoro da correspondência anterior e mostra o autor desmedido na intimidade da paixão por Antonieta.

A carta do Rio, de 21 de janeiro de 1943, enviada por avião, via Vasp, consolida o tratamento amoroso dado a Antonieta, “Antonieta adorada”. Oswald reclama da ausência e dá notícias do *Marco Zero* e do poema, “foi grande o sucesso de ‘Marco Zero’ e do poema”. E se despede,

Que saudade enorme!

Sem você, não há vida para o

Oswald.

Entre os papéis, há um cartão de Di Cavalcanti e Noemia, de São Paulo, de 19 de junho de 1943, felicitando os noivos. O casamento foi em 8 de agosto de 1944, conforme o documento guardado entre os papéis.

As cartas seguintes são mais curtas, datam de 1949 e 1954. A carta de 12 de outubro de 1949, enviada do Atlântico Hotel, da praia do Gonzaga, em Santos, traz o apelido carinhoso de “Tonhetinha”. Oswald está com Rudá e avisa que chegará para o almoço. Manda beijo para a Picocha e Picochão, os filhos Marília e Paulo, e despede-se, “Oswald seu”.

O documento seguinte é um telegrama de 11 de março de 1954. Antonieta está no Hotel Serrador, no Rio. Oswald doente busca recursos, “Apele Paulo Niomar¹⁰ tra-

10. Oswald refere-se a Paulo Bittencourt, filho de Edmundo Bittencourt, proprietário do *Correio da Manhã*, e a Niomar, sua esposa, que assume a direção do jornal depois da morte do marido.

zer qualquer parcela quadro vendido. Beijos Saúde melhor Oswald”. A carta de 10 de março de 1954 é do Hospital Santa Edwiges, escrita a lápis, com letra incerta. Dá notícias da saúde, está com Rudá. Escreve, “Sinto-me melhor” com letra tremida. E arrola as pessoas com quem Antonieta pode contar, “Esqueci duma coisa que o Paulo Bittencourt com certeza não falhará neste momento. Apele para ele e Niomar a fim de obter qualquer parcela urgente do ministro¹¹. Com José Maria¹², Aprígio¹³ e Geraldo Rocha¹⁴, conto também”. E despede-se, “E beije infinitamente o teu Oswald”. No canto do papel Rudá manda abraços. À margem, o escritor doente escreve, “Saque o que puder do José Olympio”. As questões financeiras atormentam o doente no hospital.

A última carta, datada de 29 de março de 1954, pede a Antonieta objetos de uso pessoal e dá notícias da saúde. Diz que se sente bem. Pede notícias dos “picochos adorados” e da “casa linda”. E desenha um coração sangrando trespassado por uma seta. O desfecho da carta é dramático, o desenho simboliza o sofrimento do escritor e aproxima-o da paixão cristã. Nos últimos “Telefonema”, publicados no *Correio da Manhã*, o escritor refere-se ao sentimento órfico que se apodera do doente.

A curta correspondência entre Oswald de Andrade e Maria Antonieta d’Alkmin relata um caso amoroso feliz e um drama familiar comovente, com a doença de Oswald e suas dificuldades financeiras. São cartas de caráter muito pessoal e íntimo, e interessam à literatura porque mostram o nascimento de uma relação amorosa urdida na gênese da obra literária, na criação do *Marco Zero* e do “Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão”.

O CADERNO “GUARANY”

O caderno “Guarany” é contemporâneo à correspondência trocada em 1942. Na capa, Oswald anotou “Marco Zero II – Beco do Escarro 3 – Majestade da Justiça”. Mas não há qualquer anotação para o *Marco Zero III*. Nas páginas do caderno encontramos bilhetes para Antonieta. Oswald faz a revisão do capítulo 6 de *A Revolução Melancólica*, “A Vitória do Vilão”, no bilhete de 21 de agosto de 1942. Aconselha

11. Oswald refere-se provavelmente ao ministro Clovis Pestana, segundo Boaventura, p. 203.

12. José Maria Alkmin. De acordo com Boaventura (p. 203), José Maria Alkmin intercedeu junto ao deputado federal paulista e empresário Euvaldo Lodi para agilizar a venda da coleção de arte de Oswald de Andrade.

13. Aprígio dos Anjos, irmão do poeta Augusto dos Anjos, segundo Boaventura (p. 203), político ligado ao presidente Vargas, procurou ajudar Oswald na venda de sua coleção de arte ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, entre março e maio de 1951.

14. Segundo Boaventura (p. 203), empresário e proprietário do jornal *A Noite*, amigo de Oswald de Andrade.

à secretária, “Esses cadernos que estão aí na frente têm coisas preciosas. Conserve-os separados dos outros”. E prossegue, “Trabalhe na *découpage* de Lâmpada e Edípia¹⁵, enquanto eu trabalho lá fora”.

No bilhete de 24 de agosto de 1942 Oswald escreve que vai à cidade e volta logo. E continua, “Na minha ausência, você pode verificar na ‘Vitória do Vilão’ as coincidências que há na página final (Xavier) e assinalá-las¹⁶. Há muita repetição inútil. Faça também, se houver tempo, enriquecimento, como foi de domingo?”. E assina, “Oswald”.

No bilhete seguinte, de 2 de setembro de 1942, Oswald anuncia que vai à cidade a negócios e completa, “Se você chegar antes, prepare as páginas de Jango e os banqueiros”. Assina, “Grato o Oswald”.

No bilhete datado de 3 de setembro de 1942 Oswald diz que a esperou até as dez horas, depois teve de sair, por causa de uma escritura. E pede à secretária, “Veja se acha nos cadernos de material, a história da onça ‘a gata’ e as raivas da fazendeira depois da revolução¹⁷. E assina “Oswald”.

No bilhete sem data Oswald dá o recado de sua partida. E no último bilhete avisa que foi buscar papel para a máquina e que volta imediatamente.

As cartas guardadas entre os papéis do escritor e os bilhetes do caderno “Guarany” mostram o empenho do escritor e da secretária no trabalho de gestão do *Marco Zero*. Os bilhetes revelam a contribuição da secretária na revisão do texto, na eliminação de repetições “inúteis”, na pesquisa do material (“reúna material”), na organização dos cadernos de anotações, na busca de episódios perdidos. Os bilhetes do caderno “Guarany” completam a correspondência do escritor e Antonieta, como um testemunho do trabalho intenso na literatura que os aproximou e uniu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOAVENTURA, Maria Eugênia. *O Salão e a Selva – Uma Biografia Ilustrada de Oswald de Andrade*. São Paulo, Ex Libris/ Ed. da Unicamp, 1995.
- FONSECA, Maria Augusta. *Oswald de Andrade – Biografia*. São Paulo, Art Editora/Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

15. Não há menção a Lâmpada e Edípia na *Revolução Melancólica* editada.

16. Oswald refere-se ao capítulo 6 de *A Revolução Melancólica*, “A Vitória do Vilão”, pp. 245 e 246 da edição das *Obras Completas 3, op. cit.*

17. O episódio já foi mencionado, mas neste bilhete Oswald refere-se às “raivas da fazendeira” no feminino, e não no masculino, como nas cartas. O episódio refere-se, talvez, ao fragmento do capítulo 6 de *A Revolução Melancólica*, “A Vitória do Vilão”, p. 243 das *Obras Completas 3, op. cit.*

ACERVOS

Centro de Documentação “Alexandre Eulalio” (Cedae), Unicamp: 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 67.

Coleção Êsio Macedo Ribeiro: 5, 8, 9, 10, 68.

Coleção Marília de Andrade: 1, 2, 3, 4, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 33, 34, 35, 36, 37, 41, 42, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

A

- ALBERGARIA, Aldina, 47
- ALEIJADINHO, Antonio Francisco Lisboa, dito, 24, 88
- ALIMONDA, Lydia, 77
- ALMEIDA, Guilherme de, 176
- ALMEIDA, José Américo de, 83
- ALMEIDA, Paulo Mendes de, 80, 170
- AMADO, Genolino, 75
- AMADO, Gilberto, 75
- AMADO, Jorge, 45, 84-85
- AMARAL, Tarsila do, 25, 39, 78, 134, 164, 166, 168-169
- ANABELA, 50
- ANA BOLENA, 50
- ANDRADE, Adelaide Guerrini de, 40-41, 164
- ANDRADE, Carlos Drummond de, 75, 83, 87, 89
- ANDRADE FILHO, Oswald de, 35, 40-41, 47, 68-69, 78, 106, 164, 169, 190
- ANDRADE, Inês Adelaide Guerrini de, 35, 41, 69, 107, 110, 164-165
- ANDRADE, Inês Inglês e Sousa de, 15
- ANDRADE, José Nogueira de, 15
- ANDRADE, Maria Julieta Drummond de, 75
- ANDRADE, Marília de (Antonieta Marília de Oswald de Andrade), 10-13, 16, 21-22, 24-26, 30, 93, 112, 115, 117, 120, 124-125, 128, 136-137, 142, 160-161, 164, 166, 168, 172-173, 187, 191-192, 195
- ANDRADE, Mário de, 25, 78, 81, 84, 89, 131, 175
- ANDRADE, Oswald de (José Oswald Sousa Andrade), 9-13, 15-19, 21-27, 30, 35-36, 39-49, 62-69, 71-72, 74, 76-82, 89, 92-93, 96-106, 108, 110-113, 115-121, 124-125, 128-147, 149, 157, 160-171, 174-177, 181, 183-184, 186-193
- ANDRADE, Paulo Marcos de (Paulo Marcos d'Alkmin de Andrade), 11-12, 17, 19, 21, 24-26, 30, 117, 120, 124-125, 142, 152, 157-158, 161, 166, 168, 170, 175, 191-192
- ANDRADE, Rudá de, 13, 35, 40, 69, 107, 110-111, 117-118, 120, 169, 191-192
- ANJOS, Aprígio dos, 118, 192
- ANJOS, Augusto dos, 192
- ANJOS, Ciro dos, 84
- ANTONIETA (v. D'ALKMIN, Maria Antonieta)
- ANTONIETINHA (v. D'ALKMIN, Maria Antonieta)
- ANTONIO, Carmem Lúcia, 13
- APOCALIPSE, Mary, 67
- APPOLLINAIRE, Guilhaume, 140
- ARANHA, Graça, 83
- ARANTES, Antonio Augusto, 13
- ARTHUR (mestre-cuca), 169
- ATHAYDE, Tristão de, 83-84, 86-87
- AUGUSTO, 106

AUGUSTO, Sílvia Ferraresso, 13
AZEVEDO, Narciso de, 144

B

BABO (v. ANDRADE, Oswald de)
BACH, Johann Sebastian, 77-78
BANDEIRA, Manuel, 74
BARBACENA, visconde de, 83, 86
BARBOSA, Rui, 17
BARCA, Ana Carmem, 13
BARROS, João Alberto Lins de, 68, 86, 89
BASTO, Hélió, 18-19
BAUDELAIRE, Charles, 141
BAYLA (v. ANDRADE, Marília de)
BAZARIAN, Jacob, 67
BEAUVOIR, Simone de, 37
BEHRENS, Odilon, 80, 88
BEIJA, Dona, 115
BENNY, 80
BERNANOS, George, 86
BERNETTE, Yara, 77
BICHELS, Hélió, 67
BITTENCOURT, Edmundo, 191
BITTENCOURT, Niomar, 118, 191-192
BITTENCOURT, Paulo, 75, 89, 118, 191-192
BLANCO, Pedro Gonzáles, 137
BOAVENTURA, Maria Eugênia, 161, 192-193
BONFIM, Paulo, 67
BONVICINO, Régis, 181
BOPP, Raul, 81, 84
BOUFFLERS, Henriette Denise, 39
BRAGA, Edgard, 12, 21, 89, 169, 181, 183
BRAGA, Rubem, 74
BRAHMS, Johannes, 173
BRANCO, Carlos Castello, 81
BRANDÃO, Carmem, 171-172
BRIQUET, Raul Carlos, 89
BRITO, Mário da Silva, 25, 82, 162, 170

C

CÂMARA, Jaime Adour da, 81, 84

CAMPIGLIA, 43
CAMPOS, Carlos de, 81, 85
CAMPOS, Haroldo de, 57
CAMUS, Albert, 17
CANDIDO, Antonio, 162, 170
CARNEIRO, Dulce, 169
CARPEAUX, Otto Maria, 86-87
CASANOVA, Giovanni Giacomo, 58
CASTRO, Josué de, 75
CASTRO, Moacyr Werneck de, 74
CELSO, 107
CENDRARS, Blaise, 83, 85
CHALLAYE, Félicien, 143
CHALMERS, Vera Maria, 12, 13, 77
CHAMIE, Emilie, 160
CHARENTE (marquesa), 139
CHAR, René, 145-146
CHATEAUBRIAND, François René, visconde de, 138
CHRISTOPHE, Jean, 132
CHURCHILL, Winston, 68
CIMABUÉ, Cenni di Pepi, dito, 88
COELHO, Luiz Lopes, 170
COELHO, Ramos, 115-116
CORÇÃO, Gustavo, 75
CORRÊA, José Celso Martinez, 25, 175
CORTESÃO, Jaime, 75
CORTESÃO, Maria da Saudade, 75
COSTA, Miguel, 81, 85
COSTA, Osvaldo, 81, 84
CRISTINA (cronista), 169
CUNHA, Euclides da, 24, 88

D

D'ALKMIN (Família), 40
D'ALKMIN, Carmen, 47, 62, 118, 163
D'ALKMIN FILHO, José Lino, 65
D'ALKMIN, Ida, 39, 41, 107, 163
D'ALKMIN, José Lino, 15, 62
D'ALKMIN, José Maria, 80, 88, 118, 192
D'ALKMIN, Maria Antonieta, 9-12, 15-19, 21-27, 30, 32-33, 35-36, 39, 42, 46-47, 49-51, 53-54, 56, 59, 61, 63-64, 70-72, 74, 76, 78-81, 89, 92-93, 96-108,

110-113, 115-121, 125, 128-137, 140-141, 144-149,
161-166, 168-170, 174-177, 180, 183-193

D'ALKMIN, Maria Marques, 15, 39

D'ARC, Jeanne, 86

DASY (v. DOLZANI, Maria de Lourdes Castro)

DEBUSSY, Claude, 78

DE CHIRICO, Giorgio, 168

DÉCO (v. ANDRADE, Rudá de)

DI CAVALCANTI, Emiliano, 69, 168, 191

DOLLFUSS, Engelbert, 86-87

DOLZANI, Maria de Lourdes Castro, 39

DOUANIER, Henri Rousseau, dito, 55

DUNCAN, Isadora, 12, 161, 171, 173

E

ELENA, 50

F

FERRAZ, Antonio Osvaldo, 40

FERRAZ, Geraldo, 25, 81, 84

FERREIRA, Ascenso, 83

FIGUEIRA, Alberto, 124

FIGUEIREDO, Lima, 169

FILHÃO (v. ANDRADE, Oswald de)

FINKELSTEIN, George, 13

FONSECA, Maria Augusta, 13, 193

FONTES, Amando, 84

FREYRE, Gilberto, 84

G

GALLO, Armando, 68

GALLO, Mino, 68, 89

GALVÃO, Patrícia, 39, 40

GALVÃO, Walnice Nogueira, 12, 187

GARCÊS, Lucas Nogueira, 170

GEORGES-MICHEL, Michel, 139

GIORDANO, Cláudio, 13

GONZAGA, Tomás Antônio, 83, 133

GORKI, Máximo, 88

GOTLIB, Nádía Batella, 12, 187

GRACIANO, Clovis, 166

GRACIANO, Kika, 13

GRIECO, Agrippino, 84

GUERNE, Armel, 148

GUERRINI (família), 40, 45

GUERRINI, Julieta Bárbara, 15, 25, 39-41, 47, 164

GUIGNARD, Alberto da Veiga, 80, 88

GUIMARÃES, Saulo, 67

GUISE (duque de), 86

GUSMÃO, Clóvis de, 81, 84

H

HADDAD, Jamil Almansur, 169

HELIODORA, Bárbara (Inconfidência Mineira), 87

HELIODORA, Bárbara (crítica teatral), 169

HOLANDA, Sérgio Buarque de, 17

I

IBSEN, Henrik, 80

IDINHA (v. D'ALKMIN, Ida)

IVO, Lêdo, 75

J

JEANNE D'ARC DE BARBACENA (v. BERNANOS,
George)

JEFFERSON, Thomas, 82

JESUS, Eugênia Maria de, 87

JOÃO JÃOMIRAMAR (v. ANDRADE, Oswald de)

JOCASTA, 60

K

KAFKA, Alexandre, 67

KAMIÁ (v. BOUFFLERS, Henriette Denise)

KARAWAEWA, Bela, 69

KLIASS, José, 77

L

LANDA (v. BRANDÃO, Carmem)
LEÃO, Flávia Carneiro, 13
LEÃO, Múcio, 84
LEDA (mulher de Lêdo Ivo), 75
LE FORT, Gertrude von, 149
LEITE, João, 74
LIA (mulher de João Alberto Lins de Barros), 89
LIMA, Jorge de, 75, 83
LISZT, Franz, 77
LODI, Euvaldo, 192
LORCA, Federico García, 55, 147
LUCCHESI, Lúcia Bastos, 69
LUCCHESI, Maria Helena Bastos, 69

M

MACBETH, 88
MACEDO, Joaquim Manuel de, 50
MACHADO, Aníbal Monteiro, 87, 89
MACHADO, Antônio de Alcântara, 81, 84
MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria, 24, 88
MAGNE, Augusto, 136
MAIA, José Joaquim da, 82
MALFATTI, Anita, 78
MANFIO, Diléa Zanotto, 187
MARCELIN, Pierre, 45
MARCONDES FILHO, Alexandre, 40
MARIA I (de Portugal), 82, 83
MARIA DAS DORES (mulher de José Maria d'Alkmin), 80
MARÍLIA DE DIRCEU, Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, dita, 83, 87, 133, 166
MARTINS, Pedro Ivan de, 84
MATHIAS, 140
MEDEIROS, Mauricio de, 41
MELLO, Beatriz Azevedo de, 74
MENDES, Murilo, 75, 78, 83
MIGNONE, Francisco, 75
MIGNONE, Liddy Chiaffarelli, 75
MILLIET, Sérgio, 17, 67, 78, 83
MINDLIN, Henrique E., 89

MINDLIN, José, 13, 89
MININA (v. D'ALKMIN, Maria Antonieta)
MININO (v. ANDRADE, Oswald de)
MIRANDA, Murilo, 74
MIRANDA, Tavares de, 170
MIRANDA, Yeda, 74
MIRÓ, Joan, 168
MODIGLIANI, Amadeo Clemente, 43
MOMBEIG, Pierre, 67
MONTAIGNE, Michel de, 83, 142
MORAES, Vinicius de, 74
MORAIS NETO, Prudente de, 84
MOREIRA, Álvaro, 74
MOREIRA, Eugênia, 74
MORUS, Thomas, 55
MOURÃO, Noêmia, 69, 191
MOZART, Wolfgang Amadeus, 77-78
MUSSOLINI, Benito, 86

N

NANDI, Tony, 173
NÁNE (v. D'ALKMIN, Carmen)
NENA, 50
NERUDA, Pablo, 16
NIEMEYER, Oscar, 80, 88
NIETZSCHE, Friedrich, 137
NONÊ (v. ANDRADE FILHO, Oswald de)
NOVALIS, Friedrich barão de Hardenberg, dito, 148
NOVARRO (fotógrafo), 169

O

OLIVEIRA, Alberto de, 50
OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek de, 16, 24, 78, 80, 82
OLIVEIRA, Vidal de, 132
OLYMPIO, Daniel, 75
OLYMPIO, José, 35, 45, 75, 87, 120, 188, 192
OSWALD (v. ANDRADE, Oswald de)

P

PAGU (v. GALVÃO, Patrícia)
PEDRO (filho de Vinicius de Moraes), 74
PELADO (v. ANDRADE, Marília de)
PENTEADO, Lili, 169
PEREIRA, Antonio Olavo, 170
PERUGINO, Pietro Vannucci, dito, 88
PESSOA, Fernando, 43
PESTANA, Clovis, 192
PICABIA, Francis, 168
PICASSO, Pablo, 140, 168
PICCHIA, Menotti Del, 84
PICOCHA (v. ANDRADE, Marília de)
PICOCHÃO (v. ANDRADE, Paulo Marcos de)
PICOCHOS (v. ANDRADE, Marília de e ANDRADE, Paulo Marcos de)
PIERSON, Donald, 67
PLATTARD, Jean, 142
POE, Edgar Allan, 141
PORTINARI, Cândido, 25, 75, 80
PRADO, Paulo Plínio, 69, 134
PRATTES, João Milton, 47
PRESTES, Luís Carlos, 16
PRUDENTE, Carmem, 169

Q

QUADROS, Moema, 67
QUEIROZ, Rachel de, 75

R

RACHMANOVA, Alia, 39
RAMOS, Graciliano, 75, 84
RAMOS, Péricles Eugênio da Silva, 170
RAMOS, Ricardo, 170
REBELO, Marques (pseudônimo de Edi Dias da Cruz), 75
REGO, José Lins do, 75, 84, 86-87
REI LUÍS PELADO I (v. ANDRADE, Marília de)
REZENDE, Póla, 170
RIBEIRO, Êsio Macedo, 21-22, 195

RIBEIRO, Samuel, 170
RICARDO, Cassiano, 17, 75, 83-84
ROCHA, Geraldo, 118, 192
ROLLAND, Romain, 87, 132
ROOSEVELT, Franklin Delano, 68
ROSA DOS ALKMIN (v. D'ALKMIN, Maria Antonieta)
ROSA, João Guimarães, 37
ROUSSEAU, Jean-Jacques, 83
RUDOLFER, Noemy da Silveira, 67

S

SALGADO, Plínio, 83-84, 86
SAMUEL, Dr., 106
SANCHÁ (Senhora Dona Sancha), 57
SANTA ROSA, Tomás, 34
SANTIAGO, Silviano, 82
SANTOS, Geraldo, 69, 170
SATIE, Erik, 78, 80
SCHENBERG, Mário, 16, 25, 80
SCHIK, Anna Stella, 11, 77-78, 80
SCHUMANN, Robert, 78
SCHWARTZ, Jorge, 12, 13, 161
SEGALL, Lasar, 48-49, 56, 59, 74, 134
SELJAN, Moema, 45, 47
SELJAN, Stevo, 45
SELJAN, Zora, 45, 74
SILVA, Domingos Carvalho da, 80
SILVA, Gênese Andrade da, 13, 49
SILVEIRA, Helena, 169
SÍLVIA, 110
SÓCRATES, 58
SOUSA, Gilda de Melo e, 170
STADEN, Hans, 87
STALIN, Ossip (Joseph) Vissarionovitch Dzhughashvili, dito, 68
SUSANA (filha de Vinicius de Moraes), 74

T

T.A.G. (v. GONZAGA, Tomás Antônio)
TATI (v. MELLO, Beatriz Azevedo de)

TELLES, Lygia Fagundes, 41
THOBY-MARCELIN, Philippe, 45
TIDINHA (v. D'ALKMIN, Ida)
TIGRE, Bastos, 89
TIRADENTES, Joaquim José da Silva Xavier, dito, 24,
82, 86-87
TOLEDO, Aristides Lara de, 65, 69
TOLSTOI, Léon, 88
TONETINHA (v. D'ALKMIN, Maria Antonieta)
TONHETINHA (v. D'ALKMIN, Maria Antonieta)

V

VARGAS, Getúlio, 22, 68
VELOSO, Caetano, 176
VILLA-LOBOS, Arminha, 74
VILLA-LOBOS, Heitor, 74, 77-78, 170
VITA, Luís Washington, 69
VOLPI, Alfredo, 16, 25

W

WARNOD, André, 140

<i>Título</i>	<i>Maria Antonieta d'Alkmin e Oswald de Andrade: Marco Zero</i>
<i>Organizadores</i>	Marília de Andrade Ésio Macedo Ribeiro
<i>Produção</i>	Edusp
<i>Design</i>	Ricardo Assis
<i>Assistentes de Design</i>	Heloisa Hernandez Adriana Komura
<i>Editoração Eletrônica</i>	Negrito Design
<i>Tratamento de Imagem</i>	Anderson Lima
<i>Revisão de Provas</i>	Tania Mano Maeta Ésio Macedo Ribeiro
<i>Índice Onomástico</i>	Ésio Macedo Ribeiro
<i>Divulgação</i>	Regina Brandão Rodrigo Scialfa Falcão Aline Frederico
<i>Secretaria Editorial</i>	Eliane dos Santos
<i>Formato</i>	18 x 25,5 cm
<i>Tipologia</i>	Minion
<i>Papel do Miolo</i>	Couchê Fosco 120g/m ²
<i>Papel da Capa</i>	Cartão Revestido 350g/m ²
<i>Número de Páginas</i>	204
<i>Tiragem</i>	2.000
<i>Fotolitos, Impressão e Acabamento</i>	Imprensa Oficial do Estado

